



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA**

FRANCISCO NILTON GOMES DE OLIVEIRA

**DA FRAGMENTAÇÃO AO RESGATE DA LINGUAGEM:
UM ESTUDO DE CASO DAS PRÁTICAS DISCURSIVAS NO AFÁSICO**

**Recife
2010**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

FRANCISCO NILTON GOMES DE OLIVEIRA

**DA FRAGMENTAÇÃO AO RESGATE DA LINGUAGEM:
UM ESTUDO DE CASO DAS PRÁTICAS DISCURSIVAS NO AFÁSICO**

Tese elaborada como requisito final para obtenção
do título de Doutor em Linguística, pela
Universidade Federal de Pernambuco.

Orientadoras:

Prof^ª Dr^ª. Judith Hoffnagel Chambliss (1^º Orientadora)

Prof^ª. Dr^ª. Marília Ana de Moura Aguiar (2^º Orientadora)

Recife

2010

Oliveira, Francisco Nilton Gomes de
Da fragmentação ao resgate da linguagem: um
estudo de caso das práticas discursivas no afásico/
Francisco Nilton Gomes de Oliveira. - Recife : O
Autor, 2010.
117 folhas.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de
Pernambuco. CAC. Linguística, 2010.

Inclui bibliografia.

1. Linguística. 2. Comunicação. 3. Afasia. I.Título.

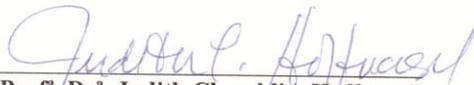
801	CDU (2.ed.)	UFPE
410	CDD (22.ed.)	CAC2010-101

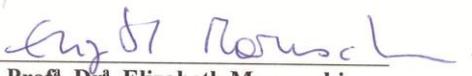
FRANCISCO NILTON GOMES DE OLIVEIRA

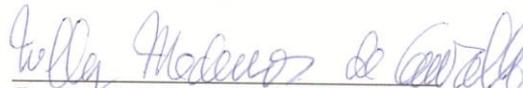
**Da Fragmentação ao Resgate da Linguagem: Um Estudo de Caso das
Práticas Discursivas no Afásico**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Federal de Pernambuco
como requisito para a obtenção do Grau de Doutor
em Linguística em 6/8/2010.

BANCA EXAMINADORA:


Prof.^a Dr.^a Judith Chambliss Hoffnagel
Orientadora – LETRAS - UFPE


Prof.^a Dr.^a Elizabeth Marcuschi
LETRAS - UFPE


Prof.^a Dr.^a Nelly Medeiros de Carvalho
LETRAS - UFPE


Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia Gurgel da Costa
FONOAUDIOLOGIA - UFPE


Prof.^a Dr.^a Lilian Ferreira Muniz
FONOAUDIOLOGIA - UFPE

Recife – PE
2010

À minha amada MÃE, que, com sua luz, iluminou meus caminhos; com seu amor, aqueceu meu espírito; com seu carinho, me fez mais feliz... Amo você, minha linda!

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Todos os dias, agradeço a **Deus**, que nos dá um momento em que é possível mudar tudo o que nos deixa infelizes.

Aos meus Amigos, que tornaram o caminho árido mais brando aos meus pés; que fizeram das tempestades, chuvas serenas e dos vales tenebrosos, pastagens verdejantes. Que “me ocultaram em suas cabanas nos dias de infelicidade” e me apoiaram sendo alicerce nos momentos mais difíceis e angustiantes.

Meus amados amigos: **Glaudson**, meu porto seguro, meu apoio necessário nas minhas idas e vindas a São Paulo; ao **Roberto, o eterno Roberto de Patrício**, que sempre velou meu sono, meus passos e minha vigília; que me ensinou que o maior conhecimento existente é aquele que vem da alma.

A Ana Amélia, Eliza Freitas e Dani Karla, pela amizade e alegria na convivência.

A André Boyadjian, com saudade de sua presença amiga.

A Marígia Aguiar, não só pelo grande profissionalismo, mas, sobretudo, pelo apoio nos momentos mais difíceis; pelo muito que acreditou em mim, expressando essa confiança em palavras de carinho e incentivo das quais jamais me esquecerei; que Deus lhe proporcione um caminho de luz e paz!

À Profª Lúcia Galindo, pela compreensão despendida e pelos diversos ensinamentos.

A Maria Lúcia Gurgel, Malu, que, com seu sorriso, me conquistou. Devo também a você essa caminhada, pelo incentivo e apoio, sempre. Muito obrigado!

À UNICAP e ESAMAZ, pelo apoio concedido, tornando possível a concretização deste trabalho e, em especial, aos colegas de trabalho da ESAMAZ e aos Professores do Curso de Terapia Ocupacional da UNICAP, por todo apoio e carinho.

Às Professoras da UNICAP e da UFPE, Maria Luíza Timóteo, Mauricéa Tabosa, Cínthia Kalyne, Ana Luíza Costa, Marinalva Andrade, Ana Karina Pessoa, Keise Nóbrega e Nádia Pereira, pelo imenso apoio e incentivo nos momentos mais difíceis.

A Ana Augusta Cordeiro, que sempre acreditou em mim e sempre foi aconchego, com seus ombros consoladores e sua constante forma fraternal de amar.

Aos funcionários da UNICAP Alex Bezerra, Fátima Gonçalves e Tereza Fuchs, pela paciência, disponibilidade, auxílio e presteza.

À ex- aluna e amiga Simone Epitácio, pelo ânimo contagiante.

À minha orientadora, **Judith Hoffnagel**, sempre ética e profissional, que ajudou a iluminar minhas buscas, partilhando saberes e experiências.

Aos meus colegas de turma **Carol, Josi, Flavinha e Denise Menezes**, pelos bons momentos inesquecíveis.

A **Gilvani**, *in memoriam*, presença marcante em minha vida, apesar de sua existência tão breve, por ser sinônimo de paz, força, leveza e brilho.

A **Adalto Guesser**, pelo tempo compartilhado.

Aos meus irmãos **Geilson, Kátia e Wilson Filho**, pela paciência e compreensão nos momentos de maiores dificuldades.

Ao **meu PAI**, importante presença em minha vida, pelo exemplo.

A todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para a execução deste trabalho.

[...] não importa qual seja a dor; nem as pedras que vou pisar. Não importa se é pra chegar eu sei, eu sei! De você fiz o meu país, vestido em festa e final feliz [...] (Ivan Lins).

RESUMO

Neste trabalho, busca-se analisar as práticas discursivas de sujeitos afásicos, participantes do grupo denominado Centro de Convivência de Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco, buscando compreender as conseqüentes perdas na sua produção de vida, como também examinar as questões da significação da linguagem desses sujeitos e suas representações linguísticas através de um *corpus* composto de entrevistas realizadas com eles. Procurou-se observar e analisar os inúmeros fatores que dificultam a (re) inserção desses sujeitos em suas rotinas de vida, em seu convívio social e em seu mundo familiar, bem como, a partir da leitura e releitura dos discursos dos sujeitos, analisar seu discurso, fundamentando-se em conhecimentos engendrados pela ciência sobre a linguagem humana, com o fito de estabelecer possíveis paradigmas para uma intervenção que propicie ao afásico não apenas a (re)construção de sua fala, mas que amplie a sua dimensão humana no contexto pós-doença. Nesta tese, refutando-se o pensamento de afasiologistas que vislumbram a recuperação da patologia, centrados na doença e não no sujeito, cuja constitutividade sociolinguística está comprometida, criamos, como ponto de partida, a hipótese de que a fragmentação da fala desses sujeitos, apesar de ser um complicador em sua situação comunicativa, não desfaz sua característica de ser social, de sujeito discursivo. Procurou-se, portanto, estabelecer novos possíveis paradigmas para uma intervenção que propicie ao afásico maiores oportunidades para a readaptação de sua fala, ampliando a dimensão humana no contexto pós-doença e buscando quebrar os estigmas sociais associados ao sujeito afásico, o qual, através da realização das atividades do dia a dia, se percebem, percebem os outros e a natureza que se encontra ao seu redor, funcionando essas atividades como reguladoras do seu bem estar biopsicossocial.

Palavras Chave: linguística, comunicação, afasia.

ABSTRACT

In this work, we seek to analyze the discursive practices of aphasic participants of the group called Centro de Convivência de Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco, trying to understand the consequent losses in its production life to also examined questions of meaning and language of these subjects, and their linguistic representations through a corpus of interviews with them. It was observed and analyzed the many factors that hinder the (re) integration of these individuals in their daily life, social life and in his familiar world. From reading and rereading of the speeches, it was analyzed their linguistic structure, basing on knowledge engendered by science about human language, with the aim of establishing possible paradigms for effective intervention that is conducive to aphasic (re) construction of their speech, expanding the human dimension in the post-illness. In this thesis, contradicting afaologistas that recovery of pathology, based on disease and not on the subject, which is committed constituent sociolinguistics, we create, as a starting point, a hypotheses that such a fragmentation of his speech, despite to be a complicated to their communicative situation, doesn't feature their social situation, their subjective of speech. It sought to establish new paradigms for a possible intervention that would assist the aphasic greater opportunities for rehabilitation of their speech, expanding the human dimension in the post-illness. It seeks after to break the social stigmas associated with the aphasic person who feels, perceives others and nature that is around them, running these activities as regulators of their biopsychosocial wellbeing.

Keywords: language, communication, aphasia.

RÉSUMÉ

Ce travail analyse les pratiques de raisonnement des participants aphasiques du groupe appelé le Centro de Convivência de Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco, en essayant de comprendre les pertes affectant leur vie créative et en examinant aussi les questions de compréhension et d'expression de ces sujets, ainsi que, grâce à un ensemble d'entretiens avec eux, leurs représentations linguistiques. On a cherché à observer et analyser les nombreux facteurs qui entravent la (ré) intégration de ces personnes dans la vie quotidienne, la vie sociale et dans leur vie en famille et, à la lecture et la relecture des discours, d'analyser leur structure linguistique, en se basant sur les connaissances engendrées par la science sur la langue humaine, dans le but d'établir les paradigmes possibles d'une intervention efficace qui soit propice aux aphasiques, à la (re)construction de leur discours, en élargissant à la dimension humaine pendant leur convalescence. Dans cette thèse, la réflexion sur l'aphasie contradiction qui cherche la récupération de la pathologie, la maladie et pas de cents dans le sujet, dont la sociolinguistique constitutifs est commis, il crée un point de départ, l'hypothèse que la fragmentation de ces pourparlers sujetios, en dépit d'être un facteur de complication dans leur situation de communication, sa caractéristique d'être sociale, sous réserve discursive est préservée. Cherché à établir de nouveaux paradigmes pour une éventuelle intervention qui aideraient les possibilités aphasique plus pour la réhabilitation de leur discours, en élargissant la dimension humaine dans l'après-maladie et qui cherchent à briser les stigmates sociaux associés à la personne aphasique qui, en prenant la activités de la vie quotidienne, ils se sentent, perçoivent les autres et la nature qui est autour de vous, l'exécution de ces activités en tant que régulateurs de leur bien-être biopsychosocial.

Mots-clés: langage, la communication, l'aphasie.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
Capítulo I	
A Linguagem humana e o universo linguístico	16
1.1 Universo filosófico da linguagem, nos séculos XIX e XX	16
1.2 A visão interacionista de linguagem e suas consequências para os estudos linguísticos	20
1.3 A afasia e sua repercussão na constituição dos sujeitos	42
Capítulo II	
A Linguagem do afásico à luz das teorias linguísticas	49
2.1 Constituição do <i>corpus</i>	49
2.2 Análises das produções discursivas dos participantes afásicos	53
CONCLUSÃO	79
REFERÊNCIAS	86
APÊNDICES	99

INTRODUÇÃO

Habitado pela linguagem, o sujeito é, em essência, um ser social, ser de partilha, que, em consequência, sofre se tiver que viver isoladamente. A preocupação motivadora deste estudo, portanto, levou em conta o pressuposto teórico da importância da linguagem para o desenvolvimento do indivíduo, em seu aspecto social e humano, entendendo a linguagem como estabelecadora de relações socioafetivas, construídas a partir das redes sociais.

Dessa forma, a linguagem humana é entendida numa dimensão maior, como constitutiva do sujeito, o qual, por meio de seu uso, gera significações para a produção de vida do indivíduo, no seu cotidiano e no seu mundo. Nessa acepção, portanto, infere-se que as manifestações linguísticas são historicamente situadas, uma vez que são constituídas e reconstituídas ao longo da vida. Entende-se a linguagem como possibilitadora de o homem transmitir informações nos itinerários discursivos, levando-se em consideração sua produção discursiva, tecida ao longo de suas práticas sociais.

Nas diversas formas de relações humanas que são estabelecidas numa determinada sociedade, portanto, as manifestações linguísticas são determinantes para que essas redes interacionais e sociais se estabeleçam. A compreensão dos processos linguísticos e das produções discursivas, que é estabelecida nas diversas interações sociais, faz-se num processo dialógico, do qual o sujeito afásico é abruptamente afastado, quando se vê diante da perda da função comunicativa, devido à fragmentação de sua fala advinda da patologia que o acomete.

Preocupamo-nos, pois, em analisar como se concretiza a interlocução entre portadores dessa patologia da linguagem, apropriando-nos do problema denominado afasia, enquanto objeto desta investigação, sob o prisma de correntes teóricas da filosofia da linguagem e da linguística, as quais fundamentaram o arcabouço teórico desta tese e subsidiaram a análise das produções discursivas dos indivíduos investigados.

Nesse diapasão, salientou-se que esse (re)desenho teórico da linguística explora a afasia de uma maneira abrangente, já que, em geral, as pesquisas apresentadas sobre essa patologia enveredam suas discussões sob o olhar de correntes teóricas que se preocupam, apenas, com a análise da estrutura frásica em obediência ao sistema linguístico, bem como com a articulação dos fonemas e seleção lexical adequadas.

A relação direta entre linguística - na perspectiva da filosofia da linguagem e da Linguística - e afasia, analisada sob o prisma linguístico-discursivo, é uma proposta interdisciplinar, pretensamente nova nas produções científicas sobre o tema em estudo,

concebendo vertentes epistemológicas que possibilitam entender a língua, dentro de uma dimensão social na produção humana, envolvendo sujeitos afásicos.

Nesses modelos, concebemos a língua numa *práxis* que apreende a compreensão e a (re) construção dos processos de significação da linguagem humana, com foco no sujeito afásico, a cuja linguagem deve ser permitida uma re-transformação dos significados linguísticos, com repercussão em suas dimensões ocupacionais.

Reconhecemos que o tema vem sendo estudado e discutido em diferentes áreas de conhecimento, com propostas, métodos e abordagens que norteiam a condição do sujeito afásico em seu funcionamento linguístico, mas propusemo-nos a lançar um olhar diferenciado sobre a produção discursiva do indivíduo acometido por essa patologia, dando um passo no sentido de obter uma visão interdisciplinar, no momento em que se buscou, por meio da análise linguística da fala fragmentada do afásico, reconhecer, em seus depoimentos, sua postura de sujeito sociodiscursivo.

Para compreender a afasia, buscamos diferentes modelos históricos, etiológicos e prevalentes que buscam a compreensão do processo saúde-doença, destacando-se como contribuintes deste trabalho os estudos de Coudry¹ (1990), Murdoch (1997) e Morato (2002), entre outros, os quais preconizam interlocuções entre a linguística e a linguagem afásica. Da Linguística, percorremos teóricos como Bakhtin, Pêcheux, Fairclough, Authier-Revuz, Koch e outros, buscando, em seus estudos, esclarecimentos sobre aspectos do fenômeno da linguagem e de como se dá a sua relação com os sujeitos.

Os estudos centrados na área da Linguística possibilitaram-nos reconhecer que as inter-relações estabelecidas pelos indivíduos apresentam certa complexidade, o que nos fez traçar, como um dos objetivos desta pesquisa, compreender como os processos linguísticos se estabelecem e se modificam nas interações sociais, cujos sujeitos apresentam quadro de afasia.

Compreendendo como a linguagem, enquanto desempenho ocupacional, constitui-se e reconstitui-se nas interações, ou seja, como tais processos linguísticos têm significado na vida dos indivíduos, objetivou-se analisar de que forma isso se altera e compromete a vida dos afásicos, como sujeitos sociodiscursivos. Intermediados pela análise do processo de comunhão, de interação, de concepção da linguagem orientada pela produção do discurso, especificou-se, como meta desta pesquisa, buscar entender como o próprio sujeito afásico

¹ A referida autora menciona que o olhar dos profissionais que lidam com os sujeitos afásicos não é voltado para o sujeito portador de uma afasiologia, porém para a afasia (doença).

desconstrói e reconstrói sua imagem e aponta outras possibilidades nas suas rotinas significativas.

Propôs-se, assim, analisar as práticas discursivas de três afásicos, com o objetivo de compreender o comprometimento ou não desses sujeitos discursivos, ante as conseqüentes dificuldades em sua vida, como interlocutor. Para isso, examinaram-se as questões da significação da linguagem desses sujeitos e suas representações linguísticas, bem como as perdas decorrentes da patologia, através de um *corpus* de entrevistas, coletado durante a vivência do autor, no Grupo de Convivência dos Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.

Esse grupo foi implantado no ano de 2004, criado pelo Curso de Fonoaudiologia da UNICAP e dele participavam professores, alunos da graduação e da pós-graduação que estivessem envolvidos com pesquisas envolvendo esses indivíduos, além de familiares e acompanhantes dos afásicos. O objetivo principal dessa investida foi o de proporcionar e estimular as práticas discursivas de sujeitos acometidos pela afasia, buscando a identificação e uso de estratégias que contribuíssem para a adaptação deles aos desafios impostos pela fragmentação de sua linguagem, sempre visando atender às necessidades de cada afásico, como sujeito social. Tal iniciativa gerou inúmeras pesquisas e possibilitou apoio aos sujeitos afásicos em Pernambuco.

Dessa forma, com a meta de proporcionar e estimular as práticas discursivas no afásico, dentro de um contexto de vida e da doença, propiciaram-se, nessa convivência, situações interativas que motivassem a produção oral do sujeito afásico como forma de, pela superação de suas dificuldades linguísticas, ajudar no processo interativo desse sujeito, promovendo, como consequência, a sua (re)inserção social, valendo-se, para isso, de atividades lúdicas e recreativas.

Os trabalhos vivenciados no grupo consistiram de atividades ocupacionais diversificadas, cujo objetivo era ativar a memória linguística, envolvendo indivíduos afásicos e não afásicos (terapeutas, professores, estagiários e familiares dos pacientes), de modo a favorecer as práticas discursivas, que promovessem a sua (re)socialização e (re)criação de novas possibilidades interativas.

A convivência do autor, como terapeuta ocupacional, nesse grupo constituído por sujeitos acometidos de Acidente Vascular Cerebral (AVC), oportunizou reconhecer para além da dificuldade articulatória da fala, preocupando-se em minorar a perda de sua interação social, em decorrência da sua dependência e pouca autonomia. Sendo assim, esta pesquisa justificou-se pela necessidade de se oferecerem subsídios teóricos sobre a afasia, numa relação direta com a

linguística, não numa visão estruturalista, mas focada no funcionalismo da linguagem desses sujeitos.

Como se concentra na análise de dados obtidos a partir da observação de um fenômeno contextualizado, esta pesquisa se enquadra como qualitativa, preocupada não com dados estatísticos, mas voltada para a interpretação de posicionamentos de autores sociais, enfocando não só registros conscientes como aspectos da subjetividade dos indivíduos analisados na sua relação com o pesquisador, mas também analisando, contextualmente, a construção das imagens significativas de si mesmos.

No primeiro capítulo desta tese, abordou-se a linguagem humana e o universo linguístico, a construção da linguagem dentro de um contexto da prática discursiva, enfocando a língua como uma atividade social no processo interativo, sob os olhares do modelo teórico da Filosofia da Linguagem e da Linguística, com breve relato situacional sobre o conceito de afasia.

No capítulo 2, analisaram-se as estruturas discursivas dos participantes da pesquisa, confrontando-as com os aportes teóricos, construídos ao longo da fundamentação teórica desta tese, levantando-se oitenta e sete recortes na fala dos três indivíduos participantes desta pesquisa.

Na conclusão, salienta-se que o indivíduo, ao se tornar portador de uma doença qualquer, em especial a afasia, deve ter preservada sua essência subjetiva, necessitando-se, para isso, de ampliar a preocupação para com as possibilidades, habilidades e competência que esse indivíduo pode, ainda, desenvolver, através das suas atividades do cotidiano. Nessa visão, alguém que apresenta dificuldade de fala, não pode ser considerado como um ser incapaz ou improdutivo, mas apenas como um sujeito que apresenta um acometimento em um de seus componentes discursivos.

CAPÍTULO I

A LINGUAGEM HUMANA E O UNIVERSO LINGUÍSTICO

1.1 Universo filosófico da linguagem, nos séculos XIX e XX.

Com a Segunda Revolução Industrial e o desenvolvimento das ciências e das técnicas, a Filosofia valorizava o saber científico e a tecnologia, e neles confiava como fontes fidedignas para domínio e controle da Natureza e da sociedade. Assim, a Filosofia apoiou os ideais revolucionários que aspiravam a uma sociedade nova e justa, se houvesse uma ação dos oprimidos e explorados.

Karl Marx, no século XIX, principal criador do materialismo dialético, voltado para a economia e a política, defendia que “os dados dos sentidos devem ser examinados e ordenados pela razão e as conclusões da razão devem ser confrontadas com a observação sistemática dos sentidos” (MARX, *apud* COTRIM, 1996, p.75).

Com o surgimento das sociedades totalitárias e das burocráticas, ainda no século XIX, a Filosofia, focando a questão lógico-linguística, afirma que o entendimento de um novo conhecimento é dependente da sua formulação linguística, motivo pelo qual a Filosofia volta seu interesse para a linguagem, agora priorizando o entendimento de nossa consciência e da sua forma de expressão, ou seja, a linguagem.

Apresentando a ideologia como poder social invisível que coage pensamentos e ações, Marx contribuiu para essas novas discussões, na Filosofia, sobre poder da razão, sujeito cognoscente, aparências e ilusões. Não era uma preocupação nova, mas era, com certeza, um enfoque novo, pois a linguagem passa a ser vista “como poder de conhecimento racional e as palavras, agora, são conceitos ou ideias, estando referidas ao pensamento, à razão e à verdade.” (CHAUÍ, 1999, p. 139).

Podemos dizer que, até o século XIX, essa preocupação dos filósofos com a linguagem, em geral, fundava-se numa condição de vericondicionalidade, em que a linguagem era uma representação constatativa, ou seja, um mero espelhamento do mundo, uma semiotização verbal, descrevendo a sua essência e isso dá valor de verdade à sentença. Só em 1929, Wittgenstein distancia-se dessa análise de linguagem idealizada, passando a admitir que “As palavras só adquirem significado no fluxo da vida; o signo, considerado separadamente de suas aplicações, parece morto, sendo no uso que ele ganha seu sopro vital” (WITTGENSTEIN, *apud* COSTA, 2007, p. 38).

Reformulando sua visão sobre o princípio da verificabilidade, Wittgenstein passa a considerar que o significado de uma frase não está em verificar se ela verdadeira ou não, mas sim, na análise do modo como se dá tal verificabilidade. Assim, seriam falsas apenas as frases cuja veracidade não pode ser verificada, como nas frases de cunho religioso.

Adiante, Wittgenstein (1996) acrescenta à concepção verificacionista do significado a questão do uso ou aplicação na linguagem, segundo as regras da gramática, semanticamente relevantes, cuja diversidade de modos de uso de uma mesma expressão é explicada por Wittgenstein pela noção de **jogos de linguagem**, cujo conceito pode ser sintetizado como sendo o uso de elementos linguísticos por pessoas comuns em determinadas condições empíricas, com escolhas limitadas e impostas pelas regras sociais, cujo caráter não rigorosamente determinante possibilita escolher entre várias táticas e, eventualmente, determinar a melhor tática para cada situação. Wittgenstein (1996), portanto, diz que os jogos de linguagem são definidos como um conjunto de práticas linguísticas e das atividades com as quais essas práticas estão interligadas.

Na concepção do uso e da linguagem, para Wittgenstein, a linguagem não pode, pois, ser encaixada de forma fixa, com uma mesma estrutura e uma mesma gramática, representando os jogos de linguagem a diversidade de situações, no cotidiano do sujeito, dentro de uma ação prática e, sendo assim vista, a linguagem, no âmbito dialógico, transforma a função denotativa, ou seja, observa-se que a interação se dá entre os sujeitos e, nela, os significados são construídos de forma que um sujeito possa agir sobre a fala do outro.

Foi, pois, ancorando-se nos pressupostos de Wittgenstein (1996), que a linguagem passa a ser abordada enquanto atividade, enquanto forma de vida, concebendo, pois, o componente ideológico e o componente social, vista a partir da sua usabilidade no cotidiano. Esse fenômeno é dado a partir de uma ação entre dois sujeitos, para os quais há regras flexíveis e modificáveis dentro de um contexto de tempo e espaço. (cf. WITTGENSTEIN, 1996).

Decorrente dessa nova visão da Filosofia, surge uma melhor compreensão sobre a linguagem humana e o paradigma concebido agora a contempla com uma natureza sócio-histórica que se firma a partir do diálogo. A compreensão desse modelo é de que a linguagem não é apenas um mero instrumento de comunicação, de transmissão de informação, porém, numa perspectiva sociodiscursiva, é de interação, que está envolvida em uma ideologia.

Assim sendo, a produção de sentidos decorre dos procedimentos adotados na interação, sendo a compreensão uma capacidade humana, que permite ao homem agir de formas diversas em momentos específicos. Essa inserção e ação do homem na comunidade

linguística vai, portanto, exigir dele a noção de estratégia, que lhe garanta a possibilidade de mudança de conceitos e significados, de modo a atenderem às necessidades da situação de uso.

Com essa virada filosófica, empreitada inicialmente por essa postura de Wittgenstein, em seu segundo momento, os filósofos da linguagem não mais estão apegados ao ideal linguístico, mas, sim, à linguagem ordinária, dedicando-se a estudar o significado e o sentido das estruturas linguísticas, como são empregadas nos processos da fala no mundo que cerca o indivíduo. Sendo assim, preocupam-se em focar os sentidos da fala associada aos aspectos sociais e em demonstrar qual é a sua relevância para a produção da linguagem pelo indivíduo.

Parte-se, agora, da análise da linguagem ordinária, vista como o eixo estruturador de suas teorias. Saem da linguagem ideal para a linguagem real, em situações concretas de uso. O que importa é a linguagem do cotidiano que, tal como é, está em ordem, diz a que veio. Assim, a linguagem adquire sentido no uso, em determinados contextos, em situação de interação.

Nessa proposição, a Filosofia da Linguagem Ordinária passa a representar uma tentativa empírica de caracterizar aquilo que se deve saber a respeito da língua no processo do cotidiano dos indivíduos. O ponto fundamental para ela é considerar os conteúdos semânticos da fala no processo interacional e, assim, a linguagem cotidiana passa a interessar aos filósofos, dando início ao que ficou conhecido como Filosofia da Linguagem Ordinária, não mais a ciência da certeza, apegada ao discurso científico, mas reconhecendo que o funcionamento da linguagem é contextual, gerando a transitoriedade circunstancial da significação, estabelecida na interação de pessoas, que agem numa relação direta com o contexto. Considera-se um avanço o fato de, agora, buscar-se entender como a linguagem funciona, apesar de que o sujeito da linguagem ainda não merecesse destaque.

Entretanto não se pode deixar de reconhecer que, indubitavelmente, foi grande a contribuição de Wittgenstein, pois foi graças aos seus posicionamentos que a linguagem cotidiana passa a interessar aos filósofos, dando início à Filosofia da Linguagem Ordinária, ciência da incerteza, apegada ao discurso geral, reconhecendo que a linguagem “age” enquanto representa, portanto seu funcionamento é contextual e a significação passa a ser circunstancial, transitória, a dar-se em uso, na *práxis*, na negociação de pessoas, na interação, mantendo relação direta com o contexto. Não importa só a essência da linguagem, mas como ela funciona, embora ainda não fosse dada muita relevância ao sujeito da linguagem.

A elucidação do significado deve, pois, ser buscado na troca comunicativa, graças à dinamicidade da linguagem, sendo o sentido decorrente dos procedimentos adotados na interação, a qual exige do ser humano uma noção de estratégia que atenda às necessidades da situação de uso. Segundo Wittgenstein (1996, p.65 §111),

Os problemas que surgem a partir de uma interpretação incorreta das formas da nossa linguagem têm a marca da *profundidade*. São inquietações profundas. Suas raízes em nós são tão profundas quanto as formas de nossa linguagem, e sua significância é tão grande quanto a importância que nossa linguagem possui. (grifo do autor).

A relevância atribuída aos processos sociais de produção e compreensão da linguagem só passou a ter evidência científica, quando a linguística considerou associar a língua e a interação verbal, a partir de uma relação dialógica, entre falante e ouvinte. Nessa acepção, Bakhtin (1992), filósofo russo, constrói seu discurso, contrariamente às premissas teóricas da Filosofia Clássica da Linguagem, estudando os comportamentos verbais nos aspectos sociais e interacionais, em situações reais de uso da linguagem. Portanto a Filosofia da Linguagem pela qual Bakhtin se interessa, ocupa-se, em particular, dos processos dinâmicos da linguagem, nos quais a fala tem todo o seu valor de ato social, apesar de seu objeto de estudo estar voltado para a linguagem literária, especificamente em Dostoiévsky.

Bakhtin analisa essa interação como própria do ser humano e chega a afirmar que até “a elaboração estilística da enunciação é de natureza *sociológica*” (1992, p.122 – grifo do autor), não sendo a palavra percebida como carregada de mistérios, ao contrário, pois, para ele, a palavra é “percebida como um irmão, como uma roupa familiar, ou melhor, como a atmosfera na qual habitualmente se vive e se respira. Ela não apresenta nenhum mistério.” (1992, p.100).

Foram, basicamente, essas reflexões filosóficas que embasaram novos caminhos das teorias linguísticas nas últimas décadas, cujos estudos sobre a linguagem versam, em especial, sobre a sua importância na constituição do ser humano. Restou claro que entender a linguagem e suas estratégias de uso é habilitar-se a atuar no mundo de forma mais consciente, individuando-se no coletivo, na interação pela linguagem.

Dessa forma, como o viés desta pesquisa perpassou por um prisma teórico que vê a linguagem num contexto sócio-histórico, buscamos fazer uma leitura de algumas concepções teóricas da linguagem humana, nessa busca de fundamentar a pesquisa com o pensamento voltado para o indivíduo afásico.

A priori, buscou-se investigar correntes que possibilitassem uma interlocução entre a linguística e a linguagem, em relação com a afasia. Entendendo a língua como sócio-

histórica, escolhemos, como uma das bases da fundamentação teórica desta pesquisa, os pressupostos teóricos de Authier-Revuz, Mikhail Bakhtin, entre outros, cujo elemento comum se ancora numa concepção dialógica da linguagem, sendo a língua uma atividade social, cujos estudos se centram na enunciação, como processo verbal e não, ao produto. Também foram importantes as contribuições de autores cuja preocupação se centra na linguagem do afásico, como Murdoch e Morato entre outros.

Dada a sua importância para esta pesquisa, detivemo-nos em perpassar os principais conceitos desses autores, os quais embasaram a nossa análise sobre linguagem e a linguagem do afásico, partindo de uma concepção de linguagem como atividade social, na produção dos discursos, que se dá, necessariamente, numa relação dialógica.

1.2 A visão interacionista de linguagem e suas consequências para os estudos linguísticos

Bakhtin, em seus pronunciamentos teóricos, percorreu “diferentes áreas do conhecimento, como a Filosofia Marxista, Psicologia Social, Filosofia da Linguagem, Linguística, Literatura, Filologia e História.” (ZANDWAIS, 2005, p.7).

Também nas primeiras décadas do século XX, Bakhtin (1992) se debruçou sobre o estudo da língua e da linguagem humana, como meio de esclarecer teorias (a princípio, focadas na literatura) que invocassem a língua em uso na dimensão social, ou seja, entender a língua, a partir da esfera social, numa concepção científica de dialogismo. Seus estudos chegaram ao nosso público apenas nos anos finais da década de 70, quando muitos linguistas já se interessavam pela força da linguagem no meio social, havendo uma grande aceitação dos escritos bakhtinianos sobre o enfrentamento dialógico da linguagem.

Para Ducrot (1972) também, os processos linguísticos são determinados pela história e mediados pela dimensão social que envolve os aspectos humanos no processo de dialogização, a partir de interação verbal. Para esse autor, os processos linguísticos estão ancorados na idéia de que a enunciação (fala) está condicionada ao uso, na dialogização humana, levando-se em conta a história de vida do falante e a sua condição de mundo.

Ducrot (*op.cit.*), nos seus apontamentos teóricos, também critica as concepções mecanicistas sobre a linguagem, não admitindo a linguagem humana ser reduzida à aplicação de um sistema de regras. Para ele, o que se desenvolve no indivíduo é a uma interação entre as estratégias linguísticas permitidas pelo sistema e a sua atividade de linguagem, com vista ao conhecimento e à comunicação.

Definir a linguagem, portanto, dentro do universo linguístico é algo bem subjetivo, já que se postula a linguagem intrinsecamente ligada aos fatores sociais, modeladores da mente

e do psiquismo, a partir de uma perspectiva semiológica. O signo, como produto social, tem função geradora e organizadora dos processos ideológicos, quando afirma que “O signo é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela. A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa.” (BAKHTIN, 2004, p.35-36).

Para Bakhtin, a vida é naturalmente dialógica, e é a alteridade a responsável pela definição do ser humano, ou seja, a presença do outro é imprescindível à constituição do indivíduo, sendo a relação, entre os seres humanos, estabelecida pela comunicação por meio da língua, mas vista de uma perspectiva na qual a interação dos interlocutores é fundamental para a linguagem. Afirma o autor:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 2004, grifos do autor)

Essa concepção de língua como forma de ação que se dá entre sujeitos, num contexto social, implica o reconhecimento de ser ela uma atividade social, por meio da qual os sujeitos constroem sentidos. Integram-se, nessa visão, os aspectos gramatical, semântico-cognitivo e discursivo da língua natural, além das imagens que constrói um sobre o outro.

Contra a quimera de que a língua não deve ser examinada além de qualquer contexto, como supunha a Filosofia Clássica, a linguagem passou a ser compreendida sob o prisma de uma linguística discursiva, isto é, como manifestações linguísticas produzidas em situações concretas de uso e sob determinadas condições de produção. A linguagem inscreve-se nos enunciados dos falantes, sendo a enunciação, ou seja, a situação em que se formula o enunciado, determinante do sentido do que é dito pelo sujeito.

Segundo Fiorin (1996, p.42), “foi somente a partir dos pensamentos de Benveniste e Jakobson que houve a concretização da enunciação no campo linguístico”, ampliando-se a importância da enunciação na constituição do discurso. Segundo esse autor, as teorias enunciativas enfocam as ilimitadas possibilidades de enunciação como constituídas pelo sistema linguístico, sendo sua análise linguística centrada no uso, já que as enunciações se contextualizam na vida social do enunciador e do enunciatário, estabelecendo-se, pois, numa relação dialógica entre locutores e ouvintes, possibilitado pela liberdade discursiva. A importância do enunciado extrapola o aspecto linguístico (o dito e o não dito), emergindo

também das formas de interação estabelecidas com outros enunciados e com a realidade do sujeito falante. (cf. FIORIN, 1996).

Essa mesma percepção tem Coudry (1988) quando confirma ser da essência social humana o uso da língua, adaptando-a às diversas situações de sua *práxis* cotidiana. Dessa forma, por meio da língua, as pessoas agem sobre o mundo e, especialmente, sobre os outros, estabelecendo-se, nesse modo de representação, uma ligação dual entre discurso e estrutura social. (cf. FAIRCLOUGH, 2003).

Koch (2003, p.7-8) aponta a concepção da linguagem “como *forma de ação* [...] como *lugar de interação* que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos, que vão exigir dos semelhantes reações e/ou comportamentos...”. Isso implica dizer que a linguagem não é mais vista como representação do mundo nem apenas como instrumento de comunicação, mas vê-se como o ser humano é capaz de, por meio da linguagem, agir um sobre o outro, interagir com o outro, em seu meio social, fazendo-o com intenção determinada e obtendo resultados por vezes inesperados. Bakhtin (1993, p.297) enfatiza que “Eu não posso me arranjar sem um outro, eu não posso me tornar eu mesmo sem um outro; eu tenho de me encontrar num outro por encontrar um outro em mim”. Neste trabalho, esse aspecto teve significativa relevância, daí porque procurou-se ver como fica o sujeito afásico diante do isolamento muitas vezes imposto pela patologia.

Essa relação em via dupla, de que também nos fala Fairclough (2003), significa que o mundo social molda o discurso, ao mesmo tempo em que é moldado por ele. Considerado, pois, em sua complexidade e fundado, principalmente, na liberdade de manifestação individual, o discurso se revela na prática da produção discursiva, a qual se dá, cotidianamente, no âmbito social do indivíduo, nas suas ações diárias. Essa autonomia discursiva é que funciona como gerador de mudanças no grupo social do indivíduo, pois é-lhe “facultado o poder de aprovar ou desaprovar, criticar ou louvar, votar a favor ou contra as decisões que o afetam como um membro da coletividade”. (FAIRCLOUGH, 2003, p.64).

Nessa proposição, Bakhtin (2004) postula que a utilização não aleatória da língua, no processo comunicativo vivo, condiciona-se às características de seu uso, como ocorre nas atividades humanas. Assim, segundo o autor, a língua, mantendo seu caráter social, é também individual, já que representa uma manifestação de um sujeito particular, assumindo, dessa forma, uma dualidade, ou seja, caracteriza-se como uma entidade plural. Isso implica dizer que os enunciados se relacionam numa cadeia responsiva, ou seja, o dito, como resposta a um enunciado anterior, influencia um novo enunciado, direta ou indiretamente interligados, de

forma tal que os discursos da sociedade influenciam o discurso singular, implicando a imagem do outro sobre si e seu discurso.

Vygotsky (1989), pelo viés da cognição, também vê, na interação sujeito-ambiente, o foco da construção das funções mentais implicadas na ação comunicativa, as quais se constituem durante a vida social do homem, vendo esse autor o cérebro como um sistema sujeito a transformações, em decorrência das mudanças sócio-históricas a que o indivíduo se submete, no momento da interação social.

Ainda especificando a língua enquanto atividade social na produção dos discursos humanos, Ducrot (1972) explicita que, ao comunicar-se em contextos diversos, age o homem sobre o outro e, ao fazer uso da sua linguagem no dia a dia, está exercendo a função expressiva humana. Nessa acepção, o sentido não se dá de forma automática, apenas pela simples alternância de papéis de locutor e alocutário, mas é (re)construído na interação.

Para Fauconnier e Sweetzer (1996), por meio da linguagem, o falante expressa sua posição na sociedade, ainda que diversa da real, o que caracteriza uma relação direta entre linguagem e atividade social. Brandão (1995) também defende ser a linguagem um ato social, base do interacionismo social. Assim vendo, qualquer alteração no uso dessa linguagem (falada e escrita) pode gerar consequências sérias para o sujeito na sua esfera social, sendo a mais contundente a sua questão identitária, pois o indivíduo passa a ser descaracterizado naquilo que foi construído ao longo da sua história de vida, já que é, na relação direta dos indivíduos no seu contexto social, que se elabora e desenvolve o discurso, vinculado à determinada situação interativa. A sociedade, em geral, por vezes de forma inconsciente, afasta o sujeito afásico do contexto social, contrariando a perspectiva da ação comunicativa defendida por Habermas (1987), para quem só por meio dessa linguagem, transformada em ação comunicativa, o ser humano é capaz de transformar o seu meio, de forma ilimitável.

A linguagem propriamente dita é, para esse filósofo da linguagem, fruto de uma negociação prática (ou inconsciente) de membros de um grupo social, que cogitam nomear significativamente as suas produções sonoras, quando no envolvimento de uma mesma atividade. Assim, o contexto específico das atividades do homem é constituído e, conseqüentemente, todos os conhecimentos humanos apresentam um caráter de construto coletivo, mas, com base na psicologia social, Habermas vê na individualização um processo de socialização e de constituição de uma história de vida autoconsciente e mediada pela linguagem, sendo a formação da personalidade humana entendida com base no processo social que configura cada pessoa por meio da interação comunicativa com os demais, segundo uma matriz social significativa.

A Teoria do Agir Comunicativo de Habermas (2003) defende a emancipação e a libertação do sujeito por meio da interação permanente, objetivando construir uma verdade coletivamente elaborada e, por isso, socialmente aceita. Segundo ele, a linguagem humana é uma forma de comunicação que pode transformar o comportamento, pois a capacidade humana de ação gera comunicação e entendimento pela linguagem.

Nessa mesma linha de pensamento, Bronckart (2003) reconhece a existência de comunidades verbais, isto é, um meio em que os seus membros, usando de uma mesma língua natural, sendo esses indivíduos sujeitos de transformação do meio social, constituído de forma diversificada, devido às relações conflitantes de interesse e de força, sendo, pois, uma organização complexa e hierarquizada à qual o autor chama formação social. Assim, por ser a linguagem condicionada pelo social, esse autor vê os movimentos discursivos, como possibilitadores de abordagens sociodiscursivas, ou seja, os membros de um mesmo grupo social modelam, de forma particular, a sua organização e, conseqüentemente, formas variadas de discurso, os quais, por sua vez, fundamentam, de modo particular, os conhecimentos partilhados pelos membros de uma mesma formação social. A chave para o diálogo é, pois, facilitar a interação entre os membros do grupo social.

Nesse diapasão, Bakhtin (1987) vê, na capacidade de comunicação dos indivíduos, o elemento responsável pela sua organização social, em cujo cotidiano as abordagens sociodiscursivas se relacionam nas atividades humanas. Para esse autor, a utilização da língua, de caráter multifacetado, é o cabo mestre nas mais diversas atividades humanas e em seus modos de utilização, colocando a linguagem como um processo interacional e enunciativo de natureza social, sendo o diálogo a chave para facilitar a interação.

Bakhtin (2004, p.112) assegura que “a enunciação é de natureza social e será determinada pelas condições reais da enunciação”. Nessa perspectiva, a enunciação, compreendida dentro de uma natureza social, “constitui o produto da interação do locutor e do ouvinte, cuja ação é posta através da palavra que, conseqüentemente, é gerada em função do interlocutor” (*idem*, p.113). Essa postura é, novamente, explicitamente afirmada por Bakhtin (2004, p.13), quando assevera que

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação. Através da palavra defino-me em relação ao outro, a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Numa extremidade ela se apoia sobre mim, na outra, ela se apoia sobre o meu interlocutor.

Bakhtin (1992, p. 17), referindo-se à produção de discurso como linguagem concreta, em uso, no dia a dia, ou seja, como atividade social, impinge que “Ao mesmo tempo, não posso **agir** como se os outros não existissem: saber que o outro pode ver-me determina radicalmente a minha condição” (grifo do autor). Decorrente dessa interação, Bakhtin (1992) define a constituição da linguagem pelo viés histórico, estipulando que seu sentido está nos processos de interação verbal, extrapolando o ato de um único indivíduo, já que diferentes sentidos podem ser atribuídos à palavra, no momento da interlocução.

Essa ideia de interação conduz ao conceito central da teoria bakhtiniana que é a natureza dialógica da linguagem. Sua elaboração do conceito de dialogismo aplicada ao discurso humano quebra os limites da linguística estruturalista, traçando diretrizes da linguística interacionista. Seu enfoque sobre o dialogismo permite perceber duas dimensões indissolúveis: primeiramente, considera-se o diálogo entre discursos de uma sociedade, o que pode ser visto como a natureza interdiscursiva da linguagem; depois, temos o dialogismo que se instaura entre o eu e o outro, constituindo-os sócio-historicamente.

Para Bakhtin, existe uma relação de interdependência entre diálogo e enunciado, sendo, pois, por meio do diálogo que se dá a comunicação verbal. Esse aspecto pode ser destacado na afirmação do autor (*in* BRAIT, 2008, p.118):

[...] A relação existente entre as réplicas de tal diálogo [o diálogo real (conversa comum, discussão científica, controvérsia política etc.)] oferece o aspecto externo mais evidente e mais simples da relação dialógica. Não obstante, a relação dialógica, não coincide de modo algum com a relação existente entre as réplicas de um diálogo real, por ser mais extensa, mais variada e mais complexa. Dois enunciados, separados um do outro no espaço e no tempo e que nada sabem um do outro, revelam-se em relação dialógica mediante uma confrontação do sentido, desde que haja alguma convergência do sentido (ainda que seja algo insignificante em comum no tema, no ponto de vista etc.).

Essa relação de interdependência implícita a noção de dialogismo, como capacidade humana de interagir com outro, estabelecendo diálogos, em cujo contexto se elevam vozes de outro enunciado, sendo esse entrecruzamento denominado de polifonia. Esse conceito é construído por Bakhtin (1992), a partir da análise do romance de Dostoiévski, o qual, no itinerário dos personagens, suscita o entrecruzamento de diversas vozes no decorrer da sua construção. A polifonia é “vislumbrada nos personagens que se inspiram como sujeitos, como agentes autênticos de seu próprio discurso e não apenas como objeto mudo do discurso do autor”. (MACHADO, 1995, p.65).

Esse autor (*op.cit.*, p.67) afirma que “O dialogismo está, então, ligado à polifonia, já que os personagens criados por Dostoiévski são pessoas livres, capazes de se colocar, lado a lado, com seu criador”. Esse conceito é formado por Bakhtin (1992), depois de analisar que a

personagem dostoiévskiana apresenta deslocamentos resultantes de variadas consciências e discursos, não podendo ser suas características tomadas como individuais e definidas, pois não é resultado da consciência do autor, mas cabe ao leitor a percepção de como o personagem toma consciência de si.

Parafraseando Bakhtin (1992), o dialogismo parte do princípio de que o romance se constituiu de uma matéria verbal e, para determinar a dialogia, é necessário entender o romance como dialógico, uma relação direta entre o Eu e o Nós. O romance é, então, um retrato falado do ser humano, formado de um mundo de ideias. Nesse paradigma, o romance não opera apenas com a imagem do homem, mas, sobretudo, com a imagem de sua linguagem, num contexto denominado interação dialógica, na qual se articula, em nossas falas, a fala de outras pessoas, como se, no diálogo que travamos com outras pessoas, viessem outras vozes, porque o que é dito pelo sujeito não pertence somente ao indivíduo, porém a vários sujeitos. (cf. BAKHTIN, 1992).

Dessa forma, “o princípio do dialogismo da linguagem é instaurado como unidade fundamental da língua. Não só o diálogo no sentido estrito do tipo comunicação face a face, mas o diálogo em sentido amplo, ou seja, toda comunicação verbal de qualquer tipo que seja participa de um grande diálogo”. (BAKHTIN, 1992, p. 128). Nessa linha de pensamento, portanto, Bakhtin (op.cit.) postula que a linguagem constitui a materialização do discurso entre os seres humanos, através da relação dialógica, ideológica e interativa. Para esse autor, portanto, o dialogismo impregnado de ideologia constitui a linguagem e direciona o sentido do discurso, tudo ocorrendo o momento da ação interativa entre enunciador e enunciatário. No grupo de convivência, essa questão dialógica foi bastante proveitosa no contato dos afásicos com pessoas com dificuldades assemelhadas, favorecendo as tentativas de estabelecimento de um diálogo mais envolvente e interativo, ideia que, por vezes, é negligenciada em muitas propostas terapêuticas.

Na concepção de Wittgenstein, em sua segunda fase (*apud* Orlandi, 1993), já comentada anteriormente, também se encontram vestígios de uma abordagem dialógica, além de interativa. Nota-se que, nos jogos de linguagem, a interação se dá entre sujeitos que fazem uso da linguagem numa situação concreta e, nela, os significados são construídos de forma que um sujeito possa atuar sobre a fala do outro. Para Wittgenstein, “Não há jogo no vazio, mas na participação dos indivíduos em interação dialógica, num processo de compreensão ativo-responsivo, vendo a linguagem como atividade ou forma de vida.” (*apud* ORLANDI, 1993, p. 77).

Nas palavras de Fiorin (1996, p.37), outro eminente estudioso do trilhar bakhtiniano, “o dialogismo decorre da interação verbal que se estabelece entre o enunciador e o enunciatário”. Essa ação que se dá nessa interação constitui o princípio constitutivo da linguagem, isto é, a linguagem não é apenas um instrumento de comunicação, de transmissão de informação, porém, assumindo uma perspectiva dialógica, discursiva, interativa, sofre influência da ideologia que permeia o social e, principalmente, os contextos singulares e plurais de cada sujeito.

Nesse mesmo diapasão, Bakhtin (1992) postula que, na relação dual entre falante e ouvinte, ocorre, na interação estabelecida socialmente, uma redimensão dos diálogos, a partir da ligação existente entre o sujeito e a sociedade, o que melhor esclarece o fato de ser o homem um ser histórico e social, fazendo-se tal característica presente nos processos linguísticos de que participa.

Nessa direção, Fairclough (2003) aponta para as assimetrias de poder que se fazem notar nas relações interpessoais e entre grupos sociais. O poder, para esse autor, é inquantificável, mas diverso, a depender das circunstâncias e das características do grupo. Um embate de forças entre a prática discursiva e a prática social, expresso no discurso, fruto desse confronto, resulta no que Koch (2003) denomina de relações de força. Referindo-se a Fairclough, Koch evidencia que os mecanismos de funcionamento do discurso repousam no que chama de formações imaginárias, ou seja, o que funciona, no discurso, são as imagens dos sujeitos, que resultam de projeções, “sendo essas projeções que permitem passar das situações empíricas - os lugares dos sujeitos - para as posições dos sujeitos no discurso.” (KOCH, 2003, p. 52).

Ainda nesse prisma de comentários, Koch (*op.cit*, p.52) afirma que

as condições de produção do discurso implicam o que é material (a língua sujeita a equívoco e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário. Esse mecanismo produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica.

Para a autora, por conseguinte, a análise dos discursos apega-se, necessariamente, à questão imagética, detentora de uma força nada desprezível na constituição do dizer. O imaginário, repleto de posições ideológicas, interfere no funcionamento da linguagem, sendo o sentido das palavras determinado pela posição de quem discursa, o que implica reconhecer que o sentido das palavras não é inerente a elas, mas se constrói nas relações ideológicas, presentes no processo sócio-histórico.

A autora corrobora com as teorias concebidas sobre o dialogismo bakhtiniano, ao postular que, na fala, “instauram-se vozes, e que essas vozes se constituem de conteúdos

reapropriados pelos sujeitos. Tanto as palavras quanto as idéias que vêm de outrem, intratecem a fala individual” (KOCH, 2003, p.56).

Sobre essa dualidade dialógica, Bakhtin aponta:

...o próprio locutor como tal é, em certo grau, um respondente, pois não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência dos enunciados anteriores - emanantes dele mesmo ou do outro - aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte. (2000, p. 57)

O diálogo para Bakhtin (2004), portanto, se dá entre o EU e o OUTRO, ou entre vários EUS e muitos OUTROS. Essa preocupação com a dinamicidade da linguagem se torna evidente, quando ele assevera:

... toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que precede de alguém, como pelo fato de que se dirige a alguém. Ela constitui justamente o plano de interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. (BAKHTIN, 2004, p.113)

Bakhtin (2004) defende, pois, que, para se observar o fenômeno da linguagem, é preciso situar os sujeitos (emissor e receptor) no meio social, ressaltando que a unicidade do meio social e o contexto social imediato são condições absolutamente indispensáveis para que o complexo físico-psíquico-fisiológico que a linguagem engloba, possa ser vinculado à língua, à fala e possa tornar-se um fato de linguagem.

Assim, para Bakhtin (1992), o melhor sistema para esclarecer essa tríade é observar a linguagem nos seus movimentos discursivos, ou seja, que se observe, na produção discursiva dialógica, a ocorrência de ação dos componentes físico (corpo), fisiológico (orgânico) e psíquico (atividade mental). Isso se observa na afirmação:

... não basta colocar face a face dois *homo sapiens* quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo (uma unidade social): só assim um sistema de signo pode constituir-se. A consciência individual não só pode explicar, mas, ao contrário, deve ela própria ser explicada a partir do meio ideológico e social. (BAKHTIN, 2004, p.35)

Assim, nessa perspectiva, Bakhtin (2004, p.35) defende que os atos individuais da fala não constituem, do ponto de vista da língua, “simples refrações ou variações fortuitas ou mesmo deformações das formas normativas”. Na oposição da corrente estruturalista que privilegia a língua dentro de uma estrutura básica sobre regras de combinação, Bakhtin (1992) evidenciou, em seus estudos, a heterogeneidade concreta da fala e intensificou seus estudos na produção do discurso vivido e partilhado pelos indivíduos, na interação verbal.

Nessa acepção bakhtiniana, a língua não é mais um sistema abstrato e imutável, mas, um sistema coletivo e histórico, ou seja, é posta dentro de um princípio histórico-social, qual seja, a concepção da linguagem como instrumento de troca social, já que ela não existe num imaginário, mas numa rede de valores enunciativos, na qual o universo linguístico se constrói coletivamente. Isso se evidencia, quando Bakhtin (1992, p.123) enfatiza que:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da língua.

Assim, Bakhtin enfatiza, com propriedade, a complexidade multiforme das manifestações de linguagem nas inúmeras situações sociais, ou seja, a enunciação, entendida como materialização da interação verbal entre sujeitos históricos. Analisando dessa forma, ele não vê passividade na relação interlocutor/locutor, conforme percebemos na leitura de sua afirmação a seguir transcrita:

o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar etc. (BAKHTIN, 1992, p.290, grifo do autor)

Isso significa que a compreensão é um processo ativo e dinâmico, pois, na interação, (re)cria-se, acrescenta-se, ressignifica-se. Ao afirmar que “toda compreensão é prenhe de resposta” (1992, p.290), Bakhtin define um papel ativo ao interlocutor, inclusive prevendo-lhe a capacidade de acréscimos de sentidos, de aceitação ou de rejeição.

Indo mais além, Bakhtin atribui esse caráter respondente ao próprio locutor, por ver todo enunciado como “um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados” (1992, p.291), isto é, o texto do locutor é responsivo em relação a outros enunciados anteriores e, por sua vez, o novo enunciado prenuncia outros enunciados responsivos. Essas elucubrações levam Bakhtin (1992, p.299) a afirmar que “o primeiro e mais importante dos critérios de acabamento do enunciado é a possibilidade de responder”, ou seja, a totalidade acabada de um enunciado intencionado é responsável pela compreensão responsiva do interlocutor, a qual, por sua vez, surge como consequência da compreensão responsiva do locutor.

De fato, conforme o raciocínio de Bakhtin (2004), o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com esse discurso, uma atitude responsiva ativa. Assim, Bakhtin (2004, p.57), referindo-se à produção de discurso como atividade social, impinge que:

...o próprio locutor como tal é, em certo grau, um respondente, pois não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência dos enunciados anteriores - emanentes dele mesmo ou do outro - aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte.

Concorda-se com o mencionado autor, quando discorre que o caráter dialógico da produção do discurso é a unidade real da comunicação verbal, que só é possível ser construída a partir da relação dialógica nas diferentes atividades sociais executadas pelo indivíduo.

Essas reflexões revelam que as atividades verbais se concretizam numa troca de enunciados, que são, por sua vez, regulados pelas ações entre os sujeitos, apresentando duas faces indissociáveis, que são a face verbal, entendida como indo além da mera estrutura linguística, já que outros dizeres a permeiam, e a face extraverbal, apegada à situação em que se dá a enunciação, que, por sua vez, está condicionada à posição do interlocutor, ao seu envolvimento ideológico. Flores (2009) comenta esse pensamento bakhtiniano, dizendo que o verbal e o extraverbal estão articulados no enunciado, indicando que toda dimensão verbal é heterogênea e constitutivamente biológica e social.

Nesse embate social, Bakhtin caracteriza a linguagem como prenhe de conflitos ideológicos, manifestados através dos atos discursivos, em que a linguagem reflete o viés que o sujeito estabelece com outrem, no processo dialógico, sendo, assim, o dialogismo discursivo, envolvendo o enunciatário e enunciatório, a fonte que constitui a linguagem e a condição do sentido do discurso.

Nesse viés, a produção social, vista dentro do paradigma do dialogismo bakhtiniano, é enveredado pela (inter) relação entre língua e consciência, e se estrutura a partir de uma ideologia, a qual, nessa perspectiva, é preconizada como expressão das relações sociais, determinante para a língua. No entanto essa relação só é possível a partir da consciência de que sua mediação se dá através do uso da língua, numa dimensão praxica, ou seja, a partir de uma construção dialógica entre dois sujeitos ou vários sujeitos.

Para definir a enunciação, examinando que a palavra e o signo são substâncias ideológicas, Bakhtin (1992) diz que a enunciação “é a porção do signo e da palavra”, denominando essa criação de síntese dialética, isto é, “a ligação entre o psiquismo e a ideologia ou, em outros termos, entre a vida interior (intrapésíquica) e a exterior (interpésíquica)”. Essa relação do psiquismo com a ideologia implica reconhecer que o discurso interior, entrecruzado de vozes ideológicas, só se pode dar a conhecer na dimensão

dialógica do discurso devido à característica da palavra de ser integrada ao indivíduo, de ser interior, desenvolvendo-se na socialização dos sujeitos.

O conceito de ideologia, em Bakhtin, confronta-se com a ideia de ser ela subjetiva e interiorizada, idealista e psicologizada, a qual se desenvolve no íntimo de cada um que apenas se defronta com ela. Bakhtin discorda de uma concepção de ideologia oficial monopolizante, emanada do poder das classes dominantes, criando uma falsa consciência, dissimuladora da realidade social. Esse autor a vê numa relação dialética com a ideologia do cotidiano, o que concretiza na proximidade social dos indivíduos.

A definição apresentada por Voloshinov do que seja ideologia (*apud* BRAIT, 2008, p. 169) afirma que “Por ideologia entendemos todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio de palavras [...] ou outras formas sígnicas”.

Assim, para Bakhtin, a ideologia nada mais é que a forma como o homem expressa, organiza e regula as suas relações histórico-materiais. Isso implica dizer que a ideologia dominante e a ideologia do cotidiano do homem não se defrontam numa posição desigual de luta, mas estão em constante jogo, mediado pelos signos e presente em todas as relações sociais. Daí, Bakhtin afirmar que quaisquer mudanças sociais repercutem na língua, já que, no uso, os sujeitos inter-agentes as inscrevem no seu aparato linguístico, seja por acento depreciativo, seja por entonação, seja por valorização que a palavra assume, tornando-se, assim, memória social, posto que vários contextos com orientações diferentes admitem o emprego de uma mesma palavra, integrando-se ao sistema ideológico e sendo realizado pelo sistema social.

Advém da tese de Althusser (cf. AUTHIER-REVUZ, 1998) a ideia de que a ideologia transforma os indivíduos em sujeitos, sendo ela esse procedimento em que os sujeitos habitam suas relações concretas de existência, perpassando pelo seu imaginário, ou seja, a ideologia acontece através do indivíduo e no indivíduo, constituindo-o.

Em outro viés, Pêcheux (1980) define que a ideologia, como análise que objetiva examinar o pensar, é concebida a partir da noção de que as ideias resultam da interação.

Bakhtin (1992) preconiza que a ideologia medeia o social entre os falantes, sendo ela um complexo de comando que justifica, nos sistemas hierárquicos da organização social, um poder de domínio de um sujeito sobre o outro, materializada nos processos discursivos desses sujeitos. Assim, associam-se as noções de inconsciente e ideologia, como uma concepção que se funde na constituição subjetiva dos discursos do indivíduo. Esse paradigma ideológico é essencial para a compreensão de que, na língua, se implicam possibilidades de

estruturas interpretativas, que vão além da visão estrutural, ou seja, para se compreender a língua não se pode entendê-la numa mera concepção normativa, pois a compreensão da língua, a partir de uma interação entre os indivíduos, da construção das relações dialógicas entre o eu individualizado quebrado pelo outro social, determina ver esses sujeitos interactantes como totalmente envolvidos pelo meio social. São as referências constituídas na atividade interativa que constroem o mundo, cujo sistema de representação é a ideologia.

Dessa forma, Bakhtin (1992) preconiza a linguagem humana como um fenômeno histórico, social e ideológico, cuja substância não está no ato singular, mas se dá na relação entre os indivíduos, cuja consciência se forma nessas relações que os homens partilham no social, mediadas pela linguagem. Legitima-se, desse modo, que o psiquismo (a consciência) é materializado por meio do signo, sendo resultado dessa relação entre linguagem e modelo social. Dessa forma, a palavra se revela como o material semiótico do psiquismo, e os discursos se entrecruzam com outros valores semióticos, como os gestos, por exemplo.

De forma bem sintética, podemos dizer que “O entorno ideológico possui uma função constitutiva ou construtivista: é o lado de fora ou o exterior que constitui o interior”. (TCHOUGOUNNINKOW, *in* ZANDWAIS, 2005, p. 36)

Nessa proposição, Pêcheux (1975) afirma que o sentido das palavras pode sofrer alterações a partir da posição ideológica do sujeito na sociedade, o que ocorre no processo dialógico entre sujeitos e ouvintes. Esse autor toma o discurso como objeto de análise, observando para além do contexto estrutural da linguagem, sendo a língua em funcionamento a responsável pela produção de sentidos.

Partindo dessa premissa, faz-se necessário discorrer que “a materialidade específica da ideologia é o discurso, e a materialidade específica do discurso é a língua” (PÊCHEUX, 1975, p.17). Nessa discussão, Pêcheux (1975) afirma que significar a língua implica condicionar a existência do sujeito ao discurso e à ideologia, tornando-se esses conceitos essenciais como constitutivos do sujeito, tanto em sua formação linguística como da sua formação ideológica, sendo esta manifestada por aquela.

Sem esquecer que a língua é determinada por essa ação ideológica, Bakhtin (1992) vê

o psiquismo e a ideologia em constante interação dialética, denominando a esse percurso de signo ideológico, isto é, o território comum, tanto do psiquismo quando da ideologia; é um território concreto, sociológico e significativo, sobre o qual deve operar a delimitação das fronteiras entre a psicologia e a ideologia.

Com o propósito de estabelecer um arcabouço teórico-metodológico para os seus estudos na linguagem, Bakhtin (1992, p. 115) ancora seus estudos nos princípios da sociologia,

pois “a consciência sócio-ideológica não pode ser regida pelos métodos das ciências naturais. O fenômeno psíquico, uma vez compreendido e interpretado, é explicável por fatores sociais que determinam a vida concreta do indivíduo em seu meio social.”

Os estudos bakhtinianos deram grande contribuição para a compreensão da língua numa dimensão menos funcional ou estrutural, no momento em que a sua concepção está posta na dimensão social, enfatizando o estudo da consciência na psicologia, no sentido de alcançar a sua construção numa relação com a linguagem, levando em consideração o caráter social do signo e do seu vínculo com a significação.

Essa concepção, pode-se dizer, é o primeiro itinerário para a compreensão da língua na perspectiva social, pela ótica bakhtiniana. O indivíduo é um complexo biopsicossocial, o que implica dizer que as ciências humanas não podem desmerecer o aspecto sociológico do ser humano, cujo organismo integra um meio concreto e social, e cuja consciência deriva da ideologia. A consciência individual, assim, existe materializada nos signos socialmente criados, por um grupo organizado, no percurso de suas relações sociais. O autor (BAKHTIN, 1992, p.127) infere que, “ao privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto, dentre outros, constituem o seu único abrigo”. Como ressalta o autor, a significação é percebida, quando representativa da consciência individual, sendo esta determinada no convívio social, o que, em outros termos, faz da linguagem a materialização da ideologia, visto que “a palavra é um fenômeno ideológico por excelência, absorvido na sua função de signo, como modo mais puro e sensível de relação social” (*idem*). Bakhtin, dessa forma, concentra, na estrutura semiótica da palavra, o discurso ideológico interior, ou seja, considera a palavra como o elemento norteador da consciência, impregnado de ideologia.

Bakhtin (1992) acrescenta que a palavra tem um sentido de valor, transmitido sob uma entonação expressiva. Segundo o autor, quando exprimimos os nossos sentimentos, damos a uma palavra uma entonação expressiva e profunda. De forma similar, em Wittgenstein (*apud* Orlandi, 1993), encontra-se que toda palavra pronunciada de forma significativa não tem apenas superfície, mas também uma dimensão de profundidade, a qual é executada pelo sentimento, ideia subentendida, condição e entonação com que é proferida. Quando Wittgenstein diz que o significado de uma palavra é seu uso na linguagem, reportamo-nos, pois, à enunciação de Bakhtin (1992).

De acordo com Bakhtin (2004), o indivíduo, como detentor dos conteúdos de sua consciência, como fundador dos seus pensamentos e como responsável por seus desejos, tem, no seu psiquismo, o conteúdo individual que é, por natureza, social. “Dentro dessa

compreensão, todo pensamento é de caráter cognitivo e materializa-se na consciência, no psiquismo humano, apoiando-se no sistema ideológico de conhecimento que lhe for apropriado”. (BAKHTIN, 1992, p.134).

Conforme essa teoria, “o pensamento, desde a origem, pertence ao sistema ideológico. As categorias únicas desse sistema não são determinadas somente pela unicidade de seu organismo biológico, mas pela totalidade das condições sociais de vida em que esse organismo se encontra inserido” (BAKHTIN, 1992, p.125). Nessa proposição, entende-se que o meio social no qual o falante se situa, está repleto de conceitos, de valores, de sentido ideológico que organiza a atividade mental do indivíduo.

Em síntese, a linguagem assume um lugar fundamental para a construção das estruturas superiores – a consciência, cujo conteúdo se manifesta através da palavra e é por esse itinerário que o indivíduo compreende o seu ambiente social, apreende, em suas experiências, conteúdos e, pela forma linguística, na interação dialógica, torna-se consciência ao ser impregnada pela ideologia. É nessa compreensão que Bakhtin (1992) define a consciência como expressão material, estruturada por meio da palavra, do signo, e que compõe de fato uma força social, a qual consiste em aproximar o signo apanhado de outros signos já conhecidos, dando-se, pois, a constituição dessa consciência individual, à medida que o homem interage com o mundo material.

Faz-se necessário, portanto, ratificar que o “signo e a enunciação são de natureza social; já a linguagem e a atividade mental são determinadas pela ideologia” (BAKHTIN, 1992, p.112). Nos seus pressupostos teóricos, o autor tem o mesmo posicionamento apontado nos estudos de Vygotsky (1996), quando afirma que é possível estudar o processo de interação social através da linguagem humana.

No geral, os dois autores citados acima veem o sujeito como um ser histórico e, assim, inauguram uma nova gênese para as ciências humanas, no momento em que não se detêm numa visão monológica de linguagem; vão mais além e transmitem uma visão dialógica, uma vez que o homem não pode ser explicado apenas como fenômeno físico, mas sendo pessoa que deve ser compreendida em suas ações de mundo, numa dimensão social.

Nessa proposição, o outro é importante para o processo de internalização dos fatos ideológicos, porque o sujeito vê o que o outro não pode ver, como, por exemplo, sua própria imagem, sua expressão. Dessa forma, o outro é essencial para que o sujeito tome conhecimento não somente das coisas, mas também da consciência de si mesmo, tome conhecimento da

existência não conhecida. Bakhtin (2004, p. 123) afirma que “o que precede o momento da atividade estética do sujeito consiste em identificar-se com o outro”.

Para o autor, é esse momento da expressão que se percebe a ordem da atividade mental: sendo da ordem do “eu”, é identificada no indivíduo pouco socializado e modelado ideologicamente, mas sendo a atividade da ordem do “nós”, implica a consciência de classe. A palavra constitui-se no modo mais puro e sensível de expressão da relação social: o eu e o nós, e, sendo assim, as palavras têm papel semiótico na consciência, determina o conteúdo da vida interior, do discurso interior.

A enunciação integra o contexto dialógico e ideológico, sendo, por isso, que a sua análise deve dar-se na sua produção, singularizante da fala que, por esse caráter, se atrela ao funcionamento sociolinguístico dos sujeitos. Essa visão bakhtiniana reforça ser a língua coletiva e histórica, que não se dá no vazio, mas se apoia numa rede de enunciados, regulados pela interação.

Justificando suas ideias, Bakhtin (1992) analisa, criticamente, duas correntes do pensamento filosófico, denominando-as de Subjetivismo Idealista e de Objetivismo Abstrato. Na crítica a essas abordagens, discorda da corrente dos Subjetivistas Idealistas, pelo fato de que o ato de fala é analisado como resultante de uma criação individual, sendo a língua estudada sob o prisma da psicologia, num contexto singular do indivíduo, desconsiderando aspectos da condição humana em relação com a língua.

Nas palavras de Faraco (1996), esse posicionamento idealista vê a língua como um processo criativo ininterrupto de construção, materializado em atos enunciativos isolados, sendo um produto estável, desprovido de natureza social, importando para o linguista apenas o aspecto estético da língua, desconsiderando aspectos sócio-históricos e culturais

A crítica de Bakhtin ao Subjetivismo Idealista centra-se, portanto, ao fato de analisar a língua como ato individual criação, para o qual as normas linguísticas são, apenas, resíduos da evolução linguística que esse sujeito idealizado provoca na língua, com seu ato criador.

Por outro lado, em suas incursões sobre a corrente teórica dos Objetivistas Abstratos, uma corrente contrária à dos subjetivistas, Bakhtin condena o fato de reconhecerem a norma como substância da língua, vista como sistema estável e imutável. Para eles, nem a fala nem a linguagem são objetos da linguística, posicionando-se como defensores do fechamento do sistema linguístico, desconsiderando o sujeito, cujo ato individual é fortuito, desprovido de valor ideológico. Essa visão característica do estruturalismo omite os aspectos

imersos no contexto da linguagem e o seu conteúdo ideológico, o que implica dizer que, por meio de uma abordagem mecanicista, não se veem vínculo nem afinidade de motivos entre o sistema língua e sua história. Os atos individuais de fala são refrações ou variações normativas da língua, não sendo a língua um fenômeno sócio-histórico, isto é, desmerecem o processo da produção humana da fala, bem como as vivências de cada sujeito.

Com essas críticas e posicionamento, Bakhtin (2004) propõe o estudo de aspectos que extrapolam o conteúdo verbal, a Metalinguística, como sendo um estudo “daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam – de modo absolutamente legítimo – os limites da Linguística” (*op.cit.*) e, adiante, afirma que o discurso ou “As relações dialógicas (inclusive as relações dialógicas do falante com sua própria fala) são objetos da Metalinguística”. (*idem*, p. 182).

Brait (2008, p. 9-10), reconhecendo a não postulação de preceitos sistematicamente organizados pelo teórico alemão, avalia como certo o fato de que Bakhtin e seu círculo de estudos “motivou o nascimento de uma análise/teoria dialógica do discurso, perspectiva cujas influências e consequências são visíveis nos estudos linguísticos e literários e, também, nas Ciências Humanas, de maneira geral.”.

O próprio Bakhtin (1992, p. 181) justifica a utilização do termo discurso, como possuidora de uma carga semântica superior à palavra língua, afirmando:

Intitulamos este capítulo “O discurso em Dostoiévski” porque temos em vista o *discurso*, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da Linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso. (grifo do autor).

Nessa teorização discursiva, Bakhtin (1992) estabelece a alternância de sujeitos falantes, como fronteiras do enunciado, visto como a unidade da comunicação verbal. Uma determinada cadeia de enunciados surge, portanto, de uma postura responsiva de locutor e de interlocutor, com intenções concordantes ou discordantes, mas, sobretudo, com a de produzir um enunciado novo a partir do já dito. Assim, a enunciação, do ponto de vista de Bakhtin, apresenta caráter de novidade, não importando o fato de que a forma linguística admite a reiteração, já que cada enunciado se diferencia de outro, ainda que idêntico em sua estrutura linguística, pois são impregnados de não ditos. Bakhtin, dessa forma, destaca a dinamicidade da linguagem e a natureza social da enunciação.

Para Bakhtin (2004), portanto, as mudanças de estruturas sócio-históricas, como também as experiências de vida do sujeito influenciam nos processos linguísticos, ou seja, para o autor, a linguagem é vista dentro de uma *práxis* e em diferentes culturas.

Recuperando do marxismo esse conceito de *práxis* como o conjunto das atividades humanas tendentes a criar as condições indispensáveis à existência da sociedade e, particularmente, à atividade material, à produção, Bakhtin ressalta o fato de o homem ser ativo e criador, e, portanto, capaz de transformar e de ser transformado por sua ação material e social. Konder (1992, p.111) afirma

A *práxis* se apresenta sob diversas formas específicas, mas todas elas são concordantes no fato de se tratar da transformação de uma determinada matéria-prima e da criação de um mundo de objetos humanos ou humanizados. Todas essas são formas específicas de uma *práxis* total, cujo resultado ou produto é, em última análise, o próprio homem social.

Dessa leitura, depreende-se que o homem como ser social resulta da *práxis*, entendida por Lancman (2007), como o oposto da passividade. Assim a *práxis* é o ato ou o conjunto de atos de um sujeito. Mas essa atividade humana, para Bakhtin (1992, p.89), só se verifica quando “os atos se iniciam com uma intenção, um resultado esperado e terminam com um resultado real, efetivo, havendo, portanto, a intervenção da consciência”. Assim, a *práxis* implica atividade da consciência, pois é esta que instiga, no homem insatisfeito, um processo teórico-prático para descobrir uma nova síntese da realidade e, com essa ação, descobrir-se. A *práxis* é, portanto, um movimento entre a teoria e a prática, entre a objetividade e a subjetividade, entre o pensamento e ação, que, mediada pela finalidade à qual o homem se propõe, culmina na transformação de uma realidade concreta.

Compreendemos a *práxis* como inerente ao homem, como ser que cria a realidade e, portanto, compreende-a melhor. Gadamer (1988, p. 107) reafirma “que a *práxis* do homem não é atividade prática contraposta à teoria, mas, determinação da existência humana como elaboração da realidade”. Konder (1992, p.108) lembra que “Sendo o modo específico de ser do homem, a *práxis* se articula com todo o homem e o determina na sua totalidade. Assim, articula-se com o trabalho de modo essencial, pois este é identificado como uma forma de objetivação do homem.”.

A *práxis* permite ao homem, no seu processo ontocriativo, perceber não só a sua realidade, mas abrir-se para a realidade em geral, para a compreensão do ser e “Relaciona(r)-se, assim, com o mundo como totalidade, e, portanto, com a possibilidade da linguagem e da poesia, da pesquisa e do saber”. (LEVY, 2004, p.111).

É nessa acepção *práxica* da linguagem que Bakhtin (1992) define a língua como se estruturando no universo da ideologia, conhecida como expressão das relações sociais, a qual determina e modela a linguagem. Nessa relação paradigmática, somente a partir de um olhar sobre a língua como envolvida no processo de interação verbal constante, pode-se

entender os vários significados que a palavra pode suscitar, em razão de sua imbricação com os diferentes contextos humanos. Isso equivale a dizer que, levando-se em consideração que a linguagem humana está intrinsecamente ligada ao cotidiano social do indivíduo numa dimensão plural, a interação verbal só pode ser compreendida como se dando num universo concreto e ideológico. Dada a tal diversidade da interação verbal, esta não pode ser vista apenas sob uma perspectiva científica, pois sua natureza dialógica atrela-se a contextos individuais diversos e complexos.

Brait (1994), estudiosa dos escritos bakhtinianos, discutindo o conceito de polifonia, diz que, na fala instauram-se vozes. Dessa forma, a fala do indivíduo apresenta em sua tessitura palavras e ideias que vêm de outrem. “As vozes intratecidas, explicitamente citadas ou não, interpenetram-se através da palavra do outro num processo dialético”, sendo esta ideia da constituição social do discurso a base da constituição do Grupo de Convivência dos Afásicos.

Ainda sobre discurso, Brait (1994) explica que a enunciação é vista como unidade básica da língua e itinerário de acesso ao psiquismo, reveladora do material da consciência. Dessa maneira, o enunciado pertence a um universo de relações dialógicas e se produz no contexto socialmente compartilhado e, portanto, ideológico.

Segundo Silva (1996), esse dialogismo se faz sempre presente, pois as palavras que nós usamos estão sempre impregnadas por palavras de outros sujeitos. Nesta proposição Bakhtin (2004), nas suas idéias sobre a dialogia, definira, como já dito, que a palavra, na comunicação verbal ativa, é sempre marcada pelo contexto de vida e o contexto social de cada indivíduo. Para ele (1992, p.129), “a palavra subsiste para o locutor sob três aspectos: como palavra neutra da língua e que não pertence a ninguém; como palavra do outro que pertence aos outros; e como palavra que preenche o eco dos enunciados”, constituindo o que Authier-Revuz (2004) chama de heterogeneidade constitutiva.

Segundo essa autora, esse atravessamento de vários discursos é constitutiva do sujeito e de seu discurso. Isso implica dizer que a palavra é expressiva, mas a expressividade não pertence à própria palavra, já que emerge no ponto de contato entre a palavra e a realidade, ou seja, nas circunstâncias de uma situação real, que se utiliza e se contextualiza através do enunciado, correspondente à dialogia bakhtiniana. O discurso, então, é visto como produto de um interdiscurso, ou seja, todo discurso entremeia-se com um discurso de outrem. Essa heterogeneidade constitutiva é a colaboração do já dito, constitutivo, inevitavelmente, da trama do discurso (cf. AUTHIER-REVUZ, 2004).

A análise da interdiscursividade se propagou com esses estudos de Authier-Revuz, que baseou seus apontamentos teóricos através dos paradigmas bahktinianos. A interdiscursividade, para a autora, é a posição em que ocorre a ligação entre o discurso externo e o interior do indivíduo, ou seja, é a afinidade entre discursos de outros, na expectativa dialógica, em que o indivíduo angaria, para examinar seu discurso e o discurso de outrem, indivíduo externo a ele.

A interdiscursividade é, acima de tudo, um liame discursivo que é dado através de uma ação dialógica. Segundo Authier-Revuz (1998), nenhuma palavra é intacta, pois as palavras são colocadas ou ocupadas no ducto de outros discursos. Dessa maneira, na chamada Teoria Polifônica da Enunciação, Authier-Revuz (1994), no contexto da análise do discurso, aborda a polifonia na chamada heterogeneidade mostrada e constitutiva, apoiando-se na relação do texto com outros textos e com as convenções sociais. Esse entremeio de discursos caracteriza o que a autora denomina heterogeneidade constitutiva. Assim, para a referida autora, faz-se necessário entender o indivíduo com uma exterioridade indispensável para a estrutura da língua. É a voz do outro que permeia o dito, cuja existência é determinante para novas vozes.

Esse paradigma advém dos estudos psicanalíticos de Lacan, segundo os quais a autora concebe o indivíduo cindido pelo inconsciente, entretanto não sendo origem do seu dizer. Ao se fazer o uso da palavra, numa determinada situação discursiva, o indivíduo ocupa a palavra, porém a palavra não lhe pertence, porque já contém uma expressividade que vem de outrem. Dentro dessa corrente de pensamento, a autora postula que “O sujeito não é uma entidade homogênea, exterior à linguagem, que lhe serviria para ‘traduzir’ em palavras um sentido do qual ele seria fonte consciente”. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 63).

Entende-se, pois, por heterogeneidade mostrada a participação do outrem no discurso do indivíduo, seja em forma de referência, citação entre outras, enquanto a heterogeneidade constitutiva é caracterizada pela onipresença discursiva própria do sujeito. Para Authier-Revuz (1994), não há linguagem sem sujeito e não há análise enunciativa sem indivíduo. Para a autora, o discurso não é meramente firmado pelas questões ideológicas do sujeito, mas é cruzado pelo inconsciente. Então, conquanto o indivíduo confie ser a fonte de seu discurso, o indivíduo não afirma; ele é afirmado pela linguagem.

Dessa forma, compreende-se que há um debate entre a heterogeneidade constitutiva da linguagem mostrada, ou seja, a figura do sujeito adâmico, no processo

discursivo, é mera falácia, no entanto há um esforço do indivíduo na independência do discurso.

Na trilha dessas discussões e desvencilhando-se da concepção que compreende a linguagem homogênea, Authier-Revuz (1994) faz uma relação muito próxima entre linguagem e interdiscursividade nos seus apontamentos teóricos, ancorada numa concepção também dialética de linguagem, compartilhada com os pensamentos de Pêcheux e Bakhtin. A autora direciona uma abordagem que transcende aos modelos teóricos de linguagem idealistas, no momento em que o fio condutor dos seus estudos foge da linguística estrutural desenvolvida sobre a supremacia da língua, enquanto forma e estrutura.

Para Pêcheux (1975), na paráfrase, por exemplo, ocorre a pluralidade de sentidos nos discursos, que é constituída por um espaço em que os enunciados são retomados e reformulados, num esforço constante de fechamento de suas fronteiras, em busca da preservação de sua identidade. O discurso se faz na tensão entre o mesmo e o diferente, entre a estabilização e o deslocamento. O pré-construído remete a uma construção anterior e exterior, independentemente, por oposição ao que é “construído” pelo enunciado.

Segundo Authier-Revuz (1994), o termo pré-construído representa os possíveis sentidos em um discurso os quais dependem das relações constituídas e não estão predeterminadas por propriedades da língua, condizendo com a afirmação de Pêcheux (1975) de que o processo de produção de um discurso deve ser visto como resultado da composição das condições de produção com um sistema linguístico dado. Ao se usar a linguagem, são produzidos discursos que envolvem certas condições, chamadas de condições de produção do discurso ou interdiscursividade.

Salienta-se que Authier-Revuz (1994) se posiciona de forma crítica aos apontamentos de Pêcheux, quando esse autor determina certa homogeneização em seus conceitos com relação à heterogeneidade discursiva. Na década de 80, Pêcheux (1980, p.182) reformula essa sua concepção, ao reconhecer que “uma ideologia não é idêntica a si mesma, não existe senão sob a modalidade da divisão, e só se realiza na contradição que com ela organiza a unidade e a luta dos contrários.”.

Essa mudança paradigmática de posicionamento de Pêcheux se deveu ao reconhecimento da tese de Authier-Revuz, a teoria da enunciação da heterogeneidade, a qual enfatiza que o discurso não pode ser somente demarcado pela ideologia, mas também por uma dimensão psicanalítica sentenciada pelo inconsciente, baseado nos estudos de Freud e Lacan.

Essa relação do inconsciente com a linguagem foi um itinerário concebido nos estudos de Authier-Revuz, a qual emerge na enunciação dos discursos, através dos quais o indivíduo se evidencia, em diferentes olhares sobre a heterogeneidade.

Parafraseando Authier-Revuz (1994), os processos discursivos são caracterizados por elementos que não estão ligados por nenhuma base de unidade. Descrever essa dispersão, estabelecendo regras capazes de regerem a formação dos discursos, as quais permitiram a determinação dos elementos do discurso, tem sido a preocupação da linguística em suas últimas décadas, pois, segundo Orlandi (1993, p.63) “o discurso é ‘efeito de sentidos entre locutores’, trazendo em si marcas da articulação da língua com a história para significar”.

Para Pêcheux (1980), todo enunciado e toda enunciação têm um passado discursivo, ou seja, são enunciados pré-existentes, postos numa determinada cultura, que traçam semântico-discursivamente a ocupação social da linguagem. Nessa acepção, os enunciados não existem de forma isolada, sendo um enunciado um elo de uma cadeia que, só no seu interior, pode ser inferido. Assim, só se pode conceber uma abordagem dialética de linguagem, se se concebe o homem como sujeito falante (cf. BAKHTIN, 1992), ou seja, os sujeitos não adquirem sua linguagem materna de forma isolada e sem nenhum sentido próprio, mas é através dela que ocorre o primeiro despertar da consciência, uma vez que, a palavra, enquanto material semiótico é a expressão dessa consciência. É nesse despertar da consciência expressiva que se formam as produções do discurso.

Nos estudos teorizados em Bakhtin (1992), ele define que nenhum sujeito falante é dono da palavra, porque existe a dependência discursiva, já que, em cada enunciado, se revelam julgamentos de valor que vão além do que emerge no contexto verbal.

Dessa forma, parte-se do princípio de que o signo e a enunciação são de caráter social do falante, sendo a enunciação a extensão do signo e da palavra. Assim sendo, a enunciação é posta dentro de um contexto de vida, da vida científica ou da realidade literária de um determinado momento, daí a concepção histórica estar envolvida na compreensão da produção do discurso do indivíduo.

Partindo dessa premissa, a enunciação não pode ser dicotomizada, nem fragmentada, havendo necessidade de analisar o contexto de sua produção discursiva. Partes dos modelos da linguística não concebem este hábito ou conceito, porque negam o sistema como um todo, negam a filosofia e, fundamentalmente, a história de vida do indivíduo, sua produção social e sua concepção ideológica. (cf. BAKHTIN, 1992).

Buscando outros autores que também abordam as teorias enunciativas, vimos o discurso de Brait (1997) que afirma que compreender a formação de uma enunciação pela palavra implica inserir na atividade linguística o seu aspecto variante e opaco. Se assim não o fizer, a língua fechar-se-á em si mesma, desconsiderando as circunstâncias exteriores à língua e não se apreenderá a sua organização, posto que a enunciação é produzida como ação interativa de sujeitos socialmente situados.

Conclui-se que a abordagem dialética da linguagem, a partir das propostas bakhtinianas, e o estudo do enunciado, fenômeno complexo e heterogêneo, precisa ser analisado na sua relação com o enunciador, portanto como uma atividade de produção social.

A seguir discorre-se sobre um lado sombrio de determinados indivíduos que, por vezes, são prejudicados no processo interativo, devido a alterações em sua linguagem, como no caso das afasias. Nas próximas laudas, analisou-se a afasia dentro de um contexto sociodiscursivo, em diferentes linhas de pensamento.

1.3 A afasia e sua repercussão na constituição dos sujeitos

Nesta pesquisa, pensou-se o afásico, numa concepção linguística que (des)constrói novas possibilidades discursivas. A linguagem do sujeito afásico, levando-se em conta a patologia que o acomete, permanece numa constante transformação, interferindo em todo o seu desempenho de vida funcional, tendo em vista que a produção do discurso desse indivíduo é fragmentada, muitas vezes não compreendida, trazendo perdas significativas para esse sujeito, que se vê submetido a inúmeros fatores os quais dificultam a sua (re) inserção nas suas rotinas de vida, em seu convívio social, em seu mundo.

Como reflexo dos novos pensamentos teóricos sobre linguagem, a preocupação com a afasia que, em séculos passados, era enfocada, especialmente, pela área de estudos na saúde, especificamente no estudo do cérebro, buscando determinar as áreas que seriam responsáveis pela elaboração linguística, também merece ser modificada. Neste trabalho, o olhar, portanto, dirigiu-se não à afasia como patologia neurofisiológica, mas ao sujeito afásico; não à doença, mas ao doente, com enfoque maior no aspecto de sua constituição de sujeito.

Nessa acepção, os modelos teóricos selecionados compreendem que a linguagem humana se dá no cotidiano do indivíduo, na sua interação verbal com o outro e nos processos de dialogização, sendo tal fenômeno constituído e reconstituído nos modos de relacionamento humano, ao longo das histórias de vida dos falantes. Foi, portanto, essa a perspectiva da

linguagem adotada nesta pesquisa, vendo-a como interação verbal, que ocorre a partir da dimensão social e no contexto de vida de cada indivíduo.

Não sendo diferente no caso do afásico, chama-se a atenção para as rupturas sociais, que levam o indivíduo afásico a ser, muitas vezes, dependente de outrem até nas suas rotinas de vida mais simples. Assim, a partir da leitura de posicionamentos da Linguística, vimos que a linguagem dos afásicos, a qual é mais comumente geradora de interpretações incorretas ou até mesmo de uma não interpretação, é responsável pelas inquietações que os acometem, devido à importância da linguagem para o indivíduo, ser social e interativo por essência.

A afasia é associada à perturbação da linguagem, decorrente de distúrbios no funcionamento cerebral, podendo apresentar sinais diversos característicos da patologia, dentre eles, falhas na expressão verbal, relacionadas à insuficiência de vocabulário, má retenção verbal, escolha equivocada de palavras, podendo também ocorrer dificuldades severas de compreensão, (cf. MORATO, 2006), ainda que mantenha de certa forma preservada a sua capacidade de recepção do que lhe é dito. Essa diferenciação é determinada pela área em que se dá a lesão cerebral, a qual não obedece a padrões específicos, diferindo, portanto, de um paciente a outro, em extensão e localização.

Pela complexidade da fala do afásico, de modo bastante singular, Morato (2006) alerta que a sua compreensão deverá estar atrelada à contextualização do funcionamento sociodiscursivo do falante, não compreendendo uma avaliação centrada em aspectos puramente qualitativos. Isso se dá pela inserção dos indivíduos por meio da fala, que, para Bakhtin (1992, p.112):

Como um instrumento, ela é transmitida, de acordo com o processo ininterrupto de evolução. Os indivíduos não recebem como quinhão, uma língua pronta para ser utilizado. Eles se inserem na corrente da comunicação verbal, ou, mais exatamente, sua consciência só sai do limbo e desperta graças à sua imersão nessa corrente.

Fica claro da leitura desse excerto que, para o autor, os processos linguísticos no indivíduo não são inatos, mas, em constante construção, fazem-se presentes nas rotinas, tornando-as significativas. Essa relação social ocorre, naturalmente, desde que os indivíduos estejam em grupos que se identifiquem em padrões e contextos linguísticos, visto que a interação pela linguagem envolve dimensões biológicas, psicológicas, sensoriais, culturais e sociais da vivência humana.

Numa perspectiva similar, Luria (1970), firmado nas fundamentações teóricas de Wittgenstein (1996), vê a linguagem como determinada pela história e pela cultura, o que

implica reconhecer que as capacidades intelectuais dos indivíduos diferem de cultura para cultura, atribuindo a essa diferenciação as diversidades na forma de pensar.

Essa visão de Luria (1970) de serem os processos mentais de origem sócio-histórica, e as manifestações da consciência advirem de práticas sociais básicas associadas a formas de cultura, coloca em situação de interdependência as mudanças nas estruturas sócio-históricas e a reorganização dos processos mentais. Luria (1970) postula, portanto, que os processamentos cognitivos se modificam quando as condições de vida social também sofrem alterações.

Por muito tempo, a preocupação nos estudos sobre a linguagem se ateve ao suporte biológico da comunicação, constatando-se que, comumente, o hemisfério cerebral esquerdo é o responsável pela fala e pela comunicação. Tentando esclarecer esse processo comunicativo, Jakobson (1995) vê a decodificação da fala aliando a sonoridade ao sentido da mensagem. Para isso, intervém uma sequência de sinais, responsável pelo estabelecimento de um estreitamento social de informação. A comunicação consistiria, por conseguinte, numa troca verbal, envolvendo o falante, responsável pela produção do enunciado, e o ouvinte, o interlocutor, a quem ela é destinada e de quem o falante necessita. Essa comunicação, então, ocorre entre um emissor e um receptor, por meio de um código comum aos usuários, num contexto de específica referência. Essa visão estática da comunicação verbal norteou os estudos da linguagem dos afásicos, acarretando um tratamento centrado nas dificuldades de articulação da fala, desconsiderando o sujeito discursivo.

Segundo Murdoch (1997), “cada área de associação do córtex cerebral parece ser especializada quanto à função, apesar de todas as áreas participarem de mais de uma função cognitiva, inclusive do movimento voluntário, percepção sensorial, comportamento emocional e da linguagem”². A lesão cerebral que provoca afasia pode não atingir todos os aspectos da fala, mas, com certeza, provoca danos no emocional do sujeito que se sente tolhido na sua capacidade comunicativa, na sua condição de sujeito de interação.

Na compreensão de Murdoch (1997, p.58), as perdas se diferenciam e diz que

sobre a afasia sensorial ou de recepção, após grave lesão em determinada área do cérebro, escuta-se bem e reconhecem-se diferentes palavras, porém não há coerência nessas palavras ditas. Da mesma forma, a pessoa pode ter a capacidade de ler palavras impressas, mas ser incapaz de reconhecer o pensamento aí contido. Já na afasia motora ou de execução, a pessoa é bastante capaz de decidir o que deseja dizer e é capaz de vocalizar, porém não consegue emitir palavras. A pessoa produz uma linguagem falada lenta e com muito esforço, mas a estruturação da frase é eliminada da fala.

² As áreas de associação mais importantes são: o córtex pré-frontal, área parietal-temporal-occipital e a área límbica. O córtex pré-frontal está implicado no planejamento e na execução de ações motoras complexas.

Nesse mesmo entendimento, Coudry e Morato (1990, p.58) definem que a afasia é universalmente associada à perturbação da linguagem decorrente de distúrbios no funcionamento cerebral, a qual se “caracteriza, mais especificamente, por falhas na compreensão e na expressão verbal, relacionada à insuficiência de vocabulário, má retenção verbal, gramática deficiente e anormal, escolha equivocada das palavras”. No entanto a composição dos diversos sintomas difere de um paciente a outro, alguns apresentando défices de compreensão e elaboração de palavras, enquanto outros apresentam prejuízos na gramaticalização, embora mantenham a recepção verbal razoavelmente preservada.

Não negamos o conhecimento de que além dessa alteração na comunicação, e dada a sua variável dimensão e gravidade, outras dificuldades podem ser provocadas como a hemiplegia, ou seja, a perda total ou parcial do controle motor dos membros superior e inferior. Mas centramos nosso olhar na afasia como uma alteração de linguagem oral e escrita decorrente de uma lesão estrutural adquirida em certas partes do cérebro devido a AVCs e traumas, entre outros. Essa escolha se deveu ao fato de que, geralmente, o sintoma mais proeminente da afasia é uma dificuldade na fala, sendo necessários, obviamente, exercícios articulatorios que facilitem a recuperação de movimentos essenciais à produção dos fonemas, enquanto proposta terapêutica, mas é importante não desconsiderar outros aspectos processuais da fala, como, por exemplo, a necessidade primaz do ser humano de interagir com grupos diferenciados. Esse aspecto da conduta terapêutica, segundo Morato (2006), ser focada em exercícios articulatorios, pode ser de grande contribuição na reabilitação de alguns desses sujeitos, mas não conduz sempre à eficácia desejada, por desconsiderar o indivíduo como sujeito inserido em um processo discursivo.

Também trabalhando com a afasia, Morato (2002) atribui-lhe a responsabilidade por perdas motoras, como a agnosia³ e a hemiplegia⁴, além de alterações cognitivas, alertando, ainda, que não se podem desprezar as alterações psíquicas, como depressão, mudanças bruscas de humor, podendo ser percebida certa agressividade e desinteresse em ter uma vida social. A autora, portanto, considera a afasia uma desordem de natureza não apenas neurofisiológica, mas atribui-lhe um caráter sociocognitivo, capaz de comprometer vários processos de significação, com importante repercussão na formação identitária desses sujeitos, em sua vida cotidiana.

Também Fonseca (1995) alerta para essa necessidade de ampliar o entendimento sobre a afasia, vendo-a como determinante de limitações em diversas atividades do dia a dia do indivíduo afásico, compartilhando com a ideia de que a alteração da fala, provocada pela afasia,

³ A incapacidade de entender as informações sensoriais

⁴ Perda da funcionalidade motora em um dos lados do corpo.

atinge o comportamento social e intelectual do sujeito, com repercussões emocionais, reveladas em suas atitudes e perceptíveis alterações de personalidade.

Muito há para entender sobre os mistérios da afasia, mas o que deve ser muito bem esclarecido é que ela é um problema de comunicação e deve ser encarada como uma questão social, devido à fragilidade e ao desamparo em que o sujeito se encontra após a lesão, e aos muitos impactos que ele pode sofrer em sua vida familiar e social. Vale citar o conceito evidenciado por Freire (1996, p.120) sobre esta patologia, que enfatiza, bem e em poucas palavras, o que ocorre na vida do sujeito afásico: “A afasia torna a história, que vinha sendo contada e escrita, em outra história”. É nesse momento de acometimento do sujeito que os profissionais da saúde começam a atuar sobre a afasia, mas, de acordo com Ponzio (1995, p.66):

com a perda da Linguagem, esta que nos rege desde nosso nascimento, terá uma força imensa sobre o sujeito, onde o mesmo terá como respostas o isolamento, frustração, desequilíbrio familiar, solidão e uma sensação de incapacitação. Quando se trata de afasia, e este é um fato com o qual, enquanto terapeutas, iremos nos deparar com grande frequência, para sabermos o melhor procedimento a ser seguido, uma vez que entendemos que cada sujeito portador de afasia é diferente do outro, devemos desenvolver nossa linha de trabalho da melhor maneira possível, para que o nosso paciente se sinta capaz de prosseguir nesta caminhada.

Tendo a linguagem um papel determinante em todas as atividades do nosso cotidiano, é previsível a consequência das afasias nas produções discursivas desses sujeitos. Sendo assim, Murdoch (1997) descreve-a como responsável por fatores impactantes em diversos papéis sociais do indivíduo, comprometendo a sua relação direta com a sociedade, passando a padecer de estigmas sociais que lhe são imputados.

Coincidente com esse pensamento, Jakubovicz (1996a), embora tenha um percurso afasiologista mais focado na doença, reconhece que qualquer prática terapêutica prioritariamente voltada para o indivíduo e não somente para a re-elaboração de palavras bem articuladas, seria muito mais contributiva para a recuperação de sua linguagem. Apesar desse posicionamento, aparentemente oposto ao que esta tese visa defender, já que desconhece o afásico como sujeito sociodiscursivo, Jakubovicz (1996a) define alguns sinais clínicos, os quais podem ser vistos não apenas como restritos ao indivíduo mas também como comprometedores de sua atividade dialógica interativa, ou seja, em sua dimensão de sujeito sociodiscursivo.

Os aspectos apontados são i) egocentrismo, quando as pessoas preferem lidar com situações concretas, que estejam ao seu alcance e que sejam importantes para elas; ii) modificação da atitude abstrata, porque ficam presas ao passado e às suas experiências imediatas e não incorporam, assim, situações imaginárias; iii) perseveração, que pode

manifestar-se pela repetição de uma resposta anterior ou pela repetição de um mesmo comportamento frente a qualquer estímulo; iv) reações catastróficas, caracterizadas por transformações de humor, inadequadas ao estímulo ambiental; v) distúrbios da atenção, da retenção e da memória, o que pode gerar inconsistência das respostas, isto é, diante de fatos em que respondem de forma apropriada a uma situação, em outra idêntica, não conseguem fazê-lo; vi) anomia, que é a incapacidade de nomeação; vii) estereotipia, quando só elabora segmentos linguísticos, constituídos de apenas alguns sons ou palavras ou frases que são repetidas automaticamente todas as vezes que o indivíduo quer se comunicar; viii) jargão, consistindo numa produção verbal sem identificação precisa; ix) agramatismo, caracterizado por uma redução drástica na formulação dos pensamentos linguísticos; x) parafasias, consistindo na emissão de uma palavra por outra, com a qual se acha relacionada; xi) neologismos, quando palavras são criadas na própria língua ou adaptadas de outra.

Além dessas alterações comportamentais e linguísticas, Jakubovicz (1996a) aponta as perdas sociais como as mais contundentes no cotidiano desses indivíduos, que, por vezes, se isolam por conta dos sinais que são apresentados em decorrência da limitação, já que, para esses indivíduos, o fato de não serem entendidos os leva a um profundo desânimo para criar liames com a sociedade.

Nessa mesma direção, Coudry e Morato (1990) sintetizam que as alterações produzidas no indivíduo afásico se dão não apenas na articulação das palavras, mas, principalmente, nos processos linguístico-discursivos. Assim entendendo, essas autoras, embora não desconsiderem os aspectos neurofisiológicos da patologia, valorizam a questão discursiva, razão pela qual veem a Linguística como fonte teórica, capaz de ajudar na percepção dos processos alterados, direcionando novas posturas terapêuticas que propiciem a recriação de possibilidades interativas desses sujeitos sociais.

Baseando-se essas autoras numa perspectiva interacionista e discursiva da linguagem, realizaram uma pesquisa qualitativa, vendo a linguagem do sujeito como atividade e o contexto como essencial ao processo de interação. Para elas, o afásico pode recriar novos itinerários na sua produção linguística, cabendo ao profissional que lida com esses sujeitos preocupar-se em entender a importância da linguagem no aspecto interativo, mais que, apenas, no seu aspecto articulatorio.

Nesta pesquisa, centrada na linguagem do afásico, percebeu-se que, nesse esquema aparentemente simples do processo da comunicação, o indivíduo sofre mutação na forma como tramita na linguagem, com conseqüente debilidade da função comunicativa, ocasionada por um dano cerebral, intentando-se, portanto, analisar a linguagem afásica não do

ponto de vista neurofisiológico, mas considerando-a como responsável pelas limitações impostas na capacidade criativa verbal do indivíduo e buscando, nessa fala fragmentada, uma subjetividade que a sociedade lhe nega.

No capítulo seguinte, apresentamos as análises feitas nos discursos produzidos pelos afásicos, que compuseram o grupo de estudo, identificando, em suas falas, aspectos valorados pela Linguística, não analisando a doença em si mesma, mas, precipuamente, o desgaste psicossocial imposto pelas dificuldades sociodiscursivas ao falante afásico.

CAPÍTULO 2

A LINGUAGEM DO AFÁSICO À LUZ DAS TEORIAS LINGUÍSTICAS

2.1 Constituição do *corpus*

Como já dito, o estudo desenvolvido nesta tese se caracteriza como sendo qualitativo, realizado sobre estudo de casos, buscando a compreensão do fenômeno afásico, caracterizado por grau de complexidade interna.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, baseada em estudo de casos, não se valorizaram os subsídios das causas, nem das consequências da existência, sendo o foco as características do que se pretende investigar, ou seja, a produção discursiva do afásico, a fim de ser feita uma avaliação de suas dificuldades discursiva. A opção por estudo de caso, enfatizando o aspecto qualitativo, favoreceu o valor notável do ambiente na configuração da personalidade, problemas e situações da vivência do sujeito, preocupando-nos com o fenômeno da linguagem do afásico, a qual está impregnada de significados que a situação lhes outorga. Como descrevemos uma visão subjetiva, foi requerida a interpretação de dados à base da percepção do fenômeno linguístico em um dado contexto.

Procuramos manter, por se tratar de pesquisa qualitativa, o interesse na captura do ponto de vista dos autores sociais, privilegiando os aspectos conscientes, a subjetividade entre o indivíduo e o pesquisador, bem como os significados atribuídos pelos autores num determinado contexto. Assim, esse estudo não envolveu, simplesmente, a elaboração e/ou verificação de hipóteses previamente elaboradas, e sim a apreensão ou a percepção de uma determinada situação real em que a dificuldade de interação acarreta danos ao indivíduo que se vê estigmatizado pela sociedade, que lhe nega o papel inato de sujeito sociodiscursivo.

Por envolver pessoas, obedecemos aos rigores éticos e morais, bem como à necessidade de sigilo, em todas as etapas de desenvolvimento da pesquisa. Foi assegurado aos participantes que, a todo e qualquer momento, eles poderiam retirar-se da pesquisa, sem qualquer prejuízo, havendo os registros sido obtidos após o projeto haver passado pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UNICAP, com número de protocolo - CEP 061/2006. Ainda em obediência aos ditames legais, os participantes foram informados quanto ao objetivo da pesquisa, tendo toda coleta de dados sido realizada somente após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O Grupo de Convivência de Afásico nasceu de uma comunhão de ideias entre profissionais da Universidade Católica do curso de fonoaudiologia, com o objetivo precípuo promover a interação e a atividade discursiva dos sujeitos afásicos. Na busca pela consecução dessas metas, foram desenvolvidas atividades recreativas, durante as quais se dava maior atenção à abordagem de aspectos comunicativos, trabalhados de forma lúdica e envolvendo a ativação de memória.

A pesquisa foi realizada no período de seis meses, durante o ano de 2005 e as amostras da fala de três indivíduos afásicos selecionados foram coletadas, sem que se levassem em conta aspectos como restrição de idade, tipo e tempo de lesão ou condição sócio-cultural. A escolha dos três afásicos do grupo tomou por critério principal a sua fala já bem reconstituída, mas que, ainda assim, não lhes permitia sentirem-se incluídos na família e na sociedade. A dificuldade de formulação linguística, mormente em franco estado de readaptação estrutural, ainda se revela como grande entrave a que o sujeito afásico assuma o seu papel sociointerativo, pelos entraves impostos por uma visão excludente que tenta sonegar-lhes a subjetividade discursiva.

O breve relato da história de cada um se fez necessário apenas para contextualizá-los sócio-culturalmente, como demonstrativo também de que a afasia não atinge grupos específicos. Foram, assim, realizados contatos com os afásicos e seus familiares com o objetivo de estabelecer um histórico de cada um deles, enfocando aspectos de sua vida produtiva antes do AVC e pós-doença. Como observado que o afásico não se dispunha a falar sobre aspectos de sua individualidade, optou-se pela abordagem com a utilização do gênero entrevista, cuja característica implícita a formulação de perguntas às quais deve o entrevistado responder.

A entrevista, gênero tradicionalmente aceito como jornalístico, tem, como objetivo precípuo, uma prática de linguagem, na qual os interlocutores se posicionam, como num jogo de papéis: o entrevistador, por meio das perguntas, suscita a palavra do outro, incitando a transmissão de informações. A relação instaurada entre o entrevistador e o entrevistado, vista como social e interpessoal, é condicionante da interação estabelecida entre os dois. Dessa forma, foi facilitado que o entrevistador (neste caso o terapeuta ocupacional) acessasse as informações sobre a individualidade desses sujeitos afásicos, já que, entre eles, já fora estabelecido um compartilhamento das dificuldades, propiciando a realização da entrevista o acesso a informações as quais, de outra forma, lhe seriam sonegadas.

Optamos por uso de codinomes, a fim de preservar o anonimato dos entrevistados.

O primeiro entrevistado, aqui nomeado Cravo, é do sexo masculino, tem, atualmente, 59 anos de idade. Antes da AVC, trabalhava em uma escola onde exercia a função

de professor do ensino fundamental. Sua rotina de trabalho era intensa, praticava atividades físicas diariamente e ainda se dedicava a aprender o idioma inglês. Considerava-se uma pessoa dinâmica, que gostava de atividades voltadas ao lazer. Gostava de sair aos finais de semana, quando sempre buscava uma casa de forró ou brega para sua diversão. Ele não gosta de falar da doença, mas informa que tudo ocorreu muito rápido.

Outro componente do corpus selecionado é do sexo feminino, com 52 anos de idade, morava em um bairro nobre, com seus pais e sua filha, fruto de um casamento fracassado. A essa entrevistada, demos o nome de Flor. Sua única irmã morava no mesmo prédio e dividia com ela os cuidados com os pais doentes. Com formação superior, dividia seu tempo entre o atendimento aos pais e a administração de uma copiadora.

Sua rotina de trabalho era muito pesada e tomava todo o seu tempo. Em 1994, com o Plano Real, a copiadora começou a dar prejuízo financeiro, levando Flor a um alto nível de estresse. Sem cuidar da saúde, com uma vida sedentária e sem tomar os medicamentos para controlar sua pressão alta, acabou sofrendo um AVC que mudou completamente sua vida. Durante a avaliação da história clínica, sua irmã relatou que os sintomas do AVC tiveram início durante o banho. Nesse momento, Flor percebeu que não conseguia falar. Foi socorrida imediatamente por sua filha que estava em casa, chegando ao hospital inconsciente, mas as sequelas do AVC foram muitas: afasia, hemiplegia do lado direito, distúrbios motores, déficit de sensibilidade, luxação escápulo-umeral, défices cognitivos e consequentes problemas emocionais.

A terceira entrevistada, Bromélia, é brasileira, frequentou o curso superior de Física, na UNICAP, mas não o concluiu; é divorciada, tem uma filha de 21 (vinte e um) anos e trabalhava como responsável técnica de uma empresa de desinsetização e desratização, havendo sido, por muitos anos, professora. Aos 41 (quarenta e um) anos, sofreu um AVC e, de imediato, foi socorrida, após sentir uma forte dor no peito. Apresenta, como sequela, uma afasia de predomínio expressivo com dificuldades práxicas importantes. Verificam-se, ainda, algumas dificuldades de ordem compreensiva. Após esse episódio, apresentou bastante dificuldade para se comunicar. Bromélia tem o hábito de ler jornais, de ouvir música e utilizar o computador para se comunicar e ler notícias. Para se expressar, utiliza quase que exclusivamente a modalidade escrita e uso de gestos, para melhor se fazer entender. Segundo a filha, no início do problema, muitas vezes não era possível compreender o que ela falava, o que a deixava bastante impaciente. Porém, agora, ela já se expressa melhor.

Na transcrição dos trechos coletados, ou seja, no *corpus* (entrevista), T, indica o entrevistador e o nome de flores (Cravo, Flor e Bromélia) referem-se aos entrevistados.

Apesar de ser a entrevista um gênero que, por si, é gerador de formalidade e tensões, após o tempo de convivência já haver propiciado uma aproximação entre o pesquisador e os sujeitos analisados, buscou-se a utilização de estratégias que tornassem mais informais as abordagens, no decorrer da entrevista. Embora a coleta dos dados para a análise pudesse ter sido feita na convivência em grande grupo, procurou-se resguardar a privacidade dos sujeitos, que se veem numa situação linguística prejudicada. Para isso, a entrevista transcorreu numa conversa que se pretendeu o mais possível descontraída, envolvendo, nesse momento interativo, o entrevistador e o entrevistado, questionando sobre aspectos que, em grupo, não seriam tão facilmente abordados, àquela altura do tratamento.

Com esse propósito, recebemos os sujeitos desta pesquisa no Laboratório de Recursos Terapêuticos da Universidade Católica Pernambuco, convidando-os pelo seu nome próprio e encaminhando-os à sala de atendimento reservado. Para facilitar a descontração do entrevistado, desde os primeiros momentos interativos, procuramos deixar o afásico ser o protagonista na cena clínica, criando uma situação na qual o entrevistado se sentisse como a pessoa de maior importância naquela entrevista. Esse aspecto foi favorecido pelo elo de confiança estabelecido entre o entrevistador e o entrevistado, em momentos de convivência, anteriores ao da entrevista.

Cada entrevista durou cerca de trinta minutos, sendo os dados registrados por um gravador de fitas audiocassetes, da marca Sony. As gravações foram transcritas originalmente, visando, assim, dar ao leitor uma compreensão do processo ocorrido na entrevista o mais próximo possível do contexto vivenciado. Após ouvirmos a gravação, foram destacados os trechos narrativos que ocorreram durante a construção da entrevista.

O *corpus* que serviu de base para a análise dos dados linguísticos de três afásicos, coletado no Grupo de Convivência de Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco, está à disposição de outros estudiosos, que os queiram analisar sob outro viés teórico-metodológico, por ser de propriedade coletiva dos pesquisadores do Grupo e de alunos envolvidos com PIBIC-UNICAP sobre afasia.

Os trechos analisados foram selecionados através de leituras e releituras dos discursos do sujeito, na procura de fatos de linguagem, com margem nas interpretações, implicadas na fundamentação teórica. A partir daí, foi realizada a análise dos relatos, com a confrontação do arcabouço teórico, ou seja, a construção da análise dos dados, bem como a entrevista dos participantes, se constituiu no *corpus* que foi confrontado com as teorias da linguística e da linguagem. Os trechos retirados do *corpus* foram utilizados sem obedecer a uma

sequenciação determinada, mas por revelarem-se denunciadores da fala de um sujeito discursivo que luta para recuperar o convívio linguístico que lhe é negado.

2.2 Análises das produções discursivas dos participantes afásicos

É preciso que eu diga, o que digo pra você; tenho que dizer que sou doente que eu não sei falar direito, tem hora que não sei falar direito aí o camarada: “ah você tá bem. (CRAVO).

Nesse item, desenvolve-se a análise dos fragmentos discursivos dos 03 (três) afásicos envolvidos no estudo. Esse itinerário se deu a partir de trechos retirados do *corpus*, não aleatoriamente, confrontando-os com a fundamentação teórica aqui trabalhada, por isso, como já esclarecido, não houve uma preocupação em seguir uma sequência no uso dos recortes da entrevista, já que nosso objetivo foi trabalhar fragmentos cujas ocorrências permitiam analisar a subjetividade discursiva do sujeito afásico desta pesquisa, com base nas formulações teóricas selecionadas.

A seguir, os primeiros fragmentos analisados, sob o prisma da Linguística.

- (1) Tenho pena de mim e o meu futuro. Vou more como? (CRAVO).
- (2) Ninguém me respeita. não tenhooo valor nenhum, o que será do meu futuro. Estou acabada(pausa) estou feia, sem trabalho. (FLOR).
- (3) Maço naum sou ninguém. Me sinto alejada, infeliz. [Choro] (BROMÉLIA).

No segmento 1, percebe-se a troca lexical de morrer por more. O segmento 2, exemplifica as trocas fonéticas (trabalho por trabalho) e prolongamento da vogal final da palavra (tenhoo). O mesmo ocorre, no segmento 3, quando a vogal tônica é permutada (moço por maço), bem como se dá o prolongamento da nasalização final (naum). Esse tipo de análise, no entanto, não foi o foco desta tese, posto que as alterações impostas à estruturação léxico-sintática, na fala do afásico, não obedecem a categorias gerais nem apresentam uma consistência nos erros fonéticos, apresentando, ao contrário, distorções bem individuais e aleatórias, a ponto de um mesmo falante afásico cometer uma determinada troca fonética, por exemplo, mas não a cometer de novo em outro momento.

Também é necessário esclarecer que não se visou à análise da fala do afásico em observância à simbologia adotada em transcrição de conversações. O que se tentou fazer foi, mantendo a ortografia oficial da língua portuguesa, dar destaque aos trechos em que a fala do afásico se diferencia de sua própria fala e da fala da sociedade como um todo.

O enfoque dado é no fato de que, apesar de terem os falantes afásicos construído frases cujo sentido foi plenamente captado pelo interlocutor, o discurso presente nessas falas demonstra a vulnerabilidade e o desgaste que o afásico enfrenta, em consequência dos

comprometimentos na fala, decorrentes das sequelas motoras, cognitivas e sociais, causadas pela patologia, trazendo prejuízos significativos na sua qualidade de vida. Para os nossos participantes, a doença os priva do material semiótico e ideológico na elaboração da produção dos seus discursos, ainda que haja construção significativa, mas, a partir do parâmetro de sua fala pré-doença, sentem que lhes falta domínio da língua, ratificando o que diz Bakhtin (1992), quando aponta a palavra, a imagem e o gesto como caracterizadores, muitas vezes, do discurso.

Nas produções discursivas analisadas, verifica-se essa ação, como recurso para facilitar a interação do afásico. Nas palavras de Cravo, ao manifestar como ele se sente ao se comunicar, esse aspecto é facilmente observado:

(4) Às vezes falo uma palavra sou entendido, outras vezes... A palavra permite com que os outros me entendam, às vezes. Às vezes utilizo o gesto, desenho, ao outro me entende.

Dessa forma, o aspecto semiótico da consciência de Cravo é expresso de múltiplas formas, porém a palavra é algo de que, no trecho do discurso, ele busca se apropriar como uma forma de ser entendido. A palavra é o instrumento da consciência, já que funciona como elemento essencial ideológico, seja ela qual for e está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação humana, mesmo dos afásicos comprometidos em sua linguagem, daí esse sujeito afásico (Cravo) tentar o uso da palavra, em primeiro lugar, para só depois, utilizarem-se de outros recursos. O que se depreende do seu discurso é a imperiosa necessidade de interagir, de fazer-se compreender e, tendo consciência de sua dificuldade, recorre a outros códigos como forma de garantir a sua inserção social.

Sabe-se que o meio social no qual o falante se situa está repleto de conceitos de valores, de sentido ideológico que impulsionam e, conseqüentemente, organizam a sua atividade mental. Cravo e Flor, ao ser-lhes perguntado o que eles gostam de fazer, enquanto atividade social, afirmam:

(5) Eu estando numa festa, não tenho que dizer, não posso dizer a todas as pessoas que entrem lá, eu chegar junto e dizer, eu sou afásico. Eu gosto de ir às festas, às vezes, mas não falo que eu sou. É bom, me faz bem.(CRAVO).

(6) eu não era, eu era crente. oh! eu era católica e espírita também. aí, mas eu vi que não era bom espírito não. adoro apreender com os outros, participando da ileja, melho minha fala, mina cabeça, gosto de participar em grupo, aprendoo mais.(flor)

Na fala de Cravo (5), percebem-se falhas gramaticais não comprometedoras da construção do sentido, no entanto importa ver que seu discurso está impregnado da valoração social e, portanto, da ideologia que perpassa esses valores, quando nega a possibilidade de reconhecer-se afásico perante um grupo estranho, pois fazê-lo o colocaria numa posição de

desconforto na situação dialógica, ainda que aprecie essa convivência social. Essa sua relutância se dá em face de saber que a sociedade estigmatiza aqueles que não atendem às suas expectativas de positividade. Na fala de Flor (6), percebem-se também falhas estruturais não tão comprometedoras para um profícuo falante, no entanto ressalta-se em seu discurso a necessidade de convivência em grupo, buscando, para isso, o ambiente religioso, visto que intui ela sua aceitação irrestrita por aquele grupo, em razão do conhecimento do senso comum de que as igrejas – não importando a sua fundamentação religiosa - são lugares de aceitação do outro como ser imperfeito, concretizando a ideia bakhtiniana de que o pensamento se apoia no sistema ideológico, sendo por meio da palavra que o indivíduo compreende seu meio social. A impossibilidade de domínio amplo da fala faz Flor recolher-se ao grupo religioso, como fonte de lazer, pela sua crença de proteção, provavelmente inculcada em sua educação anterior.

Ao ser perguntado como se percebe perante a afasia, Cravo (7) expõe a importância do trabalho em grupo, os conteúdos ideológicos que são manifestados neste trabalho e a possibilidade de aprender com o outro. Vê-se que seu domínio da fala está prejudicado, mas, ainda assim, ele, entre os três entrevistados, apresenta maior facilidade de construção frasal.

(7) Eu sei tudo, digo tudo, me lembro de tudo, mas assim, logo no começo, não sabia nem a hora, como é que pode? Imagine, entende? Esses trabalhos em grupo podem manifestar os meus valores, aprendo com o colega e sinto que isso vai me melhorando.(CRAVO).

Percebe-se, no entanto, sua necessidade de fazer-se entender, quando questiona esse entendimento. Mais uma vez se faz presente a característica intrínseca ao ser humano de ser social, que vê no outro o constituinte de seu próprio eu. Essa colocação de Cravo remete-nos ao que afirma Vygotsky (1990), para quem o significado de uma palavra é resultado de uma construção social, de uma situação de interlocução localizada no tempo e no espaço. A palavra, assim, recebe diferentes significados, sendo imprescindível que o sujeito se sinta como locutor de seus próprios pensamentos.

Cravo, Flor e Bromélia, ao serem indagados sobre a importância do uso da palavra e dos significados que elas podem trazer quando as expressam, mediante a afasia, relatam:

(8) sabia escrever. Gosto das palavra, elas remetem siginificados, ô, ó problema é como o outro vai entender. Imagina que falo uma palavra e o outro pode dar outro siguificado.(CRAVO).

(9) Olha, mas às vezes me entendem,é, é, é, me entendem. Outra vez falo e eles entendem outra coisa. Eu falo colher eles entendem fome. Visse. (FLOR)

(10) Antigamente, é calada, não é, calada. Falo uma coisa, os outros entendem uma outra coisa. Prefiro ficar calada, é melhor. Um dia falei para a Doutora que estava pensativa, e ela me perguntou por que pensar, não adianta ficar pensado, ora não

posso pensar. Ela entendeu que eu estava pensando coisa ruim, não era. Pensamento, Doutora, é coisa boa (pausa). (BROMÉLIA).

No segmento 8, Cravo manifesta seu amor às palavras, que ainda permanece, visto que usa o tempo presente, mas seu conhecimento da escrita foi perdido com a patologia. Reconhece a importância da construção do significado para a interação, daí preocupar-se com o entendimento, pelo outro, daquilo que verbaliza. Registra-se, assim, a preocupação do sujeito com o reconhecimento de que, na linguagem, no âmbito dialógico, a interação se dá entre os sujeitos e os significados são construídos de forma que um indivíduo possa agir sobre a fala do outro. Essa consciência se manifesta na fala de Cravo, quando se preocupa com o fato de dizer algo e ser diferentemente entendido, comprovando a opacidade do dizer como característica de sua fala, desconhecendo ser esta característica comum à linguagem em si mesma.

Da fala de Flor (9), destaca-se a preocupação do ouvinte em estabelecer a comunicação, pressupondo ele uma parafasia, ou seja, o uso de uma palavra por outra com a qual se acha relacionada. Ao dizer colher, entendem que Flor quer dizer fome, já se pode, para saciar a fome, fazer uso de uma colher como instrumento. Esse fato demonstra que há, entre os interlocutores, a busca por um papel ativo, uma tentativa de entendimento, por vezes frustrada, mas caracterizadora da tentativa de dar sentido à linguagem no uso e em determinadas situações da vida.

Na fala de Bromélia (10), sua relutância em falar se deve à maior dificuldade em estruturar sua frase, bem como em escolher as palavras exatas. Percebe-se que sua relação dialógica está prejudicada, pois sente que seu ouvinte distorce o significado das suas palavras, comprometendo o que Bakhtin chama de liberdade discursiva, essencial para a dialogia entre locutor e ouvinte. Esse discurso é também sugestivo da assimetria na relação médico-paciente, na qual o médico supõe saber ou poder prescrever o que o outro pensa. Sentindo-se tolhida nessa liberdade discursiva, Bromélia prefere adotar um comportamento recluso, linguisticamente falando, já que lhe resta o pensamento como refúgio para seu próprio eu. Fala consigo mesma e inferindo-se que ela extrai dessa monologização o prazer que a interação lhe tem usurpado.

Nos três sujeitos observados, percebe-se uma situação de solilóquio no diálogo, já que se perde a cumplicidade, base para o discurso, com problemas nos processos de referenciação e no papel do outro na construção do significado.

Isso comprova o que Vigotsky (1990) destaca, ao afirmar que, ao longo do desenvolvimento do homem, a palavra tem enorme importância na interação verbal. Partindo dessa acepção, faz-se necessário salientar que os comprometimentos para os indivíduos

afásicos são bem complexos, porque o indivíduo é atingido no seu todo e se vê, abruptamente, impossibilitado de se comunicar de forma adequada com os que o cercam. Dessa forma, a sua interação verbal vai sendo comprometida nas suas relações sociais, pois sua fala pode ter outra interpretação diferente da pretendida, confirmando o que Bakhtin (1992) afirma sobre a transformação de significados, no transcurso da interação verbal. Se é por meio do diálogo que se revela a palavra e o seu funcionamento como instrumento da consciência individual, o indivíduo afásico é prejudicado, quando não consegue utilizar-se da palavra adequada.

No discurso de Bromélia (11), constatou-se essa valoração da palavra, em um momento da sua fala, quando foi perguntado o que ela gosta de fazer. Ela dá uma interpretação à pergunta que confirma a sua tristeza, pois vai buscar, no passado, a atividade que lhe era prazerosa, e não, no presente, centrando sua resposta na valoração do termo ‘professora’.

(11) Eu era Professora. Aí que tristeza. Essa palavra me lembra muita coisa boa em minha vida. (Choro). Eu era Professora. Professora significa ser justa, honesta, é bom saber ensinar, o, o, o, outro.

A riqueza de significado da palavra professora a fez lembrar um momento significativo em sua vida, durante o qual ela interagiu com seus alunos, sentindo-se participante ativa nessa troca social. Em seu discurso, vê-se também reflexo de uma geração prenhe da ideia de ser a figura da professora detentora das virtudes apregoadas na ideologia dominante, em seu meio social. Isso nos lembrou a discussão da língua numa perspectiva dialógica, interativa, quando Vygotsky (1990), ao falar sobre o processo de interação, define que as relações ocorrem numa dimensão social e individual - são como aspectos de um mesmo processo e não como duas estruturas independentes uma da outra, e é por meio desse processo que se constitui a consciência. Bromélia, ao usar o passado (eu era), reflete a perspectiva de que o homem é um ser histórico e produto das relações sociais. Assim, ela demonstra haver-lhe sido usurpada essa possibilidade interativa, pela dificuldade de expressar-se linguisticamente, mas, mais que isso, essa barreira linguística impõe barreiras sociais e profissionais.

Nas produções discursivas, os elos expressivos da comunicação se emaranham numa rede social, que, inicialmente se atém às particularidades individuais de cada sujeito, para, posteriormente, ocorrer os entrecruzamentos das vozes. Os fragmentos da entrevista com Flor e com Bromélia, abaixo transcritos, mostram essa relação íntima entre o discurso individual imerso no discurso social.

(12) Aqui me sinto cidadã do mundo, sou escuta compreendida. Doutor e ruim não se entendida, gosto de interagir com as pessoas. (Flor).

(13) Sabe Doutor o ruim interagir com os outros, mas sou metida falo mesmo, vejo que falando melhora minha fala. A falaa melhora quando dialogou coooo os amigos. (Bromélia).

Nesses excertos, percebemos a importância da interação dialógica, defendida por Bakhtin, na qual se articula, em nossas falas, a fala de outras pessoas, como, se no diálogo que travamos com outras pessoas, viessem outras vozes, porque o que é dito pelo sujeito não pertence só a ele, mas, certamente, a vários sujeitos.

Uma questão que se destaca nos dados dos três participantes é a queixa de serem pouco compreendidos por seus interlocutores, de se fazerem entender pelo outro, instituído numa situação de poder refletido na palavra “doutor”. A não compreensão de palavras faladas é quase sempre geradora de sentimentos negativos, para esses sujeitos afásicos, como explicitado nos fragmentos abaixo:

(14) Preciso de falar, debater com alguém, conversar, às vezes tô com eles, aí, entendeu, são amigos (pausa). Bem defronte de casa, tem uma loja, aí eu fico brincando com eles, de jogo, essas coisas, tudo bem, gozando também. E eles gozam, eu gozo também, mas são meus amigos, eu aceito, eles sabem que eu sou doente.(CRAVO).

(15) Gosto, menino, muito mesmo de conversar, mas as pessoas não querem conversar comigo, sabe, menino? Tem outra pessoa lá bem pertinho que ela é AVC também e ta, ela, ontem, anteontem ele veio aqui. Ele era, é policial, bichinho, ele tá de cadeira de rodas mesmo, sabe? Ela ta, ela dá, ela conversa. A única só que conversa comigo, sabe? Aí ajudas, noto, parece que fica tudo com medo.(FLOR).

(16) Isso, menino! Muitas vezes ninguém me entende o que falo. Acho bom escutar e serr...escutcheda.Ouvir no gupo me ajudar muito, sinto que melhora.(FLOR).

(17) Ninguém me entende, gosto de interagir, o que tem me ajudado é esse grupo de anjos que são vocês e os outros pacientes. Quando chegooo.. (risos), sou escutada, aprendo com a fala dos outros. Vejo que tem gente pior do que eu.(BROMÉLIA).

Através dos fragmentos discursivos de Cravo, Flor e Bromélia, observamos que a participação deles no grupo de convivência tem servido de experiência para sua constituição de autoria como sujeitos do discurso. Eles têm experienciado questionamentos sobre a doença e a sua condição de vida atual, buscando, dessa forma, sua própria existência como um protagonista afásico. Como ser criativo, os falantes afásicos analisados, no exercício de sua *práxis*, percebem não só a sua realidade, mas abrem-se para a realidade, em geral, pois conhecem as características do mundo somente quando as criam, seja material ou espiritualmente.

Na fala de Cravo (14), percebe-se como “doente”, o que justifica o comportamento zombeteiro dos amigos, confirmando a afirmação de Bakhtin de que quaisquer mudanças sociais repercutem na língua, e os sujeitos interragentes as inscrevem no

seu aparato linguístico pelo acento depreciativo, como o fazem os amigos de Cravo, que, por sua vez, reflete o movimento contrário, ou seja, a mudança em sua linguagem repercute no social. É certo que fingir a inexistência da patologia artificializaria a relação entre o afásico e o outro, podendo até mesmo vir a dificultar a relação.

Nos segmentos de fala de Flor (15 e 16), verifica-se a sua aproximação com pessoas que apresentam a mesma dificuldade na fala, sendo tal fenômeno explicável por fatores sociais que determinam a vida concreta do indivíduo em seu meio social, ou seja, ao buscar o outro, posto que o outro é essencial para que o sujeito tome conhecimento não somente das coisas mas também da consciência de si mesmo, Flor é melhor recebida por outros sujeitos afásicos o que a faz deles se aproximar com mais facilidade, reconhecendo neles a existência não conhecida de sua patologia. Reconhece Flor que é importante ser escutada e escutar o outro e isso lhe faz falta, pois a interação pelo diálogo é constituinte do sujeito, sendo-lhe dificultada essa constituição, no momento em que se isola e se retrai, preferindo conviver com outros sujeitos afásicos, daí o grupo ser visto, por ela, como lugar de melhora psicossocial.

Na fala de Bromélia (17), destaca-se a atividade psíquica que implica a consciência de classe de que fala Bakhtin, quando a atividade do sujeito implica um “nós”, no grupo de pessoas afásicas. Não é um problema isolado, constitutivo de um “eu”, mas partilhado por outros sujeitos com os quais ela se identifica e estabelece um comparativo, possibilitando um discurso interior, que a enquadra numa posição melhor que outros.

Esse desgaste pelo comprometimento da fala comprova o que assevera Ducrot sobre serem os processos linguísticos determinados pela dimensão social, que envolve o processo de dialogização, a partir da interação verbal, condicionada à história de vida do falante e à sua condição no mundo. Essa interação sociocomunicativa, no itinerário da patologia, é prejudicada, já que as linguagens dos nossos participantes afásicos, algumas vezes, não são entendidas, são reduzidas a um código, a um mecanismo que deixa de funcionar em sintonia com o grupo social. Entretanto percebe-se a necessidade do discurso do outro, isto é, da interdiscursividade ou heterogeneidade constitutiva do discurso, para construção de sua fala.

Outros exemplos, na fala de Cravo e Bromélia, também deixam esse aspecto da quebra de interação social em destaque:

(18) Eu, eu, eu fui um cara não sei por que, isso, isso me dói muito às vezes, entendeu, falava comigo. Buscava compedi e no entendi mucho. Eu não sei, eu não sei por que ... (CRAVO).

(19) Hoje tá pouco, muito pouco visse? Eu também, eu fico com eu sei que (pausa). Eu fico (pausa) era uma coisa (pausa) eu me esqueci, olha eu falar uma coisa com é

(pausa) uma pessoa, né, eu só digo bom dia, bom dia e pronto, paro no lugar pra tá, muitas palavras, muitas coisas. Poucas pessoas, eu paro e converso. (BROMÉLIA).

Nesses trechos (18 e 19), percebe-se como primaz o processo de internalização, na construção da linguagem, na visão bakhtiniana, pois a percepção que o indivíduo tem de si depende do outro; o sujeito vê o que o outro não pode ver: sua própria imagem, sua expressão. O outro é, portanto, essencial para que o indivíduo tome conhecimento não somente das coisas, mas também da consciência de si mesmo, do conhecimento da existência não conhecida. Essa impossibilidade de contatar com o outro linguisticamente e de, nele e por meio dele, enxergar a si mesmo é altamente prejudicial ao afásico, provocando o seu recolhimento, a sua preferência pelo isolamento e mutismo.

Para os nossos protagonistas em cena (Cravo Flor, Bromélia), a sua internalização da percepção que o indivíduo tem de si é fragmentada devido à afasia, deixando-os improdutivos e dependentes para a realização de atividades significantes em suas vidas. Vê-se, nesses depoimentos, a questão social, mais uma vez, em que o externar dos falantes qualifica como obstacularizante. Percebeu-se essa construção negativa de si mesmo, nas falas de cada um dos participantes abaixo:

(20) ... As pessoas têm uma idrelia que somos um pobre coitado, um incapacitado. (CRAVO)

(21) ... Eles me veem como uma desgralhada, incapaz. (FLOR)

(22) ... Aqui não tenho medo de errar. Lá fora as pessoas acham que a gente é Bicho. Tem pena da gente, acha a gente um pobre coitado. (FLOR).

(23) ... As pessoas têm pena de mim, me acham uma pobre coitada, uma aleijada. (BROMÉLIA).

Essa impossibilidade de agir sobre o outro, por meio da linguagem, desliga o afásico da estrutura social, já que ocorre uma quebra na ligação dual entre discurso e estrutura social, aspecto essencial no uso da língua como forma de representação, como lembra Fairclough. Contrariando, também, o que esse autor nos diz sobre a posição do sujeito no discurso, vemos, nos excertos 20, 21, 22 e 23, como as projeções dos ouvintes são desmeritórias para que esses sujeitos construam sua imagem e assumam uma posição de sujeito do discurso.

Nos excertos 24 e 25, percebemos, nos discursos de Bromélia e Cravo, diferentes formas de lidar com a sua limitação.

(24) É, é, agora eu leio um pouco e tento escrever, o discurso das festas faz escrito, e alguém ler (risos). Se eu for falar (pausa), ninguém vai aguentar, três horas. (BROMÉLIA)

(25) tem hora que não sei falar direito aí o camarada: “ah você tá bem”. Sou excluído porque não consigo falar tudo, às vezes tem um grupoo, quero falar, mais não mês sinto à vontade. Sou colocando para escanteio por naõa falar. Gostaria de voltar a falar, para volta viver.(CRAVO)

Da fala de Bromélia, extraímos um pouco de ânimo por reconhecer sua melhora: já lê um pouco e tenta escrever, sendo capaz de rir de seu próprio desacerto, enquanto Cravo, ao dizer que “gostaria de voltar a falar, para voltar a viver”, dá uma dimensão maior ao isolamento que lhe imposto – é escanteado pelo grupo. Cravo dá um grande significado para a fala, fazendo uma relação direta desta com a vida. Seu discurso é arraigado a um sentimento de exclusão, pelo fato de não conseguir se comunicar ou falar tudo que gostaria de enunciar, contrariando o fenômeno dialógico das enunciações, que traz implícita a ele a necessidade de sujeito interativo, isto é, sujeito falante, que necessita de uma abordagem dialética da linguagem, demonstrando, ainda, a necessidade do trabalho com o entorno social.

A inibição dos afásicos em colocar em prática a sua fala ficou registrada como uma dificuldade a mais, já que os significados das palavras, da linguagem são desconstruídos, devido à doença, causando dificuldade interativa desses sujeitos no seu cotidiano. Suas produções discursivas estão, muitas vezes, limitadas ao contexto social do tratamento, como se depreendeu dos excertos 26, 27 e 28, a seguir:

(26) ... Não só nada, não faço nada. Gosto de ler e escrever, de ajeitar minhas coisas... Pareço um boneco, dependo dos outros, não só compreendido.(CRAVO).

(27) Gosto, menino, muito mesmo de conversar, mas as pessoas não querem conversar comigo, sabe, menino? (pausa) A única só que conversa comigo, sabe? Aí ajudas, noto, parece que fica tudo com medo. (risos). (FLOR).

(28) ..Gostaria de voltar a falar direito (pausa), gostaria de ser independente. Participar de novos encontros. Fico com vergonha e medo de falar para o outro. (BROMÉLIA).

A imagem que Cravo faz de si impede-o de ver a si mesmo como sujeito capaz de outras habilidades. Ele gosta de ler e escrever, ações solitárias, mas não interage com os outros, pois não é compreendido pela fala. Esse mesmo comportamento de isolar-se, destaca-se no medo e na vergonha de falar para o outro, verbalizados por Bromélia. Flor, em sua fala, parece lidar melhor com sua dificuldade, transferindo a limitação aos outros, pelo medo de falarem com ela. Tais trechos comprovam, mais uma vez, que a linguagem é um evento social realizado por seres humanos dentro de um contexto comunicativo real, sendo considerada como parte integral da natureza e do uso da linguagem pelos homens.

Apesar da limitação imposta aos afásicos no domínio linguístico, isso não afeta o seu reconhecimento estético, como afirmam os entrevistados nos trechos 29, 30 e 31.

(29) ... acho feio quando falo fica parecendo estrangeiro e a grática não é correta.
(CRAVO)

(30) ... Olhe, tem momento que fico rindo dos colegas, nos falamos feio, parece gringo. Comemos as palavras (risos). (FLOR)

(31) ... Falo feio, engulo as palavras, é horrível. Como afásico fala feio, parece bicho.
(BROMÉLIA)

Nesta pesquisa, infelizmente, não foi possível dar enfoque à entonação na constituição discursiva do afásico, pela não autorização de filmagens nem de apresentação das vozes. Pelas falas acima, vimos que, para dialogar com o afásico, é preciso captar a dimensão de profundidade das palavras pronunciadas, como destacado por Wittgenstein, buscando-lhe o sentimento, a intenção, a circunstância, a entonação com que é proferida a palavra, para mantermos o estabelecimento da interação. É importante também conhecer o escopo, o universo que os significa, para não cair no abismo de uma interpretação que silencia. O sentimento comum percebido nessas falas é de deslocamento. Constatou-se que Cravo, Bromélia e Flor, por demonstrarem dificuldade de se expressar claramente, sentem-se deslocados socialmente e expressam essa sensação, expondo seu próprio preconceito. Mas a afasia não esconde a presença de um sujeito que, entre palavras desconexas, mantém-se na entrevista a responder às perguntas, apesar da materialidade sonora de sua fala perturbar a composição enunciativa, podendo até rir, como o faz Flor, mas esse riso não diminui a certeza de sua situação conflituosa nem de sua possibilidade cognitiva.

Poucas vezes, durante a entrevista, os sujeitos entrevistados fugiram do sentido do que lhes era perguntado, ou seja, a composição enunciativa do afásico é prejudicada devido à materialidade sonora, porém não houve dificuldade para eles compreenderem o que os participantes se propuseram a enunciar. A seguir, recorta-se um trecho da entrevista, para que se visualize o que está sendo afirmado:

(32) **T**- Antes, o senhor costumava conversar muito ou era mais afastado?

(33) **CRAVO** - Eu já disse, só quando nas festas, quando, aí fora isso eu tô em casa, eu sou um cara que tenho medo da, da vio, da vio, da vio, como é que chama, da vio...

(34) **T**- Violência.

Percebemos, nesse excerto, que a língua em uso atende a diversas demandas decorrentes da condição do homem como um ser social, como um ser no mundo. O indivíduo afásico, nas condições em que se acham os analisados nesta pesquisa, produz discursos, segundo as várias *práxis* no seu cotidiano, a partir de enunciados, portanto sem diferença do processamento por não afásicos. Seu enunciado, além de ser considerado uma unidade da

comunicação discursiva, foi também produzido num contexto especial entre duas pessoas, dentro de uma dinâmica social específica, caracterizando-se, assim, pela construção de sentidos e interpretações pelo enunciatário. Não há, pois, como não considerar a enunciação do afásico como um ato comunicativo, ainda que a sequela da patologia incluísse dificuldade de compreensão.

Na entrevista, Cravo, Flor e Bromélia relataram situações de vida anterior à doença e, ao lembrarem-se desses fatos, voltaram no tempo, aproximaram-se de uma fase da vida considerada saudosa e, possivelmente, feliz. Durante a entrevista, cada palavra utilizada pelos participantes é carregada de significações e de sentimentos como exclusão, medo, solidão ou isolamento. Percebeu-se bem essa dinâmica, nas falas dos indivíduos nos seguintes recortes:

(35) Ah, a minha, minha irmã sabia dessas coisas, ela sabe dizer as coisas todinha, eu não sei falar direito porque meu remédio é tudo, é minha irmã que é ela que controla tudo isso, tem certos remédios, aí o de coração também, né, porque eu tive um infarto em 90, né? Aí com, com eu acho que porque eu fumava muito também, depois do infarto depois, depois. Isso foi de 90 pra cá, isso. Aí fiquei desse jeito, entendeu? Hoje, hoje, hoje eu tô muito bem. Hoje, eu tenho, eu agora tem eu não sei rezar, eu não sei cantar, eu gostava de cantar muito num canto porque não, não. Eu leio o jornal todinho, mas não sei o que tô dizendo, eu leio o jornal todinho, mas não sei o sentido. (CRAVO)

(36) Essa doença horrível, horrorosa, atrapalha a vida da gente, a (pausa) deixa a gente toda atrofiada, toda encaramunada, desse jeito, eu tenho o maior desgosto da vida. Eu sou uma pessoa boa, mas hoje em dia (pausa e choro). Antigamente, é calada, não é, calada. Eu fui internada, passei três anos, vai fazer três anos, passada da depressão, toda, toda entubada, cheia, cheia de aparelho. (BROMÉLIA).

Cravo afirma, no excerto 35, que lê “o jornal todinho, mas não sei o sentido”. Levando em consideração as afirmações bakhtinianas de que o enunciado é um fenômeno complexo e heterogêneo e que, portanto, deve ser analisado não isoladamente, mas em sua relação com o outro, dentro de uma concepção dialógica, percebemos que esse reconhecimento de Cravo acresce à sua fala, em 26, outra informação: ele gosta de ler, mas não entende o sentido. Essa ‘confissão’ revela que Cravo já se sente mais à vontade com seu interlocutor, a ponto de informar algo que, ele sabe, colaboraria para prejudicar sua imagem social.

Na enunciação de Bromélia (36), percebe-se o desgosto, a dor moral que a acomete por não mais ser como era, pelos limites impostos a sua autonomia. Na sua afirmação de ser uma pessoa boa, implica-se um questionamento sobre a razão de acontecer com ela tal desgraça, já que, com suas limitações, não consegue desencadear mudanças no meio social em que vive, pois não lhe é facultada uma postura decisiva a respeito de decisões que a

afetam, como sujeito social, possibilidade asseverada, por Fairclough, como intrínseca à prática da produção discursiva.

Na enumeração de situações de vida de cada um dos envolvidos no processo da doença e, concomitantemente, na limitação da linguagem desses sujeitos, percebemos como, ao tentarem elaborar um texto mais longo, a ausência de aspectos sequenciais e coesivos dificultou o entendimento do que intentaram dizer, mas não impediu a tentativa de assumirem a postura de sujeitos discursivos. Nos relatos discursivos 37, 38 e 39, a seguir, faz-se clara tal situação, especialmente em confronto com o trecho 40, cuja estrutura gramatical não apresenta problemas para o entendimento da fala:

(37) Porque eu tenho medo de, porque antes, antigamente, eu sou da Polícia, como civil, eu sou administração, em administração, relações públicas, né, e eu pegava um livro, e quando chegava as, as pra formar os militares, tudo isso, uma festa que tinha no dia principal, aí, aí o governador vinha. Então, com o tempo, eu já pego, no outro dia, eu já fazia o livro e dizia tudo o que aconteceu, eu dizia tudinho. Eu tinha um livro, his, his, um livro, história...Não, um livro histórica, histórico, um livro. Um livro que era pra essa, pra, pra dizer onde de tinha as coisas, entendeu? Que tinha uma festa dos militares, dia, dia, dia, da aeronáutica, dia 20, o 20, eu não sei, o 20 da aeronáutica; o dia, do dia da aeronáutica, tem, é o dia 20, agora eu não sei qual o mês, entendeu? O tempo.(CRAVO).

(38) Então eu sabia de tudo, não é que eu esteja... é pelo tempo que eu já saí da aeronáutica, de noventa pra cá. Faz muito tempo, entende? Aí, aí me lembro às vezes, “danalatê” os colegas de aeronáutica já saíram também da aeronáutica, são aposentados, já saíram, entende? Aí, aí, às vezes falo com eles, mas nem o nome, nem, nem o nome deles, de alguns deles. Não, não, que eu não conheça todos eles. (CRAVO).

(39) Ó, menino, foi uma viagem porque eu fui à Jerusalém quatro vezes. O último, a, a menina, é, é mulher de Pi, João Pessoa. Ela pegou todo mundo, roubou, até (pausa) Eu paguei dinheiro e quando eu vi o cartão, outro, outro, outro, ne, outro. Aí, até o pastores que já tinham, já tinham ido lá, quando eles viram, tava o, o grande, a conta. Olhe, foi aqui, foi em João Pessoa, Paraíba, não, outro lugar aí, e também outros lugares aqui, mas tirou mesmo, até Jerusalém, pegou também e disse que ela está, como é, parecero (pausa). (FLOR).

(40) Sinto falta da minha vida, antes da doeca, lembro da minha infância boa, alegre, das brincadeiras de roda, das amigas, asolência, do meu cabelo, da minha vida. (BROMÉLIA)

O texto de Bromélia (40) caracteriza-se por uma estrutura simples, pausada, centrada em dois fatos apenas, e em enumerações das lembranças, o que facilita o seu domínio linguístico. Sua memória preservada alimenta sua vida atual com as boas recordações, mas, na expressão de que esses bons momentos lhe fazem falta, ela se assume como sujeito de seu discurso intimista e ciente de que isso lhe é, agora, sonogado.

No excerto de Cravo (37), a construção linguística apresenta auto-correções de concordância, hesitações vocabulares, mas percebe-se a necessidade de afirmar sua importância no trabalho, em festividades a que comparecia o governador. Essa colocação

revela que esse sujeito se reconhece como partícipe de uma sociedade hierarquizada, na qual a posição ideológica de que se acha impregnada a palavra “governador” dará ao ouvinte a dimensão de sua importância nesse passado que tenta relatar. O tempo, termo aparentemente deslocado, é, sob o prisma da linguística, uma palavra reveladora de uma expressividade profunda. Em um só vocábulo, está contida toda a causa de seus queixumes. E, no excerto seguinte (38), aprofunda as perdas que o tempo lhe trouxe: o trabalho, os amigos, o esquecimento dos nomes...

O excerto de Flor (39), em que ela relata um assalto de que foi vítima, a incoerência de sua estruturação linguística é reveladora da emoção de que é possuída, ao rememorar o fato. Atropela as palavras, confunde-se, corrige-se. Para o ouvinte desavisado, o processo comunicativo não se concretiza, no entanto, sabendo-se que se trata de um falante afásico, é possível reconstruir a coerência de sua mosaicada história. Logicamente, o conhecimento de dados extraverbiais inferenciais contribuem na (re)elaboração do sentido, como, por exemplo, saber que ela é evangélica ajuda a captar o sentido do termo “pastores”. Interessante notar, ainda, que a repetição da palavra “outro”, em vez de consistir em indecisão do termo seguinte, é, na verdade, um recurso expressivo, indicador da quantidade de cartões usados pelos ladrões, resultando numa despesa enorme: “tava o grande a conta”.

Para os nossos participantes afásicos, colocar a língua em ação gerou um mundo novo, dentro de um contexto de enfrentamentos e de (re) criação de novas possibilidades no cotidiano de Cravo, Flor e Bromélia. Nos recortes, a seguir, constatou-se o que foi afirmado:

(41) É, hoje eu graças a Deus, hoje eu às vezes, minha irmã vai, um dia ela trabalha e outro tá de folga; eu tô com meu carro, meu carro, né? Aí eu saio com ela, vai dá um passeio, vai pra algum lugar com ela, tudo bem. Mas pegando meu carro só, pra assim, a não ser pra pescar sozinho, vou sozinho, pescar sozinho. Pego as varas aí pego meu carro, vou pra, aí eu vou pescar sozinho e fico até tarde, aproveito enquanto minha irmã não tá. Porque quando ela tá, vai dizer que eu to, vai dizer um bocado de coisa que tá errada, que eu to, coisa errada que eu tô fazendo coisa errada. (CRAVO).

(42) É, faz aqui, sousé...É tudo mugto novo. Tenho que aprender a hala, hala. É tudo mugto novo. Dói, é uma barra. Tenho que começa.(FLOR).

(43) Ah, muito, muito mermo, as vei eu perco a esperança quando eu vejo minha perna assim, eu saio arrastando ela. Eu, pra mim, não volto mais a ser o que era não. Porque eu perco ela o M. (pausa). (BROMÉLIA).

Na fala de Cravo (41), percebe-se um sujeito que busca sua autonomia, que tenta individualizar-se no coletivo. Reconhece a ajuda da irmã, mas não abre mão de sua individualidade e pesca sozinho. O fato de conseguir retomar uma atividade de seu passado traz-lhe bem-estar, ainda que sua irmã aponte erros. Vê-se que Cravo quer manter sua postura

comunicativa e dialógica, sem abandonar a imagem que ele construía de si mesmo, de pessoa resoluto, decidida, autônoma e isso se faz presente em seu discurso.

Já na fala de Flor (42), sua vontade parece minada pelas dificuldades. O recomeço a incomoda, mas seu discurso não é derrotista, quando enfatiza “tenho que”. Percebe-se a consciência da falante de que a fala é o centro organizador da expressão do sujeito e que é por meio dessa expressão que ele se constitui em sujeito social.

Bromélia (43) ressalta um discurso preocupado com a compleição física, quando centra sua tristeza no problema da hemiplegia, que não pode ser disfarçado, enquanto, em trechos anteriores de seu discurso, vimos que sua atitude de enfrentamento ante a dificuldade da fala era de um sujeito cioso do estranhamento fonológico (31), do qual se envergonha (28), mas que controla recorrendo ao mutismo (19).

Nessa perspectiva, há um mundo de enfrentamento e um novo mundo após a afasia, sendo necessário trilhar novos caminhos para a (re)criação da linguagem desses indivíduos, a partir das necessidades do sujeito acometido da afasia.

Como analisado nos discursos dos afásicos, percebeu-se que Cravo e Flor discorrem sobre um novo contexto de vida em suas falas. Mas, para eles, o seu mundo é fragmentado e pouco esperançoso, no que diz respeito a voltar a se comunicar com o meio em que vivem, sendo, assim, a perspectiva social o maior enfrentamento dos nossos protagonistas. Essa angustiante realidade foi encontrada, explicitamente, na fala dos participantes, em relação ao mundo da afasia e às suas dificuldades no cotidiano devido à doença.

(44) Eu não fazia nada, eu feito um, um não sei dizer, não sei falar direito, não, só dizia coisa errada e ficava pior que criança. Eu já sou feito uma, assim à maneira de falar assim. Meu mundo é um fracasso. Sem falar, que eu su? (CRAVO).

(45) ...Não sei falar, o que será de mim? (choro). Meu mundo desabou, ninguém me entende. Pergunto quem sou eu? Um bicho aleijado, que fala uma língua esquisita.(FLOR).

Nos excertos 44 e 45, destaca-se, na produção discursiva dos afásicos, o aspecto social condicionador da linguagem, pois é o social que define os discursos na interação, os quais se configuram a partir do cotidiano das pessoas. A percepção de tal verdade refletiu-se no discurso desses dois sujeitos investigados, quando eles destacam sempre o aspecto social como um fator preponderante de preocupação, pelo fato de apresentarem uma comunicação pouco compreendida na esfera da sociedade. Outros recortes (46 e 47) desses mesmos participantes corroboram essa constante preocupação com a perda sociointeracional.

(46) Porque eu não sei cantar, eu cantava seis, sete músicas; a música de Roberto Carlos, eu sabia essas músicas dele todinho e eu gosto e hoje não, não tem jeito. Gostasa do meu lazer, de passear com meus amigos, beber minha cachaça. O mundo fica sem graça, ainda bem que tem o grupo. (CRAVO).

(47) Eu não sou, eu não vou entristecer pra ficar triste, que eu já sei, eu a, animar, eu, eu, de dentro de mim. Eu, animada, eu sozinho em casa, mas eu, eu, a, eu converso mesmo, comigo mesmo, só. (FLOR).

Indubitavelmente, essas produções (46 e 47) dos discursos orais dos nossos protagonistas estão envolvidas de uma dinâmica de rompimento social, nas suas rotinas significativas de vida, revelando um vazio social. Na entrevista, constatou-se que o lazer é, também, uma dimensão ocupacional fragmentada devido à afasia. Os dois participantes colocaram, nos seus discursos, que sentem falta de uma vida social mais ativa, deixando entrever, em suas produções orais, certo sentimento de solidão, a ponto de Flor conversar consigo mesma. Podemos, assim, afirmar que as manifestações ideológicas do sujeito afásico não foram imersas em um vazio, embora não ocorrendo, na superficialidade de sua fala, muito sentido explícito.

De acordo com a análise do corpus dos nossos protagonistas investigados, a perda da linguagem, para esses sujeitos, trouxe rupturas significativas nas atividades do cotidiano, mas não modificou sua essência humana, que o impulsiona a interagir com o outro, ao mesmo tempo em que mantém sua individualidade, ainda que não totalmente preservada, devido à dependência de outrem.

(48)... Gostaria de ser independente, realizar minhas coisas sozinho, ser alguém que tivesse o direito de ser livre. (CRAVO).

(49) Fala! Agora eu, ess, essa, eu, com essas pessoas, vocês, aí, se eu falo, falo, mas não consigo, o que é que tá falendo, assim? (pausa). Ó, casa, eu já sei que é casa; feliz, é, eu quero falar uma coisa: é, hoje é o dia lindo. Eu não sei, assim, o .. Poxa, sou mesmo uma pobre coitachada, não, não, sirvo para nadaaaa.(FLOR).

(50) ...Olha (pausa), sou incapaz, não faço nada (Choro).(BROMÉLIA).

Na fala de Cravo (48), pulsa uma ideologia de libertação, a partir do conhecimento do direito de todo ser humano de gozar de liberdade. A sociedade priva a liberdade de criminosos, mas Cravo sente-se prejudicado nesse gozo, assumindo um discurso de quem se reconhece preso a suas próprias limitações.

Flor (49) e Bromélia (50) apresentam discursos similares, atrelando sua importância existencial à sua condição de produtividade, reproduzindo outro estigma social, que apregoa desvalor a quem não participa ativamente dos processos sociais.

Percebemos, nesses sujeitos, uma tentativa de ressignificar as ações de sua vida cotidiana. A apresentação de estruturação linguística, por vezes, prejudicada, não impediu que

os sujeitos da nossa pesquisa dessem às palavras conotação de expressividade profunda. É o que se percebe nos discursos de Cravo, Flor e Bromélia, nos trechos em que pontuam sentimentos relativos à doença:

(51) É, é, um pensar, não consigo, não sei, não, não, não tem sentido correto. Isto me atrapalha me deixa inseguro. Gostaria de fazer tudo sem os outros. Ir ao supermer..passear só.(pausa).(CRAVO).

(52) Eu não faço nada doutor, passo o dia em casa (pausa). não presto pra nada. (FLOR).

(53) Tudo, tudo. Eu não faço nada, para que eu presto. Passo o dia em casa, quer trabalhar, ter uma ocupação. Fico assim, (pausa). (BROMÉLIA)

Nesses excertos, Flor (52) e Bromélia (53) não veem perspectivas de contribuição real em nenhuma atividade e esse discurso derrotista é envolvido de sentimentos de perda e desinteresse pelo convívio social, confirmando o que disse Luria sobre a comutação da forma de pensar, quando as condições de vida social mudam. As perdas sociais dificultam a esses dois afásicos (re)criarem novas possibilidades discursivas no seu cotidiano, os quais, devido à produção discursiva fragmentada dificultar serem entendidos, entregam-se a um profundo desânimo em criar novos liames com a sociedade. Isso, no entanto, não é absoluto, pois, enquanto Flor e Bromélia alteram sua autoimagem, depreciando-a sobremaneira, Cravo(51) mantém, ainda, o desejo de socializar-se e de ser independente.

Essas posturas dos entrevistados, nos excertos anteriormente citados, comprovam-nos o pensamento teórico de Fairclough de que a linguagem se presta, entre outras, à função de comunicar ao ouvinte à posição que o falante ocupa, ou pensa ocupar, na sociedade em que vive. Nas produções discursivas de Cravo, Flor e Bromélia restou evidenciada a dificuldade vivida por eles, no desenvolvimento de uma atividade social, com repercussão importante no tocante à sua identidade, que fica comprometida, já que o indivíduo passa a ser descaracterizado naquilo que foi construído ao longo da sua história de vida. Esse aspecto é ratificado nas falas de Cravo (54) e Bromélia (55).

(54) Mas até agora, ainda não escrevi, não tô escrevendo ainda com ela, era pra ser quarta-feira, mas eu não fui quarta-feira. Não presto pra nada... (CRAVO).

(55) Muito desgosto, meu filho, eu tenho muito desgosto, de ser uma pessoa sadia e agora tudo o quando eu quero tenho que pedir aos outros, tudo na mão. Logo, perdi logo o braço direito, fiquei com o esquerdo, tem hora, tem hora que eu pego as coisas e tem hora que cai da minha mão e é assim. Também tem hora que eu uso minhas joias, aí tem hora que eu jogo pra lá. Ninguém me entende... (BROMÉLIA).

Embora, nesta pesquisa, tenhamos-nos atido ao doente e não, à doença, não podemos deixar de comentar a imprescindibilidade dos estímulos articulatórios, a fim de possibilitar ao

afásico controle sobre os mecanismos fonético-vocabular, associado a práticas discursivas, capazes de incentivar a formulação cognitiva de frases. Os próprios sujeitos da pesquisa reconhecem essa importância, como se constata nas falas de Cravo (56), Flor (57) e Bromélia (58).

(56) ...aí foi, aí passei seis e sete, seis, uns seis meses. Já com seis meses, nós, é, L., uma moça L. de lá, é minha professora, é. Aí melhorou muito também sabe, mas com ela era bem, com a particular foi logo que coisou — iniciou — primeiro eu não sabia.(CRAVO).

(57) Gostucho, as mais, é sempre conversar, é bom, gostucho, Nossa não.(pausa).(FLOR).

(58) Éee. Têm carinho. É, é, talzes a mim, não deixa eu, talzes de mão...(BROMÉLIA).

Os prejuízos linguísticos na afasia não podem ser considerados como insolúveis, sendo necessário explorar a utilização da linguagem, no âmbito social do afásico, em diferentes situações, como uma forma de possibilitar melhor superação nas perdas linguísticas desses sujeitos. A convivência dos sujeitos afásicos com outros que detêm a mesma dificuldade de fala funciona como elemento facilitador da dinamicidade da linguagem, preconizada por Bakhtin, já que a palavra serve de expressão de um sujeito em relação ao outro, constituindo o plano de interação. O trabalho desenvolvido no grupo de convivência da UNICAP permitiu que esses indivíduos pudessem construir elos entre si, com as suas diferentes necessidades de vida e, principalmente, com suas histórias. Os dois recortes a seguir (59 e 60) permeiam essa realidade enfrentada pelos sujeitos afásicos desta pesquisa, reforçando o papel fundamental do grupo, que permite circular papéis, ainda que se perceba o estigma da doença na fala dos próprios afásicos.

(59) ... O trabalho no grupo tem me ajudado mucho. Às vezes, tem coisas boas que eu sei, mas tem, quando eu quero, não sai nada, quando eu quero. Mas quando não quero, sai. Se você conversar comigo, pode até sair até coisas boas, pode até dizer que eu nem disse, nem falou, nunca disse isso, né? O grupo tem me ajudado.(FLOR).

(60) Adoro vir ao gru..gru..Aqui só aceita,me sinto bem aprendo as coisas, só cidadã.(BROMÉLIA).

Se, como defende Bakhtin (1992), a linguagem determina a existência do sujeito no âmbito social e permite construir as nossas relações sociais com outrem, podemos dizer que o grupo de convivência foi um espaço para a construção das práticas discursivas desses indivíduos, que passaram a ter uma nova percepção de mundo e de vida, de sua constituição como cidadão. Nos excertos 59, 60, 61 e 62, percebemos o exercício da função expressiva humana quando, como especifica Ducrot, o homem se comunica em diferentes contextos de vida, fazendo uso da sua linguagem e, com essa produção discursiva, age sobre o outro.

(61) Tem colegas meus assim que (pausa). Meus amigos sabe de mim, tem horas, às vezes, às vezes eles me gozam, eu também, aí eu continuo brincando com eles, mesmo sabendo que eles tão me gozando, tudo isso, mas às vezes (pausa). Mas é meus colegas, assim, eu é que gosto desse tipo de colega, não é, fazer o quê? Preciso de falar, debater com alguém, conversar, às vezes tô com eles, aí, entendeu, são amigos (pausa). Bem defronte de casa, tem uma loja, aí eu fico brincando com eles, de jogo, essas coisas, tudo bem, gozando também. E eles gozam, eu gozo também, mas são meus amigos, eu aceito, eles sabem que eu sou doente.(CRAVO).

(62) Aqui me sinto cidadã do mundo, sou escuta compreendida. Doutor e ruim não se entendida, gosto de interagir com as pessoas... (FLOR)

(63) Tenho, assim, vai na minha casa, vai saber de mim, conversa comigo, dá esperança, aí se vão embora pra casa. Tem as visitas, tenho a visita de gente estranha tombem, que tudo fico, que me dão aquela força, aquela esperança... (BROMÉLIA)

Vemos, nos três excertos anteriores (61,62,63), que esses sujeitos participam de comunidades verbais diferenciadas, constituídas, segundo Bronckart, por formações sociais, nas quais existem relações de força e conflito, momento em que se faz mister ter o afásico uma preparação para sentir-se como sujeito capacitado a concorrer com essas forças e a não se deixar derrotar por elas. São esses movimentos discursivos hierarquizados que possibilitam as abordagens sociodiscursivas e fundam os conhecimentos dos membros de uma mesma formação social, de uma forma particular.

Nesse aspecto, a convivência grupal resgata a comunicação em diferentes contextos de vida dos afásicos, em que eles fazem uso da sua linguagem no dia a dia, assumindo o grupo um papel mediador. A produção discursiva, nas ações diárias dos sujeitos afásicos, serve de manifestação individual de liberdade, pois a ocorrência da afasia não retira do indivíduo sua posição de sujeito sócio-histórico, o que o impulsiona na busca de recursos linguísticos e aumenta seu interesse pelo extralinguístico, para alcançar a significação, (re)construindo a sua linguagem.

O *corpus* levantado nesta pesquisa apresenta, no fragmento 64, a seguir, associação do fato de não falar claramente a uma condição que o fragiliza dentro da sua singularidade, submetendo-se a uma situação de “brincadeiras” que, indubitavelmente, outrora não aceitaria. Essa postura comportamental e linguística fez-nos refletir como o sujeito é constituído de diversos papéis na sua vida social, traduzidos não só em palavras, mas, principalmente, indicando a sua importância de sujeito no contexto de vida e na sua produção social. Através dessa produção discursiva, Cravo constituiu-se linguisticamente, experienciando sua condição de assujeitamento perante os amigos, que lhe são caros, mas, acima de tudo, empenhou-se na busca de sua própria existência, como um sujeito afásico.

(64) Tem colegas meus assim que (pausa). Meus amigos sabe de mim, tem horas, às vezes, às vezes eles me gozam, eu também, aí eu continuo brincando com eles,

mesmo sabendo que eles tão me gozando, tudo isso, mas às vezes (pausa). Mas é meus colegas, assim, eu é que gosto desse tipo de colega, não é, fazer o quê?

Entretanto, o mesmo sujeito, no excerto 65, em outro momento, seu texto revela-se um elo dentro de uma cadeia de enunciados, sendo, como afirma Bakhtin, uma atitude responsiva aos enunciados de seus interlocutores em situações descritas em 64, já que não se dá uma recepção passiva de um discurso.

(65) O meu sentimento é que sou nada para determinados momentos. A dimensão da vida é grande. Não sou capaz de nada. Não faço nada, não presto para nada. Não êxito no mundo. (CRAVO).

Percebeu-se, na fala de Bromélia (65), uma atenção especial ao cotidiano, ou seja, às atividades que gostaria de realizar, as quais refletem, linguisticamente, a natureza do ser humano como participativo socialmente. A sua troca lexical (existir por êxito) levantou o questionamento de ser mais uma dificuldade fonética específica do momento daquele sujeito ou se essa permuta não incidiria sobre aspectos mais subjetivamente profundos, como o fato de Cravo ver sua existência no mundo como associada ao êxito social.

(66) ...Para que eu presto. Passo o dia em casa, queria trabalhar, ter uma ocupação. Fico assim, (pausa). (BROMÉLIA).

O pensamento expresso nos trechos 65 e 66 são reveladores de perdas no cotidiano de vida, em que a construção das relações sociais é prejudicada pela relação linguística deficitária. As mudanças fisio-sócio-históricas impostas a esses indivíduos influenciaram seus processos linguísticos e práticos, levando-os a buscarem, no tratamento, a recuperação identitária, pela recuperação do domínio discursivo.

No entanto, nas falas dos entrevistados, verificou-se inquietude com relação à intervenção terapêutica dos profissionais cuja prática desconsidera o sujeito social, focando-se apenas na patologia. Essa percepção se faz clara nos excertos de Cravo (67) e Bromélia (68):

(67) ...Aí, aí nessa época também eu não sabia dizer as frutas pra escutar também, tava com muita coisa, hoje não, hoje eu tô bem melhor, muito melhor, porém é muito médico com muitos conhecimentos, entra numa sala vai noutra, fico confuso com tantos médicos, um cuida da fala, outro da cabeça, dos pés, cada um fala uma coisa, fala uma coisa, confuso. É muita confusão. (CRAVO).

(68) ...São um monte de gente querendo tratar a gente, uns diz uma coisa, outro diz outra, um fala que o outro tá errado, em que a gente deve confiar. Pareço uma boneca na mão de vocês. Vocês ficam brincando com a gente. (BROMÉLIA).

O estudo interdisciplinar, destacando-se a Linguística, ajuda na organização de conhecimentos e saberes indispensáveis à compreensão de situações subjetivas, com vistas ao tratamento reabilitativo de indivíduos afásicos, sem limitar-se à visão puramente fisiológica,

esquecendo que a ocorrência da afasia não elimina a necessidade humana de constituir-se sujeito de sua linguagem, na interação com o outro.

Essas percepções, manifestadas nos discursos nos excertos de Cravo (67) e Bromélia (68), confirmam que as trocas de conhecimentos e saberes entre os profissionais reabilitadores não ocorreram de forma a deixar os pacientes mais seguros com relação ao tratamento. Percebe-se que falta uma intervenção terapêutica mais ampla, que vise não apenas às incapacidades e desvantagens na linguagem, mas que valorize os diferentes contextos em que esse sujeito afásico está inserido no processo saúde-doença. O terapeuta, ao deparar-se com o mundo do afásico, deve estar preparado para lidar com diferentes singularidades e pluralidades de sujeitos que buscam a reconstrução da sua capacidade discursiva, como ferramenta indispensável à interação social, dentro de um contexto dialógico.

O cotidiano de Cravo, Flor e Bromélia, à época da pesquisa, era, indubitavelmente, constituído dentro do universo da doença, e o que se constata, nas produções linguísticas, é o incômodo por não terem seu discurso compreendido, bem como a liberdade de ir e vir que lhe é podada pelo corpo adoecido e pela sociedade.

(69) É, é, um pensar, não consigo, não sei, não, não, não tem sentido correto. Isto me atrapalha me deixa inseguro. Gostaria de fazer tudo sem os outros. Ir ao supermer..., passear só. (pausa). (CRAVO)

(70) Queria ser inepedente... sei lá, como se fala essa palavra. Os outros nao me deixa fazer Nadia, querer falar por mim". (FLOR)

Se considerarmos que toda enunciação é um diálogo, necessário à interação verbal dos indivíduos é compreensível que Cravo e Flor relatem situações vivenciadas no seu cotidiano, no enfrentamento da afasia, que lhes causam sofrimento.

(71) Isso me dói muito, porque eu pedi pra ficar doente, pra ficar doente e perder cinco anos meu?!! (CRAVO)

(72) É, menino! A gente olha assim, cada uma que tá com um problema horrível. É, menino, aí a gente vai, conversa e diz: olhe eu tava de cadeira de rodas e fiquei melhor, já tá melhor e fica assim, e eu (pausa) sente bem. (FLOR)

(73) Essa doença horrível, horrorosa, atrapalha a vida da gente, a (pausa) deixa a gente toda atrofiada, toda encaramunada, desse jeito, eu tenho o maior desgosto da vida. Eu sou uma pessoa boa, mas hoje em dia (pausa e choro). Antigamente, é calada, não é, calada. Falo uma coisa, os outros entendem uma outra coisa. Prefiro ficar calada, é melhor. (BROMÉLIA)

Entender a linguagem dos nossos sujeitos investigados implica conhecê-los nos seus diferentes contextos de vida, no seu cotidiano, ferramenta necessária para a sua construção de linguagem, que, no dizer bakhtiniano, é ponte por meio da qual um indivíduo se define em relação ao outro. Essa noção constitutiva da linguagem é percebida no cotidiano, pela

necessidade de encontrar a forma de ser compreendido e de compreender. Reforçados pelas ideias dos ensinamentos bakhtinianos, comprovamos a dificuldade dos afásicos em vivenciar o compreender-interpretar, que permite conhecer outros contextos e expandir o horizonte de conhecimentos com o universo, devido ao comprometimento da interação desse indivíduo dentro de um universo linguístico prejudicado. Essa defasagem na interação pela linguagem, constituinte do sujeito, obriga ao afásico estabelecer um novo universo de conceitos, valores e interesses, pois ele não mais se identifica como o sujeito que era, antes da doença. Sua relação com o mundo é a sua liberdade face ao ambiente circundante, a qual inclui a constituição linguística.

Nesse âmbito, elevam-se as dificuldades que vêm ao encontro do afásico: não ter linguagem eficiente significa não ter mundo. Buscar compreender e redimensionar esse cotidiano de Cravo, Flor e Bromélia é dar-lhes um novo sentido de vida, para que eles possam (re) significar a sua linguagem, constituindo um desafio para eles mesmos. Verificamos duas passagens em que Cravo (74) e Flor (75) suscitam queixas com relação à sua própria ociosidade e ao desinteresse do sujeito não afásico em escutá-los.

(74) ... Gosto de ler e escrever, de ajeitar minhas coisas... pareço um boneco, dependendo dos outros, não só compreendido. Nem escrevo, antes era escritor, sabia escrever.(CRAVO).

(75) ... Aqui mesmo, na, (pausa) aqui, a gente, eu converso, a gente olho assim, eu vejo aquela pessoa tá muito triste, aí eu vou conversar, aí eu noto que essa pessoa... mais às vezes eu noto que ninguém que falar comigo, não presto para nada. As pessoas têm medo de mim. (choro). (FLOR).

Nas palavras desses sujeitos, percebeu-se a necessidade de expressar-se, comunicar-se e como eles sofrem com o descaso do outro, esse outro que o constitui e com o qual deveria interagir. Essa é uma necessidade vital de cada um de nós, afásicos ou não, pois nos constituímos socialmente através da linguagem, na interação social. O grupo social, então, exerce sobre o sujeito importante influência, positiva ou negativa, reforçando a necessidade de sempre envolver o entorno social, como se percebe no recorte abaixo, de Cravo (76).

(76) Dói muito, principalmente, aí meu Deus, aí, eu nem, nem posso dizer pra você, porque eu não, eu gostava de muito de cantar, ler as músicas, de ficar mais à vontade de dizer as coisas, no final de ano, entende? Quando eu tava afastado da minha, da minha esposa, entende? Eu, eu quando tava afastado dela entende? No final de ano, assim, eu ia pra casa do meu irmão mais velho e meu, meu, meu sobrinho pegava o violão e chegava àquela mão, aquela na mão, da mão de Deus, aquela. Toda música gostava, ficar olhando, todo mundo, era muita gente e eu cantava pra ele, ele tocava e eu cantava pra todos eles, eu cantava. Então isso me dói (choro) eu gostava muito dessa música. Eu tenho num cartão do meu colégio eu tenho um caderno que tem essa música, gostaria de voltar a fazer as minhas atividades, sinto falta delas... (CRAVO).

Vê-se, na estruturação discursiva de Cravo, a atividade da consciência que, pondo-nos em constante insatisfação com o mundo, instiga-nos a descobrir uma nova realidade e, assim fazendo, pelo enfrentamento daquela realidade angustiante, Cravo, Flor e Bromélia (re)descobrem-se e vislumbram que o entendimento da linguagem extrapola a forma da língua. De repente, esses sujeitos se depararam com um novo mundo, um novo contexto de vida, um mundo desconhecido, que os assusta, sendo o sequelado linguisticamente mais prejudicado em seu convívio social que as pessoas que apresentam sequelas motoras, mas têm preservada a fala. Essa visão fica clara na resposta de Cravo (77).

(77) ... imagina, fica sem falar... meu Deus prefiro ficar sem as pernas Eu não sei, eu não sei por que, eu não sei por que as pessoas conversam...e eu... mas ante de, de, de, de ser, sem ser doente, eu era... Agora, eu vou jogar bola, ah eu vou jogar bola tal, aí conversava e tudo”. Tu vem, não fala, tu só faz jogar “(CRAVO).

O discurso presente neste depoimento de Cravo implica que a alteração na linguagem significou a perda de um convívio social, de uma identidade, isto é, houve a quebra de um processo vital para o sujeito, e é, nessa situação de perdas comunicativas, que se busca um novo contexto de vida. Em consonância com o dizer de Jakobson, que valoriza o estreitamento social da informação, quando, na relação falante/ouvinte, se vai além da decodificação da sonoridade, em busca do sentido da mensagem transmitida, nas falas de Cravo (78), Flor (79) e Bromélia (80), a quebra desse estreitamento é revelada em suas consequências.

(78) ...o camarada vai até ficar, aí eu vou ter que dizer a elas que eu sou doente e tal. Eu estando numa festa, não tenho que dizer, não posso dizer a todas as pessoas que entrem lá, eu chegar junto e dizer, eu sou. (CRAVO).

(79) ... Ninguém aguenta. Quem sou euuu.(choro). Não tenho nada, perdi tudo, falo feito doido. Ninguém me respeita.(FLOR).

(80) ...Pareço uma boneca na mão de vocês. Vocês ficam brincando com a gente. (BROMÉLIA).

Se nos ativermos apenas à decodificação da lâmina sonora da fala, percebemos que é possível, no caso dos indivíduos analisados, ao ouvinte reconstruir as lacunas e tropeços, mas esse esforço de cooperação exigido, traço extralinguístico, é maior, o que termina por afastar as pessoas da intenção de manter diálogo com os sujeitos afásicos e essa ciência afasta os próprios acometidos pela limitação da tentativa de interação linguística.

Depreende-se dos discursos de Cravo (81), Flor (82) e Bromélia (83) o interesse latente em ter uma vida social, que extrapole os limites do grupo, ampliando para outros espaços, porém declaram que encontram dificuldades para construir esses laços, pois a perda

da linguagem para esses sujeitos trouxe diversas consequências negativas, do ponto de vista sociolinguístico e afetivo:

(81) ... Quero ter amigos para sair. Hoje tenho dificuldades de sair de casa. O povo tence verconha de mim. (CRAVO).

(82) ... Hoje não tenho amigos, as pessoa têm medo de mim. Gostaria de ter amigos, sair de casa, passar.(FLOR).

(83) ... Não tenho amigos, ninguém que saber de mim. Gostaria de ter amigas. Você que ser meu amigu?(BROMÉLIA).

Como visto, depreenderam-se desses depoimentos os comprometimentos nos processos de significação e identidade dos sujeitos afásicos, confirmando o dizer de Jakobovicz (1996), para quem a afasia é um acometimento que modifica as diferentes condições da tarefa do sujeito no seu cotidiano e no seu mundo e explica a transformação do mundo de Cravo, Flor e Bromélia, cujas falas estão comprometidas, mas não invalidariam uma interação social, desde que o outro se permitisse interagir com eles.

Na análise do *corpus* se verificaram diferentes necessidades de vida de cada um dos sujeitos, suas histórias de vida antes e após a doença, e certa inquietação dos participantes pela não aceitação da doença, certo medo do futuro e pouca esperança do amanhã, com demonstração de ausência de metas, mas confirmou-se que a possibilidade de interação com o grupo foi fato gerador de esperança e de maior aceitação de si mesmo.

Compreendendo o sujeito como efeito de uma linguagem, fato também preconizado nos estudos de Authier-Revuz (1992), constatamos, em partes dos fragmentos no *corpus*, que a produção discursiva dos afásicos se marca também dentro de uma heterogeneidade constitutiva. O discurso dos nossos sujeitos é atravessado por discursos outros, numa relação ínfima entre o consciente e o inconsciente, coincidindo com o conceito de polifonia de Bakhtin.

(84) Eu, eu, quando eu ganhei ps, a perna, eu ps, eu penso assim, se eu botar um aparelho nessa perna, mesmo do joelho pra baixo, eu, eu, eu penso que eu melhora. Eu vejo gente com perna morta que bota e depois volta a andar com aquele aparelho, mas o, o braço foi dado, foi dado mesmo que morreu, que, que o, o (pausa).

Na fala de Bromélia (84), verifica-se um discurso de possível recuperação que não é de si, mas de outra voz que se inseriu em seu mundo e ela a absorve, de forma inconsciente, sendo essa manifestação linguística uma maneira de se perceber no outro. Bromélia mostra certo otimismo na sua reabilitação, ao comparar-se com situações de outros sujeitos

Também Cravo (85) aponta a interferência do outro no seu discurso e a melhora sentida como advinda dessa interação. Em seu discurso, a coerência, para ser construída,

requer do ouvinte um apagamento das repetições, as quais, para o sujeito afásico, são essencialmente necessárias para suplantar o silêncio lacunar de sua fala, mas que são desnecessárias para um ouvinte profícuo. Esse recurso revela-se como uma tentativa de Cravo de manter seu turno de fala, evitando que um silêncio indesejado possa sugerir ao ouvinte o encerramento de sua enunciação.

(85) Antes, eu já falei pra você, antes, entendeu, eu cheguei ao ponto que não sabia nem o tempo, o que era de manhã e o que era à tarde; hora, também, essas coisas, minuto, não sabia hora, nada, entende? Então, fruta, não dizia nem as frutas, não sabia nem as frutas, não sabia. Pra botar num caderno, uma conta. Aí fui melhorando com a fone, fui melhorando, quase seis meses, devia ir lá, mas às vezes não podia, ficava doente, também a outra pessoa, mas, mas. Mas hoje continua esse, que eu disse a você, estou bem melhor, eu dizendo que tô bem melhor.

Pudemos perceber, na fala de Cravo (85), a manifestação de um discurso que ele mesmo sanciona, devido à sua melhora em relação aos sintomas provenientes da afasia, o que lhe indica a possibilidade de retomada de uma vida produtiva. Mas essa indicação não é expressa, posto que se manifesta num discurso marcado por uma dimensão psíquica do inconsciente. Cravo enuncia a sua recuperação de forma recorrente, denotadora da busca do sujeito de, através da linguagem, sentir-se mais seguro em suas enunciações e, portanto, mais aceito pelo grupo social, com o qual precisa interagir.

No fragmento enunciado por Flor (86), visualizamos, à semelhança de Cravo (85) sua construção inconsciente de ser em relação com o outro, o que a constitui e constrói a imagem que tem de si, permitindo-se relacionar-se, pelo uso da linguagem, para afirmar a sua melhora significativa e, principalmente, afirmar-se como sujeito interativo, que luta pela sua recuperação e demonstra preocupação com o outro que lhe parece mais prejudicado.

(86) É, menino! A gente olha assim, cada uma que tá com um problema horrível. É, menino, aí a gente vai, conversa e diz: olhe eu tava de cadeira de rodas e fiquei melhor, já tá melhor e fica assim, e eu (pausa).sente bem.(FLOR)

Constatemos, ainda, que, nessa prática discursiva de Flor (86), emerge uma linguagem firmada por um posicionamento de sua condição atual, fazendo a entrevistada uma comparação do ontem e do hoje. Isso corresponde ao que Orlandi (2001) aponta, ao dizer que o discurso é efeito de sentidos entre locutores, trazendo em si marcas da articulação da língua com a história do sujeito para significar o seu discurso, ainda que Authier-Revuz (1994) postule não ser o discurso meramente firmado pelas questões ideológicas do sujeito, pois é cruzado pelo inconsciente. Mesmo Flor e Cravo, nos excertos anteriores, acreditem ser a fonte de seus discursos, são esses discursos que, na verdade, os afirmam, pelo uso da linguagem.

Asseveramos que, através da linguagem, os indivíduos da pesquisa demarcaram diversos sentidos nos seus discursos, por vezes, como expressão de seu desejo de sua recuperação, mas, em outras situações, como uma barganha com o terapeuta (entrevistador), no sentido de negação do seu quadro da patologia, o que fica claro no recorte 87.

(87) O meu carro, num andei com ele porque meu médico não deixou, passei seis meses sem, sem, sem andar com meu carro, porque o problema na cabeça, né, que eu tive um, A...V...C. Aí, aí eu, mas começou, começou deixa eu dizer tudinho como aconteceu na minha vida? Só um..instante. (Cravo).

Essa leitura (87) nos permitiu buscar o passado discursivo que Pêcheux afirma estar presente em toda enunciação, determinando ter a linguagem uma ocupação social. Sua fala entrecruzada com a voz do médico remeteu-nos a construções sócio-interativas anteriores, o que reforça a ideia de que uma concepção tecnicista da linguagem distancia-se, totalmente, dos paradigmas linguísticos que contemplam a língua dentro de um contexto sócio interacionista, dialógico, polifônico e filosófico.

Da análise realizada a partir dos oitenta e sete excertos escolhidos, ficou patenteado para o autor que o indivíduo afásico, a partir do estabelecimento de momentos interativos, revelou-se consciente de sua possibilidade de assumir posturas linguísticas de sujeito de seu discurso, necessitando, no entanto, de que houvesse, por parte dos ouvintes, uma postura comunicativa mais receptiva, mais efetiva.

Essa realidade, encontrada pelos indivíduos da pesquisa, no Grupo de Convivência da UNICAP, foi de fundamental importância para que aflorasse, novamente, em cada um dos afásicos ali presentes, a sua subjetividade latente, sua essência humana, solapada pelo acometimento patológico. A compreensão de que o afásico é prioritário em relação à afasia remeteu-nos ao campo da Linguística, buscando revelar, nesses sujeitos, sua competência discursiva, ainda que limitada por aspectos estruturantes do sistema linguístico, vendo-os como sujeitos sociais e que, como tais, não podem prescindir da interação, da convivência com o outro.

CONCLUSÕES

Neste estudo, procurou-se mostrar que o cotidiano dos sujeitos afásicos analisados é repleto de perdas, fracassos, medos, sensações de incapacidades, devido não só às alterações na linguagem, mas em todo processo de socialização do sujeito, que passa a enfrentar situações adversas, muitas vezes tendo que recorrer a fatores de natureza extra e paralinguísticos, em que a necessidade de um trabalho multidisciplinar é inquestionável. Refutou-se, assim, o pensamento orgânico que direciona a grande maioria das práticas terapêuticas de afasiologistas, demonstrando-se que a patologia não é algo meramente neurofisiológico, mas que também pode ser compreendida em outras dimensões humanas.

É cediço que a capacidade linguística do sujeito permite promover a interação social e a sua organização dos pensamentos, não sendo nenhum sujeito previamente preparado para ter perdida essa capacidade. Mas a afasia vai além de uma simples dificuldade articulatória das palavras, já que, atingindo a estruturação frásica, limita, substancialmente, a fluência linguística do afásico e, apesar de não desconstruir sua constituição subjetiva, altera sua identidade social, como ocorreu com os protagonistas desta pesquisa. Limitados na sua discursividade, restringiram seu grupo social à sua casa e ao grupo de convivência, o que, no entanto, não atinge o sujeito em sua essência, sujeito de realizações sonhadas, e pleno de necessidades sociais.

A construção da análise dos dados dos três participantes, ainda que compondo um *corpus* limitado, revelou-nos que a afasia ocasionou rupturas na produção de vida e da saúde desses indivíduos. Para eles, a intervenção do grupo pode-lhes garantir a possibilidade de melhorar em relação a sua linguagem e, principalmente, em relação a sua independência, no que concerne tanto às atividades laborativas quanto às suas rotinas significativas.

Os sentimentos manifestados por Cravo, Flor e Bromélia sugerem uma autoestima baixa, pouca expectativa com o amanhã e certa queixa pela situação atual, devido ao impacto ocasionado pela afasia na sua produção de vida, confirmando a ideia de que o sujeito é constituído pela linguagem e que faz uso dela em suas interações sociais. Qualquer entrave a essa interação tem repercussões graves na autoestima do ser humano, sendo bem presente esse sentimento na fala dos três afásicos participantes. Os sentimentos presentes nos discursos dos sujeitos desta pesquisa mostraram, de forma bastante clara, que o fato de as alterações em suas produções discursivas impossibilitarem o desenvolvimento de algumas atividades, nas suas rotinas de vida, ocasionou fragmentação nas relações sociais, ficando, muitas vezes, um

convívio restrito apenas aos familiares e alguns amigos, pois são poucos os indivíduos que, no dia a dia, têm a paciência de buscar interagir com o sujeito afásico e não se atenam a uma questão de *status* linguístico.

Na construção desta tese, procuramos analisar a postura linguístico-discursiva de indivíduos afásicos, amparando-nos especialmente em teorias da Linguística, conseguindo comprovar a hipótese principal de que a fragmentação da fala desses sujeitos, apesar de ser um complicador em sua situação comunicativa, não desfaz sua característica de ser social e de sujeito de discurso.

A nossa concepção de linguagem, pelo viés da Linguística, foi vê-la como fator de ação social, por meio do qual o ser humano interage com o outro. Analisando a fala dos afásicos, numa dimensão dialógica, verificamos como a desconstrução das suas redes de interações sociais atua sobre o indivíduo sequelado, o qual sente a desestruturação e desorganização do seu meio social.

A abordagem linguística possibilitou essa visão científica da linguagem, na condição afásica, comprovando a tese aqui defendida de ser a afasia um problema essencialmente discursivo, que afeta as práticas linguístico-discursivas no cotidiano do sujeito afásico, devendo assim ser desenvolvida a terapia com os acometidos pela afasia, extrapolando uma visão de ser ela meramente uma patologia neurológica. Esta pesquisa nos permitiu comprovar que as poucas tentativas de socialização que têm sido desenvolvidas envolvendo pessoas afásicas, nas quais se valoriza a convivência em grupo, garantiram a esses sujeitos uma melhora considerável em comportamento, em sua linguagem e em seu discurso.

Os indivíduos afásicos, codinominados Cravo, Flor e Bromélia, se situam num contexto social novo, num processo de (re)construção das suas produções discursivas, tendo em vista o comprometimento advindo da afasia, com alterações na sonoridade das palavras, na gramaticalização, resultando em dificuldade de estabelecer uma interação dialógica, dada a elaboração problemática de sua mensagem.

O exame do *corpus* restrito foi suficiente para perceber a dificuldade dos sujeitos da pesquisa em interagir, verificando-se, com frequência, certa inquietude com relação às suas rotinas e ao seu cotidiano. O percurso desses sujeitos é rompido no processo da doença, ao se depararem com estigmas sociais, dadas as diversas perdas que lhes são impostas. A imagem da posição de sujeito enunciativo que o afásico tem de si ladeada pela imagem que o outro tem do afásico, perceptível nas análises procedidas, permitiu-nos reconhecer, em seus discursos, que as condições interativas da produção linguística do afásico ocorrem num contexto específico e desigual. A imagem que o afásico tem de si e a imagem que o interlocutor tem de

si são antagônicas, constituem posições diversas do imaginário. Na tentativa de estabelecer uma relação dialógica, com seu ouvinte, o afásico formula e reformula linguisticamente seus enunciados, sendo esse fato indicador da direção ideológica discursiva, confirmando que a ideologia constitui os sujeitos e os sentidos.

Assim, o sujeito afásico, em seu discurso, reproduz a preocupação com a imagem de si que passa ao seu ouvinte, tentando garantir sua inserção no grupo social, que não o aceita com naturalidade, vendo-o sempre como diferente, estranho ao meio.

Mas nenhum falante, nem mesmo o não afásico, tem garantia de pleno sucesso em sua ação comunicativa, graças às derivas de compreensão que a opacidade da língua possibilita, entretanto, no caso dos afásicos, vimos, em seus discursos, a certeza que eles têm dessa incompreensão, da qual advém o afastamento interativo e provoca seu isolamento, propicia afloramento de angústia e desânimo.

Mesmo em se tratando de um *corpus* restrito, as conclusões indicam que as estratégias linguístico-discursivas do sujeito afásico, quando colocados em convivência no grupo, permitiram uma melhora considerável na sua autoestima, com reflexo em sua predisposição a reelaborar sua fala, devido ao processo de identificação nos discursos, o que ocorre em uma via de mão dupla, colaborando cada um dos sujeitos para a construção da identidade do outro e de si mesmo.

Como verdade indiscutível e incontestável, a fala se reveste de crucial importância na interação, por isso é preciso que, a partir de reflexões próprias, o afásico veja seu discurso como um ato que, com falhas estruturais, não está desprovido de significação, podendo sim, garantir sua (re)inserção no meio social, como produtores de textos significativos, necessitando, para isso, valorizar suas experiências individuais, ainda que negativas, pois, se assim não o fizer, está, na verdade, submetendo-se às imposições ideológicas sociais.

Os pontos analisados nos conduziram ao objetivo primaz desta pesquisa, que era reconhecer, na produção discursiva do afásico, uma tentativa de postar-se, afirmativamente, como sujeito sócio-histórico. Essa postura restou evidenciada, após alguns encontros no Grupo de Convivência, no qual os indivíduos afásicos se permitiram interagir pelo discurso, ante a identificação de cada um com a problemática do outro. O desenvolvimento de suas produções discursivas foi gradativo, mas facilmente perceptível, mesmo para aqueles que apresentavam maiores limitações.

Entretanto, nesta pesquisa, tivemos-nos em analisar, apenas, as produções discursivas de três afásicos, que já apresentavam uma melhora na elaboração linguística, mas ainda revelavam, em seus discursos, a perda da inserção social como a de maior valia. Isso

não exclui os demais afásicos das conclusões aqui obtidas, sabendo-se que os sentimentos de exclusão são partilhados por todos, em níveis diferentes. A linguagem, portanto, é base da interação social, mas não se revela, em si mesma, capaz de garantir essa inserção. É preciso que haja, no meio social, a aceitação da subjetividade desses sujeitos, assumindo o grupo social um agir comunicativo, isto é, faz-se necessário que o ouvinte tenha consciência da partilha de um só mundo objetivo, bem como da incondicional validade dos discursos dos afásicos.

Os dados coletados evidenciaram que a interação sociodiscursiva é a via pela qual os profissionais envolvidos com a afasia podem trabalhar de forma a promover não apenas a reorganização linguística mas também a (re)inserção desses sujeitos, no mundo de realizações discursivas.

Percebemos que a heterogeneidade constitutiva, ainda que numa superfície enunciativa fragmentada, pode ser encontrada no sujeito afásico, desde que se permita a esse sujeito, premido pelas suas limitações, conviver com pessoas que, numa postura de ação comunicativa, estabeleçam uma relação dialógica desse sujeito com o meio social em que vive, confirmando a afirmação dessa autora de que não há linguagem sem sujeito, o qual se afirma por meio dela.

Foi com esse olhar que o trabalho desenvolvido no Grupo de Convivência da UNICAP estimulou as produções discursivas de Cravo, Flor e Bromélia, permitindo-nos concluir que a prática da linguagem num âmbito coletivo de maior aceitação rege um dispositivo facilitador, para que o afásico (re) crie os seus processos linguísticos, no momento em que o outro, detentor de similar limitação, espelha a face do próprio eu de cada um.

Um novo contexto de vida, uma nova perspectiva social são enfrentamentos que o sujeito afásico, inevitavelmente, vivencia em suas vidas. Mas o maior obstáculo à retomada de sua inserção linguística foi a resistência de alguns colegas, da sociedade e do mundo, em compreender as fragilidades linguísticas provenientes da afasia, sendo, portanto, a convivência no grupo um passo importante na reabilitação desses sujeitos, para os quais essa vivência possibilitou uma dinamização nas suas vidas. Percebem-se sentimentos de melhora, uma auto-estima mais elevada, uma maior participação social e menos ociosidade no seu cotidiano, além de maior predisposição a exteriorizar linguisticamente seus posicionamentos.

Do discurso elaborado pelos falantes, ficou patente que o tratamento a eles dispensado pelos profissionais envolvidos com a afasia tem sido visto, pelos afásicos, como técnico e repetitivo, tornando-se uma atividade pouco prazerosa. Já no trabalho do Grupo de

Convivência, os participantes perceberam-se inseridos em atividades interativas, as quais facilitaram sua confiança em tentar a sua (re)inserção na sociedade.

Esse fato como facilitador da (re)construção ou (re)criação da linguagem desses sujeitos foi destacado nos seus relatos, quando falam da importância do Grupo de Convivência em suas vidas, mostrando-se mais otimistas e impregnados de um discurso por meio do qual se compreende que o grupo tem sido um baluarte para a vida desses sujeitos. Embora saibamos que sua linguagem é fragmentada, o afásico (re)cria novas possibilidades discursivas, (re)construindo redes sociais nas suas participações no grupo. O (in)sucesso de tais procedimentos terapêuticos atrela-se ao estímulo da produção linguística, desde que redimensionados os conceitos e as práticas sobre a afasia, possibilitando ao afásico voltar a construir novas perspectivas de produção social, de vida e de linguagem.

A incursão pelo mundo teórico da Linguística permitiu-nos considerar o sujeito para além das limitações impostas pela doença, pois apegamo-nos às repercussões, no cotidiano social do afásico, decorrentes de suas dificuldades de interagir, dada a limitação linguística que o acometeu.

Essa construção teórica da afasia, com as questões epistemológicas da Linguística, pode ser considerado um grande avanço na discussão sobre o tema em questão, tendo em vista que, ao se analisar o *corpus* em estudo, constatou-se ser possível, nas produções discursivas de Cravo, Flor e Bromélia, entrelaçá-las com os princípios teóricos da linguística, o que implica reconhecer que a língua não pode ser tratada numa perspectiva puramente organogenética.

Levando-se em consideração a proposta do estudo aqui sugerida e a abordagem metodológica utilizada na pesquisa, foi possível verificar algumas peculiaridades no decorrer deste trabalho. Dentre elas, pontuam-se:

- os aportes teóricos da Filosofia da Linguagem e da Linguística são relevantes para a compreensão e explicação das perdas sociais dos sujeitos afásicos, ficando as questões neurofisiológicas a cargo das ciências da saúde (medicina, fonoaudiologia, fisioterapia, terapia ocupacional etc.);

- a linguagem de Cravo, Flor e Bromélia, geralmente, apresenta-se simplificada na estruturação frásica, dando preferência a períodos curtos, com vocabulário simples. O trabalho no Grupo de Convivência tem facilitado uma (re) construção da sua linguagem, em seus diferentes níveis de realização enunciativa, pela formação de uma imagem de si menos negativa, perante outro em similar condição;

- na oralidade desses sujeitos, pode-se verificar que Cravo, Flor e Bromélia formulam suas frases, assumindo que seu interlocutor, em geral, não partilha de seu contexto patológico, preferindo a não verbalização de sonhos e desejos, tendo em vista sua dificuldade em ser compreendido;

- as limitações na produção discursiva dos sujeitos da pesquisa interferem nos aspectos sociais, afetivos e profissionais, mas não lhes tira a subjetividade discursiva;

- o outro, o “TU”, contribui, de modo incisivo, para a (re)construção da linguagem do afásico, corroborando o princípio do dialogismo defendido pela teoria bakhtiniana.

Assim, a linguagem dos afásicos é um processo multifacetado, no qual devem ser levados em consideração os acometimentos causados pela patologia, mas, enfaticamente, a repercussão no processo comunicativo do indivíduo.

Chama-se a atenção sobre o fato de que as perdas nos processos linguísticos de Cravo, Flor e Bromélia não são tão graves, mas, mesmo assim, o impacto ocasionado nas suas rotinas significativas de vida é avassalador. Os três indivíduos são semidependentes nas suas atividades de vida diária, apresentando poucas perspectivas.

Fazer a relação do sujeito afásico com o mundo que o cerca, rever os processos de enunciação desses sujeitos em seus discursos sociais é uma contribuição deste estudo para a ciência, no sentido de possibilitar novas reflexões e paradigmas no tratamento da afasia. Nesta tese, verifica-se que a concepção teórico-prática dos processos linguísticos envolvendo a afasia deve priorizar a inter-relação entre sujeito, linguagem e mundo.

As produções discursivas de Cravo, Flor e Bromélia vão além de uma simples necessidade de serem enunciadas; o seu papel perpassa essa dimensão, ao desejar ser reconhecido enquanto sujeito, mesmo diante das suas limitações linguísticas.

Em vários momentos, destaca-se uma relação muito íntima entre linguagem, histórico de vida e de mundo, no decorrer de suas enunciações, ratificando que a linguagem verbal não serve apenas como comunicação: seu papel vai mais além. O afásico a utiliza para expressar sua dimensão humana e reconhecer suas diferentes necessidades no dia-a-dia, confirmando, também, que ela serve para conhecer, interpretar e transformar o mundo e, acima de tudo, permite ao homem transmitir informações de suas práticas histórico-sociais.

Nesse paradigma, vê-se a afasia no itinerário social do sujeito afásico, no âmbito dialógico, na relação indivíduo-sociedade. Isso possibilita aos afásicos uma aproximação do seu cotidiano, da sua produção social e de vida, bem como uma conquista em sua qualidade de vida. Se, de início, o afásico, ao utilizar a linguagem em seu contexto social, restringe-a a

pequenos grupos e aos seus familiares, os profissionais que trabalham, individualmente, com esses sujeitos não se utilizam da ferramenta coletiva para as suas produções linguísticas. Propõe-se, aqui, que os profissionais que lidam com a afasia alicercem suas práticas em parâmetros relativos às condições de vida dos sujeitos, ou seja, que a produção discursiva desses indivíduos seja realizada de acordo com as realidades de cada um.

Os resultados aqui encontrados apontam os trabalhos em grupos de convivência para os afásicos como facilitadores para propiciar suas produções discursivas, mas, desafortunadamente, ainda são poucos os grupos de convivências implantados no Brasil, ficando, como proposta deste trabalho, a implantação e implementação de novos grupos de convivência, bem como pesquisas sobre o trabalho em grupo, para a formação das práticas discursivas no afásico, visto que, nos diversos discursos dos nossos sujeitos, destaca-se a importância do grupo de convivência para as suas produções de vida, para novas construções das redes sociais, como também para a sua (re)inserção social.

Essas conclusões podem vir a contribuir para o incentivo à participação interativa do afásico, confrontando-se ele na reação sobre os estigmas da cultura, de modo a demonstrar que sua limitação linguística não o impede de contribuir para a ampliação e mudança de valores, de que se acha impregnada a sociedade.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, R.; VICTOR, M. **Princípios de Neurologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.
- ADRIÃO, K.G. **No mar dos sentidos** – linguagem, cognição e experiência no contexto de construção do conhecimento social. 2000. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística). Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2000.
- AGOSTINHO, Santo. **Confessions**. Paris: Les Belles Lettre, 1989.
- AIMARD, P. **A linguagem da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- ALBUQUERQUE, S.H. Acidente vascular encefálico. *In*: TEIXEIRA, E. *et. al.* **Terapia ocupacional na reabilitação física**. São Paulo: Roca, 2003.
- ALVES, L.M. *et al.* **Aspectos temporais e entonativos na leitura e compreensão de crianças com transtorno de aprendizagem**. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. São Paulo: v. 11, n.3, p. 151-7, jul/set 2006.
- ANDRÉ, Marli Eliza D.A. **Etnografia da prática escolar**, São Paulo: Papirus, 1995.
- ANDREY, N. A. *et al.* **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. 10 ed. Rio de Janeiro: UDU, 2001.
- ARANTES, L. **Quem é o outro?** *In*: VI Semana de Estudos de Fonoaudiologia. São Paulo, 1992.
- _____. O fonoaudiólogo: esse aprendiz de feiticeiro. *In*: LIER-DE VITTO M.F. (Org.). **Fonoaudiologia: no sentido da linguagem**. São Paulo: Cortez, 1994.
- ARAÚJO, Sônia Maria Silva. **Imagens de Discursos: um Estudo Analítico das Práticas Discursivas sobre Professores Primárias**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.
- ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas: as não coincidências do dizer**. São Paulo: Unicamp, 1998.
- _____. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- _____. Falta do dizer, dizer da falta: as palavras do silêncio. *In*: ORLANDI, Eni (Org.). **Gestos de Leitura: da história no discurso**. Campinas, São Paulo: Ed. UNICAMP, 1994.
- AZENHA, Maria da Graça. **Imagens e Letras: Ferreiro e Luria – duas teorias psicogênicas**. São Paulo: Ática, 1996.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- _____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992
- _____. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hecitec, 1993.
- _____. **A cultura popular na idade média e no renascimento: o Contexto de Rebelais**. São

Paulo: Hucitec, 1987.

BALINT, M. **O médico, seu paciente e a doença**. 2. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 1975.

BARROS, A. L. S. **O médico diante da afasia**: como a linguística poderá ajudá-lo? Dissertação (Mestrado) Terapia Ocupacional. São Paulo: PUC, 2000.

BARROS, C.A.S.M. Família magra, família purgativa. FILHO, J. M. (Org.) **Doença e família**, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

BARROS, Diana Pessoa de. **Dialogismo e Topologia do Sujeito**. In: Colóquio internacional: cem anos de Bakhtin. Mesa Redonda. São Paulo: USP/CNPQ/FAPESP, 1995.

BARROS, Diana Pessoa; FIORIN, José Luiz (orgs). **Dialogismo, polifonia, Intertextualidade**: em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp, 1994.

BASTOS, Antônio Hilton da Silva. **Leitura Oral na Sala de Aula**: um não silêncio. Dissertação (Mestrado). Centro de Letras da Universidade Federal do Pará, Belém, 1997.

BENVENISTE, E. **Problemes de linguistique générale II**. Paris: Gallimard, 1974.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção Social da Realidade**. Petrópolis: Vozes, 1993.

BERTONI, B.; STOFFEL, A.M.; WERNIGER, D. **Communicating with pictograms**: a graphic approach to the improvement of communicative interactions. *Aphasiology*, 1991. v. 5, n. 4/5.

BIAGGIO, Ângela M. Brasil. **Psicologia do Desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1988.

BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S. K. **Investigação científica em educação**. Uma introdução à teoria e ao método. Porto Editora, 1994.

BOSA, C.; CALLIAS, M. **Autismo**: breve revisão de diferentes abordagens. In: *Psicologia: reflexão e crítica*. v.13, n.1. Porto Alegre, 2000.

BRAIT, Beth. **As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso**. Dialogismo, Polifonia e intertextualidade. São Paulo: Edusp, 1994.

_____. **Enunciação e sentido em Bakhtin**. Colóquio internacional: cem anos de Bakhtin. Mesa Redonda. São Paulo: USP/CNPq/FAPESP, 1995.

_____. **Bakhtin**. Dialogismo e Construção do Sentido. Campinas: São Paulo, Unicamp, 1997

_____. **Bakhtin**: conceitos chave. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Bakhtin**: outros conceitos chave. São Paulo: Contexto, 2008.

BRANDÃO, Helena H. Negamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Unicamp, 1995

BRASIL, D. **Discussing discourse**. Birmingham: English Language Research, 1987.

BRONCKART, J.P. **Atividades de linguagem, textos e discursos**. São Paulo: EDUC, 2003.

BRUNER, J. **Atos de significação**. Tradução Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

- BRUST, J. C. M. Ataque Isquêmico Transitório. *In*: ROWLAND, L. P. **Tratado de Neurologia** – ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.
- CABRAL, Leonor Scliar. **Introdução à psicolinguística**. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- _____. **Introdução à linguística**. Rio de Janeiro: Globo, 1998.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione.
- CAPOVILLA, F. C. **Comunicação Alternativa e Facilitadora para as Afasias: Histórico de Pesquisa e Aplicação**. *In*: Ciência Cognitiva: Teoria, Pesquisa e Aplicação. São Paulo, 1997. v.1, n.1.
- CARAMURU, C.A.G. **Encantos da imaginação**. São Paulo: Com Arte, 1998.
- CARDOSO, C. A.; RODRIGUES, N. Idéia de ‘Sofrimento’ e Representação Cultural da Doença na Construção da Pessoa. *In*: DUARTE, L. F. D. (org.) – **Doença, Sofrimento, Perturbação: perspectivas etnográficas**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.
- CARVALHO, L. M.G. **Integração sensorial nos distúrbios de aprendizagem e nos distúrbios neurológicos da infância**. Apostila do curso de integração social da Universidade Federal de Pernambuco, 1997.
- _____. Terapia Ocupacional na reabilitação de pacientes neurológicos adultos. *In*: CARLO, M. M. R. P; LUZO, M.C.M (org). **Terapia Ocupacional** – reabilitação física e contextos hospitalares. São Paulo: Roca, 2004.
- CASAL, A. Y. **Para uma epistemologia do discurso e da prática antropológica**. Lisboa, Portugal: Cosmos, 1996.
- CASSEIRRER, Ernst. **Ensaio sobre o Homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- _____. **Linguagem e Mito**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- CASTILHO, A. T. Apresentação. *In*: KOCH, I.G.V. **Gramática do Português culto falado no Brasil**. Campinas: UNICAMP, 2006.
- CASTORINA, José Antonio; FERREIRO, Emilia; LERNER, Delia; OLIVEIRA, Marta Kohl. **Piaget – Vygotsky**: novas contribuições para o debate. São Paulo: Ática, 1996.
- CASTRO, Eliana de Moura Fausta Pereira de (org). **O Método e o Dado no Estudo da Linguagem**. Campinas: Unicamp, 1996.
- CAZACU, Tatiana Slama. **Psicolinguística Aplicada ao Ensino de Línguas**. São Paulo: Pioneiro Editora, 1979.
- CERVENY, C.M.O. Ciclo vital. *In*: CERVENY, C.M.O; BERTHOUD, C.M *et al.* **Família e ciclo vital**: Nossa realidade em pesquisa. Casa do Psicólogo, 1997, p. 11 - 117.
- CHARLOP, M. **The effects of echolalia on aquisition and generalization of receptive labeling in autistic children**. Journal of Applied Behavior Analysis, v. 16, ano. 1, Spring, 1983.
- CHARLOT, B. **Práticas languageiras e fracasso escolar**. *In*: Estilos da Clínica – Dossiê: Educação & Inclusão Escolar. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo: São Paulo, vol. 9, 2º semestre de 2000.

- CHARTIER, A. M.; HÉBRAD, J. **Discursos sobre a leitura**. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1999.
- CHOMSKY, Noam. **Diálogos**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- _____. **Language**. Nova Iorque: Harcourt, Brance & World, 1968.
- CLARK, Katarina; HOLQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- COELHO, O. M. A dor da perda da saúde. In: CAMON, V. A. A. (org). **Psicossomática e a psicologia da dor**. São Paulo: Pioneira, 2001.
- COLARES, Virgínia. **Inquirição na Justiça: estratégias linguístico-discursivas**. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 2003.
- COLLINS, R. C. **Neurologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997.
- COSTA, Ana Maria Nicolaci da. **Sujeito e Cotidiano: um estudo da dimensão psicológica do social**. Rio de Janeiro: Campus, 1987.
- COSTA, Cláudio. **Filosofia da Linguagem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- COSTA, Marissa Vorraber (org). **Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Porto Alegre: Mediação, 1996.
- COSTA, Iná. **Camargo. Dialogismo e Topologia do Sujeito**. In: Colóquio internacional cem anos de Bakhtin. **Mesa Redonda**. São Paulo: USP/CNPq/FAPESP, 1995.
- COSTA, Z; GURGEL, M. L. **Sobre a dinâmica da família na produção de um sintoma de linguagem**. Tese (Mestrado). PUC/SP, São Paulo, 1995.
- COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia: ser, saber e fazer**. São Paulo: Saraiva, 1996.
- COUDRY, M. I.; MORATO, E.M. **Aspectos discursivos da Afasia**. In: Cadernos de Estudos Linguísticos, n. 19, Campinas, IEL – Unicamp, 1990.
- _____. **Diário de Narciso** – Discurso e afasia. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- _____. **Letras de Hoje** – Estudos e debates de assuntos de linguística, literatura e língua portuguesa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1967.
- CRYSTAL, David. **Dicionário de Linguística e Fonética**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1988.
- CUNHA, Maria Isabel da. **O Bom Professor e sua Prática**. Campinas: Papyrus, 1992.
- CUNHA, M. C. **Questões da linguagem na clínica fonoaudiológica**. Comunicação apresentada no I Simpósio sobre comunicação. São Paulo: DERDÍC/PUCSP, 1992.
- _____. **Fonoaudiologia e Psicanálise: a fronteira como território**. São Paulo: Plexus, 1997.
- DANIELS, Herrey (orgs). **Vygotsky em foco: pressupostos e desdobramentos**. São Paulo: Papyrus, 1994.
- DAVIES, P. M. **Passos a Seguir** – Um Manual para o Tratamento da Hemiplegia no Adulto. São Paulo: Manole, 1996.

DEJOURS, C. **Psicodinâmica do trabalho**: uma contribuição da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas 1994.

DELAS, Daniel. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1997.

DE LEMOS, C. T. G. **Progressos metafóricos e metonímicos**: seu estatuto descritivo e explicativo na aquisição da língua materna. São Paulo: PUC, 1999.

DAHLKER, R. **A doença como caminho**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

DIJK, Teun A. van. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

DONALDSON, Margaret. **A mente da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. **Em busca de uma alternativa à noção de desenvolvimento na interpretação do processo de aquisição da linguagem**: Parte II. São Paulo, 1999 b (mimeo).

DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. **Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

EGGERS, O. **Terapia Ocupacional no Tratamento da Hemiplegia do Adulto**. Rio de Janeiro: Colina, 1984.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. London; New York: Routledge, 2003.

_____. **Discurso e mudança social**. Brasília: UNB, 2001.

FALKHE, D; DIEHL, J. A; WAGNER, A. Satisfação conjugal na atualidade. *In*: FERES-CARNEIRO, T. (org.). **Família e casal**: efeitos da contemporaneidade. Rio de Janeiro: PUC.

FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto de (orgs.). **Diálogos com Bakhtin**. Paraná UFPR, 1996.

FAUCONNIER, Gilles; SWEETSER, Eve (Editores). **Spaces Words and Grammar**. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

FILHO, J.M. Doença e família. *In*: FILHO, M.J; BURD, M. **Doença e família**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 1993.

_____. **As astúcias da Enunciação**. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

FLORES, A.M. **Muito prazer!** Rio de Janeiro: Blocos, 2004.

FONSECA, S.C. **Afasia: a fala em sofrimento**. Dissertação (Mestrado) - Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas. Universidades Católicas de São Paulo, 1995.

FONTANA, Mônica Zoppi. **Enunciação e sentido em Bakhtin**. Colóquio internacional: cenas anos de Bakhtin. Mesa Redonda. São Paulo: USP/CNPQ/FAPESP, 1995.

_____. **Signo ideológico versus interação comunicativa: o social e o ideológico nas teorias da linguagem**. In: Caderno Cede, nº24. Campinas: Papyrus, 1991.

FONTANA, Roseli A. Cação. **A linguagem e o outro no espaço escolar: Vigotsky e a construção do conhecimento**. Campinas: Papyrus, 1993.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: o cotidiano de professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Regina. Análise da afasia sob uma perspectiva discursiva. In: PASSOS, Flor Consuelo (org). **Terapia Ocupacional: Recriando seus sentidos**. São Paulo: Plexus Editora, 1996.

FREITAS, Maria Tereza de Assunção. **O Pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil**. São Paulo: Papyrus, 1994a.

_____. **Vygotsky e Bakhtin – Psicologia da Educação: um intertexto**. Juiz de Fora, MG: Ática, 1994b.

_____. **Bakhtin e a Psicologia**. Diálogos com Bakhtin. Mesa Redonda. Paraná: Editora UFPR, 1996.

_____. **Bakhtin e seus Interlocutores**. Colóquio internacional: cem anos de Bakhtin. Mesa Redonda. São Paulo: USP/CNPq/FAPESP, 1995.

FREUD, Sigmund. **A interpretação das afasias**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

FRIGOTTO, Edith Ione dos Santos. **Concepções de linguagem e o ensino da língua materna: do formalismo ensinado ao real ignorado**. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Educação, PUC, Rio de Janeiro, 1990.

GADAMER, Hans-Georg. **I Verdade e Método – Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Petrópolis: Vozes, 1998.

GARDNER, HOWARD. **A criança pré-escolar: como pensa e como a escola pode ensiná-la**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. **A nova ciência da mente: uma história da revolução cognitiva**. São Paulo: USP, 1995.

GARNIER, Catherine; BEDNARZ, Nadine; ULANOVSKAYA, Irina (orgs.). **Após Vygotsky e Piaget: perspectiva social e construtivas das escolas russa e ocidental**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

GOMES, I.C. **O sintoma da criança e a dinâmica do casal**. São Paulo: Escuta, 1998.

GOMES, J.G.F. Família e bioética. In: CERVENY, C.M.O. **Família e Sociedade**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

GOFFMAN, E. Estigma e identidade social. In: GOFFMAN, E. **Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

GREENE, Judith. **Pensamento e Linguagem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

GROTBERG, E.H. Introdução: novas tendências em resiliência. In: MELILLO, A.; OJEDA, E.N.S *et al.* **Resiliência – descobrindo as próprias fortalezas**. São Paulo: Artmed, 2005.

- GUIRAUD, P. **A linguagem do corpo**. São Paulo: Ática, 1991.
- HABERMAS, Jürgen. Tendências de Juridicização. Trad. Pierre Guibentif, *in Sociologia – Problemas e Práticas*, nº 2. São Paulo: Rocca, 1987.
- _____. **Consciência Moral e Agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- _____. **Agir Comunicativo e Razão Destranscendentalizada**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.
- HACKER, P. M. S. **Wittgenstein: sobre a natureza humana**. São Paulo: UNESP, 2000.
- HANLYN, W. **Uma história da filosofia ocidental**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1990.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- HELMAN, C. G. **Cultura, saúde e doença**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- ISMAEL, S. M. C. A família do paciente em UTI. *In: FILHO, J. M.; BURD, M. (org). Doença e Família*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- JAKOBSON, Roman. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. *In: Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- _____. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- JAKUBOVICZ, R. **Introdução à afasia: Elementos para o diagnóstico**. Rio de Janeiro: Revinter, 1996a.
- _____. **Teste de Reabilitação das Afasias**. Rio de Janeiro: Revinter, 1996b.
- JAPIASSU, Hilton. **Introdução à epistemologia da Psicologia**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- KESSEKRING, Thomas. **Jean Piaget**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- KOCH, Ingedore Villaça. **A Inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2003.
- KOCH, Ingedore Villaça; CUNHA LIMA, Maria Luíza. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. *In*.
- MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. (Orgs) **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**, vol. 3. São Paulo: Cortez, 2004.
- KONDER, L. **O futuro da Filosofia da práxis: pensamento de Marx no século XXI**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- KRAMER, Sônia. **Por entre as pedras: arma e sonho na escola**. São Paulo: Ática, 1993.
- LAFAYETTE, M.I.P. **Doença e família - O sentimento da família no processo do adoecimento**. Recife: Fasa, 2007.
- LAJONQUIÈRE, Leandro de. **De Piaget a Freud: a (psico)pedagogia entre o conhecimento e o saber**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- LANCMAN, S. Psicodinâmica do trabalho. *In: CAVALCANTI, A. G.; GALVÃO, C. Terapia Ocupacional – fundamentação prática*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky e Wallon: Teorias psicogenéticas em Discussão**. São Paulo: Summus Editorial, 1992.
- LEGRAND, Gerrard. **Dicionário de Filosofia**. Lisboa: Edições 70, 1983.
- LEITE, Luci-Banks (org). **Percursos Piagetianos**. São Paulo: Cortez, 1997.
- LEITE, Maria Isabel F. P. **No campo da linguagem, a linguagem do campo – o que falam de escola e saber as crianças da área rural?** Dissertação (Mestrado) – Departamento de Educação, PUC, Rio de Janeiro, 1995.
- LEONTIEV, Alexis. **O Desenvolvimento psiquismo**. Lisboa: Horizonte Universitário, 1972.
- LEVY, T. O corpo à superfície. *In*: Marcos, M. L.; T. CASCAIS, A. F. (org.). **Revista de comunicação e linguagem: Corpo, técnica, subjetividade**. Lisboa, 2004.
- LIDCHI, V.; EISENSTEIN, E. Adolescentes e famílias no contexto medico *In*: FILHO, J. M; BURD, M. (org). **Doença e Família**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- LIANZA, S. **Medicina de Reabilitação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.
- LUNA, C; DIAS L. B. *et al.* **O Papel da Plasticidade Cerebral na Fisioterapia**. Disponível em: <<http://www.cerebromente.org.br>> Acesso em: 22. out. 2007.
- LURIA, A. R. **Desenvolvimento Cognitivo: seus fundamentos culturais e sociais**. São Paulo: Icone, 1970.
- _____. **Fundamentos de neurolinguística**. Barcelona: Toray Maasson, s.a. 1980.
- _____. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: Ícone – USP, 1988.
- LYONS, Jonh. **As idéias de Chomsky**. São Paulo: Cultrix, 1970.
- _____. **Linguagem e Linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- MACHADO, A. **Neuroanatomia Funcional**. 2º ed. São Paulo: Atheneu, 2002.
- MACHADO, Irene. **O romance e a voz: a prosaico dialógica Mikhail Bakhtin**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- MAHMOUNDIAN, Mortéza. **A linguística hoje**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- MAIA, D. G. **Comunicação alternativa suplementar**. Disponível em <http://infoesp.vilabol.uol.com.br/filosof1.htm>. Acesso em 20.set.2004.
- MAIA, Eleonora Motta. **No reino da fala**. São Paulo: Ática 1986.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- MARCONDES, Danilo. **Filosofia Analítica**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- MAYBERRY, R. **If a chimp can learn sign language, surely my non-vebal client can too**. American Speech and Hearing Association, vol. 8, 1969.

- MELILLO, A.; ESTAMATTI, M.; CUESTAS, A. Alguns fundamentos psicológicos do conceito de resiliência. *In: MELILLO, A.; OJEDA, E.N.S et al. Resiliência – descobrindo as próprias fortalezas.* São Paulo: Artmed, 2005.
- MINAYO, M. **O desafio de conhecimento.** Pesquisa qualitativa em saúde. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- MOLLICA, Maria Cecília. **Introdução sociolinguística variacionista.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- MONTEIRO, Mariangela da Silva **Nas relações dialógicas: O cotidiano de uma classe especial.** Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, UERJ, Rio de Janeiro, 1985.
- _____. Crianças e linguagem no contexto especial: um estudo etnográfico. **Infância: fios e desafios da pesquisa.** São Paulo: Papyrus, 1996.
- MOORE, K. **Embriologia Básica.** Rio de Janeiro: Interamericana, 1976.
- MOORE, K.; DALLEY, A. F. **Anatomia Orientada para a Clínica.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001. cap. 9. p. 964 – 990.
- MORATO, E.M, *et al.* **Sobre as Afasias e os Afásicos: Subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de afásicos.** São Paulo: Editora Unicamp, 2002.
- MORATO, Edwiges Maria. Neurolinguística. *In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras, v.2 – 5. ed. – São Paulo: Cortez, 2006.*
- MOREIRA, Marco Antônio. **Ensino e Aprendizagem: informes teóricos.** São Paulo: Editora Moraes, 1992.
- MURDOCH, S. E. **Desenvolvimento da fala e distúrbios da Comunicação.** Rio de Janeiro: Revinter, 1997.
- NARDI, H.C. O Ethos Masculino e o Adoecimento Relacionado ao Trabalho. *In: DUARTE, L.F.D.; LEAL, O. F. (org). Doença, Sofrimento, Perturbação: perspectivas etnográficas.* Rio de Janeiro: Fio cruz, 2001.
- NICOLETTI, S. **Ler e estresse.** Lesões por esforços repetitivos. Fasc. 3, São Paulo: Bristol Myers Squibb, 1996.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: Aprendizagem e desenvolvimento - um processo sócio-histórico.** 4.ed. São Paulo: Scipione, 2001.
- _____. Vygotsky e o processo de formação de conceitos. *In: Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.* São Paulo: Summus, 1992.
- OLIVEIRA, Rui de. **Neurolinguística e aprendizagem.** São Paulo: Respel: 2002.
- OLIVEIRA, S. et al. **O comunicar da Comunicação.** São Paulo: Lovise, 1998.
- OLIVEIRA, Zilma de M. Ramos (org). **A criança e seu desenvolvimento: perspectiva para se discutir a educação infantil.** São Paulo: Cortez, 1995.
- _____. **Interações sociais e desenvolvimento: a perspectiva sócio-histórica.** Cadernos Cedes, nº 35, Campinas: Papyrus, 1995.

_____. **Educação Infantil**: muitos olhares. São Paulo: Cortez, 1994.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A Linguagem e seu Funcionamento**: as formas do discurso. São Paulo: Pontes, 1987.

_____. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993

_____. **Dialogismo e Topologia do Sujeito**. Colóquio internacional: cem anos de Bakhtin. 1995, Mesa redonda. São Paulo: USP/CNPQ/FAPESP, 1995.

PATTO, Maria Helena Souza. **A criança-objeto na pesquisa psicológica**. Cadernos de pesquisa, nº31, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1979.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2 ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1975

_____. **Remontémons de Foucault a Spinoza**. El discurso político. Universidad Nacional Autónoma de México. Nueva imagem, 1980.

PERRONI, Maria Cecília. **Desenvolvimento do Discurso Narrativo**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PIAGET, Jean. **A linguagem e o Pensamento da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **A formação do simbolismo na criança**: imitação, jogos e sonho-imagem e representação. Rio de Janeiro: Guanabara, 1973.

_____. **A equilibração das estruturas cognitivas**: problema central do desenvolvimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

_____. **Jean Piaget**. Coleção Os Pensadores São Paulo: Abril Cultural, 1975.

_____. **A Noção de Tempo na criança**. Rio de Janeiro: Record Cultural, 1946.

PONZIO, J. *et al.* **O afásico convivendo com a lesão cerebral**. São Paulo: Maltese, 1995

PORTO, C. C. **Exame Clínico: Bases para a Prática Médica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

PULASKI, K. H. Disfunção Neurológica no Adulto. *In*: NEISTADT, M. E.; CREPEAU, E. B. **Terapia Ocupacional**: Willard e Spackman. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

RAMOS, M. Novas parcerias, novos conflitos. *In*: GOMES, P.B (org.). **Vínculos Amorosos Contemporâneos** – psicodinâmica das novas estruturas familiares. São Paulo: Callis, 2003.

RAPPAPORT, Clara Regina. **Do desenvolvimento**: conceitos fundamentais. São Paulo: EPU, 1981.

RASCH, P.J; BURKE, R.P. **Cinesiologia e Anatomia Aplicada**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1977.

RAVAZZOLA, M. C. Resiliências familiares. *In*: OJEDA, E.N.S; MELILLO, A. *et al.* **Resiliência** – descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005.

RIBEIRO, Vera Masagão. **Ensinar ou Aprender?:** Emília Ferreiro e a Alfabetização. Campinas: Papyrus, 1993.

RICOUR, Paul. **O si-mesmo com o outro.** Campinas. Papyrus, 1991.

ROLLAND, J.S. Ajudando famílias com perdas antecipadas. In: WALSH, F.; MCGOLDRICK, M. **Morte na família:** sobrevivendo às perdas. Porto Alegre: Artmed, 1998.

_____. Doença Crônica e Ciclo de Vida Familiar. In: CARTER, B.; GOLDRICK, M. *et al.* **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar** – Uma Estrutura para a Terapia Familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

ROSSI, C. Os novos vínculos conjugais: vicissitudes e contradições. In: GOMES, P.B. (org.) **Vínculos Amorosos Contemporâneos.** São Paulo: Callis Editora Ltda, 2003.

SACALOSKI, M. *et al.* **Terapia Ocupacional na Escola.** São Paulo: Lovise, 2000.

SACCO, R. Patogênese, Classificação e Epidemiologia das Doenças Vasculares Cerebrais. In: ROWLAND, L. P. **Tratado de Neurologia.** 2º ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

SANTOS, C.T; SEBASTIANI, R.W. Acompanhamento psicológico à pessoa com doença crônica. In: V.A.A.CAMON (ORG). **E a psicologia entrou no hospital.** São Paulo: Pioneira, 2001.

SANVITO, W. L. **Propedêutica Neurológica Básica.** São Paulo: Atheneu, 2002.

SARTI, C.A. **A família como espelho:** um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Cortez, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral.** São Paulo: Cultrix, 1995.

SCHNAIDERMAN, Boris. **Semiótica Russa.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

_____. **Dostoiévski:** prosa e poesia. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. Enunciação e sentido em Bakhtin. São Paulo, 1995. **Mesa Redonda.** São Paulo: USP/CNPQ/FAPESP, 1995.

_____. **Turbilhão e Semente:** ensaio sobre Dostoiévski e Bakhtin. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

SCHULTZ, Duane. **Histórica da Psicologia Moderna.** São Paulo: Cultrix, 1975.

SILVA, Ezequiel Theodoro de. **O ato de ler:** fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo: Cortez, 1996.

SILVA, Josenilda Maria Maúes da. **Espelho Líquido:** um estudo etnográfico do cotidiano de uma escola ribeirinha. Dissertação de Mestrado. PUC/SP, 1992

SILVA, M. A. D. **Quem ama não adoce.** 8. ed. São Paulo: Best Seller, 1999.

SILVA, Maria do Perpétuo Socorro Cardos. **Oralidade e Escrita:** análise prosódica da leitura oral na escola. Dissertação (Mestrado), Centro de Letras e Artes, UFPA, Belém –PA, 1997.

SILVA, T.T. **Identidade e Diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SIMMEL, G. **On individuality and social forma**. Selected Writings, Chicago: The University of Chicago Press, 1971.

SLOBIN, Dan Isaac. **Psicolinguística**. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.

SMOLKA, Ana Luiza B. Múltiplas vozes na sala de aula: aspectos da construção coletiva do conhecimento na escola. In: **Trabalhos de linguística aplicada**, nº24, Campinas IEL/Unicamp, 1991.

_____. **A prática discursiva na sala de aula**: uma perspectiva teórica e um espaço de análise. In: *Cadernos Cedes*, nº24, São Paulo: Cortez, 1990.

SMOLKA, Ana Luiza; GÓES, Maria Cecília (orgs). **A Linguagem e o Outro no Espaço Escolar**: Vygotsky e a construção do conhecimento. São Paulo: Papirus, 1993.

SOUZA, A. M. N. **A família e seu espaço**: uma proposta de terapia familiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1997.

SOUZA, M. T. S. Família e resiliência. In: CERVENY, C.M.O (org.). **Família e...** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

SOUZA, Solange Jobim. **Infância e Linguagem**: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin. São Paulo: Papirus, 1994.

_____. Mesa Redonda. Literatura: entre o mágico e o profano – **Os caminhos cruzados de Bakhtin e Calvino**. Diálogos com Bakhtin. Paraná: Editora UFPR, 1996.

STAM, Robert. **Bakhtin**: da teoria literária à cultura de massa. São Paulo: Ática, 1992.

SZYSMANSKI, H.; ALMEIDA; PRANDINI. Perspectiva para a análise de entrevistas. In: SZYSMANSKI (org). **A entrevista na pesquisa em educação**: a prática reflexiva. Brasília: Líber Livro, 2004.

TARALLO, Fernando (orgs). **Fotografia sociolinguística**. Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1989.

_____. **A Pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1990.

TITONE, Renzo. **Psicolinguística Aplicada**: introdução psicológica à didática das línguas. São Paulo: Summus, 1983.

TRIVINOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais** – A pesquisa qualitativa em educação. Atlas, 1992.

TOOLE, J. Etiologia e Patogenia. In: ROWLAND, L. P. **Tratado de Neurologia – Merritt**. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1986.

TURATO, E.R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa** – Construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

ULLAMANN, R. Aloysio. **Antropologia**: o homem e a cultura. Petrópolis, Vozes, 1991.

VAN DER MOURIK, M.; VAN DE SANDT- KOENDERMAN, W. M. E. Multicue. **Aphasiology**. editora1992. v. 6, n.2.

VERUSKYS, H. P.; Ajuste Psicossocial à Deficiência Física. *In*: TROMBLY, C. A. **Terapia Ocupacional para a Disfunção Física**. 2. ed. São Paulo: Santos, 1989.

VICENTE, R.M.P.S. Família e mudança. *In*: CERVENY, C.M.O. **Família e...** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

VIEIRA, C.H. **Um percurso pela história da Afasiologia**: Estudos Neurológicos, Linguísticos e Fonoaudiológicos. 1992. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná (inérita), Curitiba.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Comunicação**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. **Teoria e Método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WALLON, Henri. **L'évolution psychologique de l'enfant**. Paris: A. Colin, 1941.

_____. **Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa: Estampa, 1975.

_____. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1989.

_____. O papel do outro na consciência do eu. *In*: WEREBE, M. J. G. & NADEL-Brulfert, J. **Henri Wallon**. São Paulo: Editora Ática, 1985.

WALSH, F.; MCGOLDRICK, M. **A perda e a família**: Uma perspectiva sistêmica. *In*.

_____. **M. Morte na família**: sobrevivendo às perdas. Porto Alegre: Artmed, 1998.

WALSH, F. **Fortalecendo a Resiliência Familiar**. São Paulo: Roca, 2005.

WETSCH, J. V.; SMOLKA, A.L.B. **Vygotsky em Foco**: pressupostos e desdobramentos. Campinas: Papyrus, 1994.

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso**: ensaios sobre a crítica. São Paulo: EDUSP, 1994.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Trad. Marcos Montagnoli. Petrópolis, Vozes, 1994.

_____. **Investigações Filosóficas**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Coleção Os Pensadores.

WOOD, David. **Como as crianças pensam e aprendem**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WOODSON, A. M. Acidente Vascular Cerebral. *In*: TROMBLY, C. A.; RADOMSKY, M. V. **Terapia Ocupacional para Disfunções Físicas**. 5. ed. São Paulo, 2004.

WORDEN, J.W. **Terapia do luto** – um manual para o profissional de saúde mental. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

ZANDWAIS, Ana (org.) **Mikhail Bakhtin**: contribuições para a Filosofia da Linguagem e Estudos Enunciativos. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2005.

APÊNDICES

I - ENTREVISTAS

Entrevista 1 - Cravo

T- O que o Senhor pensa, sabe sobre a Afasia?

CRAVO Eu não tinha, não sabia a hora, não sabia. O meu carro, num andei com ele porque meu médico não deixou, passei seis meses sem, sem, sem andar com meu carro, porque o problema na cabeça, né, que eu tive um, A...V...C. Aí, aí eu, mas começou, começou deixa eu dizer tudinho como aconteceu na minha vida? Só um..instante.

T- Pronto, pode falar.

CRAVO Começou no domingo, e eu morava sozinho no meu apartamento, lá no. Aí de repente, eu tava vendo o jogo no domingo, aí mais ou menos depois do jogo, umas seis e meia pra sete horas, aí minha filha, minha filha, minha filha ligou do Rio, dizendo que, que falou comigo. Aí com dez hora, dez minutos eu já tava que não sabia que aconteceu. Fiquei feito um babaca, liguei o telefone aí disse pra ela: "oi minha filha, você tá bem?" aí ela disse: "tá tudo bem" e você, tá tudo bem e você (pausa). Aí minha filha, aí começou ficou chorando, eu não disse mais nada eu só dizia isso. Aí ela pegou o telefone, aí ligou pra, pra Mustadinha. Aí minha filha, que é do Rio, aí pegou e ligou pra lá. Aí eu disse: "poxa minha filha nem quer falar comigo, não sei porque, tal" aí tudo bem, fiquei em casa fiquei num, fui tomar café. Aí depois quando foi umas nove horas mais ou menos, aí chegaram três carros; minha família todinha. Aí veio meus irmãos. Aí entraram no apartamento, todo mundo lá, ficou lá. Aí eu fiquei até umas onze horas mais ou menos, aí nós fomos pra, pra Caxangá, num, num euro, num negócio de cabeça lá em Caxangá (pausa). negócio da cabeça — neurologista. Aí eu fiquei lá até, até uma hora foi que foi todo mundo, só ficou minha, minha, minha irmã mais velha. Aí, eu fiquei internado lá; aí fiquei, o pessoal foi todo embora. Aí pronto. Aí quando foi um "quat", aí eu já tava, fiquei, fiquei interno lá. Essa, essa minha filha que ligou do Rio, aí pegou o avião e veio quatro e meia pra cinco horas ela chegou. Aí ela veio e foi minha filha comigo e ficou minha filha ficou comigo, já no, na segunda-feira, do domingo pra segunda; aí ficou comigo, minha filha querida, aí foi uma alegria comigo, fiquei com ela comigo. Aí passei umas duas semanas lá, depois ela foi embora, tudo bem, e eu fiquei lá, né, mas ela aí foi lá pra casa, aí depois foi que ela pegou o avião e foi embora depois e eu fiquei, internado.

T- O que o Senhor sentia? O que aconteceu com o Senhor nessa época no hospital?

CRAVO Eu não fazia nada, eu feito um, um não sei dizer, não sei falar direito, não, só dizia coisa errada e ficava pior que criança. Eu já sou feito uma, assim à maneira de falar assim.

Meu mundo é um fracasso. Sem falar, que eu su?Então era pior, não dizia nada, entendeu. Eu não faço nada doutor, passo o dia em casa (pausa), não presto pra nada.

T- Mas e quando o Senhor tava no hospital eles explicaram o que o Senhor tinha, lhe disseram o que acontecia com o Senhor?

CRAVO- Ah, a minha, minha irmã sabia dessas coisas, ela sabe dizer as coisas todinha, eu não sei falar direito porque meu remédio é tudo, é minha irmã que é ela que controla tudo isso, tem certos remédios, aí o de coração também, né, porque eu tive um infarto em 90, né? Às vezes acho que minha sou eu. Às vezes acho que minha sou eu. Ela fala bem, eu imito a falacha dela. Ela fala bonito Doutor. Aí com, com eu acho que porque eu fumava muito também, depois do infarto depois, depois. Isso foi de 90 pra cá, isso. Aí fiquei desse jeito, entendeu? Hoje, hoje, hoje eu tô muito bem. Hoje, eu tenho, eu agora tem eu não sei rezar, eu não sei cantar, eu gostava de cantar muito num canto porque não, não. Eu leio o jornal todinho, mas não sei o que tô dizendo, eu leio o jornal todinho, mas não sei o sentido. Se for jogar Sport e Santa Cruz, se eu não tô vendo a televisão se pegar o rádio assim, eu não digo se é o um ou se é dois; se o Sport é um ou se o Sport se ganhou, se apanhou, se. Eu não sei dizer se, assim, que o telefone. Assim, que eu disse pra você, pegar o telefone pra mim você tem que dizer o número dele, porque assim, né, pode ser que eu, daqui pra lá, posso me (pausa) lhorar, mas tem hora que não sei, entendeu?As pessoas têm uma idrelia que somos um pobre coitado, um incapacitado.

T- Como foi que o Senhor tava percebendo que tava evoluindo, não estava melhorando?

CRAVO Ah, porque eu tinha, eu tinha, justamente, eu tinha uma professora uma fono particular, uma professora, aí ia três vezes numa semana e nós e eu todo mês eu pagava, todo mês, aí foi, passei, passei, passei não sei quantos anos, não ficou com ela não. Aí depois foi que me botaram, minha filha que é, minha mulher que é enfermeira da, da [---], aí falou pra pegar essas meninos de estágios pra ser uma fone, pra ser uma fono. Aí pegou o valor, o valor, o valor é o cheque delas, aí foi, aí passei seis e sete, seis, uns seis meses. Já com seis meses, nós, é, L., uma moça L. de lá, é minha professora, é. Aí melhorou muito também sabe, mas com ela era bem, com a particular foi logo que coisou — iniciou — primeiro eu não sabia a hora, não sabia o tempo se é, se de manhã, se é meio, se é de tarde, se é de noite, eu tinha que dizer: "noite, noite, de manhã, à tarde"; tinha de dizer e não sabia nada disso, não sabia as frutas, não sabia dizer as frutas, também é que eu tive problemão, né, aí lá na fone lá, arrumou uma médica lá, dona M., arrumou uma, uma Doutor, de, de aí me deram um aparelho. Aí, aí nessa época também eu não sabia dizer as frutas pra escutar também, tava com muita coisa, hoje não, hoje eu tô bem melhor, muito melhor.

T- Mas o Senhor faz o que lá, as atividades que o Senhor faz com as meninas de fono?

CRAVO Com as meninas?

T- Sim.

CRAVO Não, isso aí foi agora começou agora já faz dois dias pela semana, pela terça-feira; só foi duas vezes, somente, mas, é negócio... Mas até agora, ainda não escrevi, não tô escrevendo ainda com ela, era pra ser quarta-feira, mas eu não fui quarta-feira. Não presto pra nada... É (PAUSA). Não só nada, não faço nada. Gosto de ler e escrever, de ajeitar minhas coisas... Pareço um boneco, dependendo dos outros, não só compreendido. Nem escrevo, antes era escreveu, sabia escrever. Gosto das palavras elas remetem significados, ô, o problema é como o outro vai entender. Imagina que falo uma palavra e o outro pode dar outro significado. Quero ter amigos para sair. Hoje tenho dificuldades de sair de casa. O povo tem vergonha de mim.

T- Mas o Senhor consegue escrever?

CRAVO Meu problema é esse, eu, agora eu tenho, no dia da mulher ela tava lá, L., minha professora, quando chegou lá, eram dois dias, aí quando eu cheguei lá, aí chegou, passou o dia da mulher eu não disse nada a ela porque, porque eu pegava o rádio, peguei a nota fiscal, imprimir assim, e não saía nada, não saía a frase que eu quero, aí terminou e eu não disse nada, aí quando chegou lá eu disse a ela, né, aí ela: "Porque você não pegou esse papelzinho e não guardou essas coisas, tudo isso?" Porque era bom pra mim foi, até a outra menino também que falou também né, eu não sei o nome dela essa daí é que vai ser terça-feira é que vai... não sei o nome tem haver com seu lindo nome assim, aí pronto e o meu problema, essa menino, que eu ainda posso melhorar só depende de vocês pra eu, pra eu, porque eu não sei cantar, eu cantava seis, sete músicas; a música de Roberto Carlos, eu sabia essas músicas dele todinho e eu gosto e hoje não, não tem jeito. Gostava do meu lazer, de passear com meus amigos, beber minha cachaça. O mundo fica sem graça, ainda bem que tem o grupo.

T- O Senhor foi percebendo que estava com dificuldade em algumas coisas, foi percebendo que não tava conseguindo escrever, não estava conseguindo cantar as músicas, foi de repente ou foi devagarzinho que foi acontecendo com o Senhor?

CRAVO Não, foi mais, foi mais que começou, começou com a, com a professora de lá, que arrumou. Minha, minha, minha, minha filha antes de falar com ela, me chamou, me levou, me levou pra aquele hospital do governo que fica em candeias tem um hospital lá. Aí tinha uma doutora lá, aí ela, foi ela que tentou e ainda passei umas duas semanas, mas ela ia, ia entrar, ela ia entrar de férias, tudo isso. (pausa) Aí uma doutora disse: "então você arruma uma moça também, uma moça pra, pra melhorar, né, porque você, falta muita coisa pra você ser; tenha

muita calma.” E eu chorava muito e nesse tempo e eu choro, chorava muito; hoje não, hoje eu tô bem melhor, mas se me aperrear, eu choro mais ainda, aí eu choro, mas eu chorava mais, demais mesmo.

T- Mas o Senhor sente dificuldade de falar com as pessoas, se comunicar?

CRAVO É porque tem hora, não sei nada, não quero. Numa, numa, numa conversa, num negócio, piada, não sai. E por aí vai às coisas, né? É, é, um pensar, não consigo, não sai, não, não, não tem sentido correto. Isto me atrapalha me deixa inseguro. Gostaria de fazer tudo sem os outros. Ir ao supermer..., passear só, (pausa). Às vezes falo uma palavra sou entendido, outras vezes...A palavra permite com que os outros me entendam as vezes . Às vezes utilizo o gesto, desenho, ao o outro me entende.

T- Como é sua comunicação, sua relação, com as pessoas no geral?

CRAVO Tem colegas meus assim que (pausa). Meus amigos sabe de mim, tem horas, às vezes, às vezes eles me gozam, eu também, aí eu continuo brincando com eles, mesmo sabendo que eles tão me gozando, tudo isso, mas às vezes (pausa). Mas é meus colegas, assim, eu é que gosto desse tipo de colega, não é, fazer o quê? Preciso de falar, debater com alguém, conversar, às vezes tô com eles, aí, entendeu, são amigos (pausa). Bem defronte de casa, tem uma loja, aí eu fico brincando com eles, de jogo, essas coisas, tudo bem, gozando também. E eles gozam, eu gozo também, mas são meus amigos, eu aceito, eles sabem que eu sou doente.

T- E com as outras pessoas desconhecidas, como é sua comunicação com elas? O que você gosta de fazer?

CRAVO É preciso que eu diga, o que digo pra você; tenho que dizer que sou doente que eu não sei falar direito, tem hora que não sei falar direito aí o camarada: “ah você tá bem”. Sou excluído porque não consigo falar tudo, às vezes tem um grupoo, quero falar, mais não mês sinto à vontade. Sou colocando para escanteio por não falar. Gostaria de voltar a falar , para volta viver. Às vezes eu tô. Ele dizendo essas coisas, diz alguma coisa boa pra mim. Mas tem hora que eu mesmo, entendeu, que eu não posso, o motorista acha; então assim, eu ando junto, eu entro pela frente; eu tenho a carteira por invalidez, eu tenho a carteira. Aí ele: “deixa eu ver”. Ele falando e eu, se eu disser, não sei dizer o que ele tá falando às vezes. Eu quero conversar com ele, mas eu não sei, não conheço. Aí falo assim, porque eu falando, tá entendendo como é? Por isso que eu digo, pessoas que eu não conheço, por isso que eu digo, afasta um pouco, afastar um pouco, mas não devo, não devo, deveria estar me comunicando com eles. Mas eu não conheço as pessoas, eu não posso estar feito estou com você porque o camarada vai até ficar, aí eu vou ter que dizer a elas que eu sou doente e tal. Eu estando numa

festa, não tenho que dizer, não posso dizer a todas as pessoas que entrem lá, eu chegar junto e dizer, eu sou afásico. Eu gosto de ir as festas, às vezes, mais não falo que eu sou. É bom, me faz bem.

T- O Senhor sente dificuldade pra se relacionar com as pessoas, para se aproximar das pessoas que o Senhor não conhece?

CRAVO Eu acho, só nuns lugares. Fui Professor, Antes de ter esse problema na minha cabeça... Eu, eu, eu fui um cara não sei porque, isso, isso me dói muito às vezes, entendeu, um falava comigo. Buscava compedi e no entendi mucho. Eu não sei, eu não sei porque, eu não sei porque as pessoas conversam... e eu... mas antes de, de, de, de ser, sem ser doente, eu era... Agora, eu vou jogar bola, ah eu vou jogar bola tal, aí conversava e tudo. “Tu vem, não fala, tu só faz jogar”. Não ligo e vou pra casa. Só vou beber agora.

T- Antes o Senhor costumava conversar muito ou era mais afastado?

CRAVO Eu já disse, só quando nas festas, quando, aí fora isso eu tô em casa, eu sou um cara que tenho medo da, da vio, da vio, da vio, como é que chama, da vio...

T- Violência.

CRAVO Tem hora que não sei falar pra dizer as coisas, tem horas que eu quero dizer as coisas, aí depois me dói pra sair essas coisas, pra dizer pra você.

T- Mas antes do seu problema o Senhor tinha muitos conhecidos, gostava de conversar, ter amizades, ir a festas, cantar, contar piadas?

CRAVO Não, não. Eu fui, éee. Não sei porque. Imagina, fica sem falar... Meu Deus, prefiro ficar sem as pernas.

T- Depois que aconteceu isso com o Senhor, o Senhor acha que piorou?

CRAVO Ah! Or, céu, era bem pior.

T- Hoje o Senhor acha que é pior conversar com as pessoas, estar se comunicando?

P- Seria, seria a mesma coisa.

T- É a mesma coisa?

CRAVO Eu acho que sim, tá certo? Porque, porque as pessoas não sei porque (pausa) não tô dizendo pra você? As pessoas que, “qual é, e qual, e tal e bbbzzzz”. Eu não sei porque, eu não bebia muito, eu acho que eu nunca bebi. Aí eu não era de mesa, não fui de mesa, assim pra bater um papo e (pausa), entendeu, assim, entendeu? Agora, pra tomar um guaraná, ficar numa mesa tal e também conversar com meus amigos ficava ali e depois saía, mas tá com assunto pra, eu não ia dizer nada, não ia dizer nada.

T- O Senhor acha que depois do que aconteceu isso com o Senhor, o que mudou em sua vida; mudou alguma coisa; a rotina é a mesma, o Senhor faz as mesmas coisas que fazia antes?

CRAVO É, hoje eu graças a Deus, hoje eu às vezes, minha irmã vai, um dia ela trabalha e outro tá de folga; eu tô com meu carro, meu carro, né? Aí eu saio com ela, vai dá um passeio, vai pra algum lugar com ela, tudo bem. Mas pegando meu carro só, pra assim, a não ser pra pescar sozinho, vou sozinho, pescar sozinho. Pego as varas aí pego meu carro, vou pra, aí eu vou pescar sozinho e fico até tarde, aproveito enquanto minha irmã não tá. Porque quando ela tá, vai dizer que eu to, vai dizer um bocado de coisa que ta errada, que eu to, coisa errada que eu tô fazendo coisa errada.

T- O Senhor falou que trabalhava antes, né?

CRAVO Mas isso em 90, faz muito tempo, passei 30 anos.

T- O Senhor se aposentou?

CRAVO Foi, por invalidez eu tive um infarto.

T- Ah, foi por conta do infarto que o Senhora parou de trabalhar.

CRAVO Fooi, foi eu saí com trinta anos, porque é como eu tô dizendo pra você, a saí com trinta e cinco anos, eu saí com trinta. E eu perdi 20% no meu, no meu, no meu, dinheiro porque me cortaram 20%. Isso me dói muito, porque eu pedi pra ficar doente, pra ficar doente e perder cinco anos meu?!! Foi trinta anos, como é que pode essas coisas no seu país da gente?!! Então isso, isso me dói (pausa). Isso é uma coisa que me dói. Aí (pausa) isso eu sei que não conserta, ele não conserta eu, o meu dinheiro, é uma porcaria, entendeu? Quer dizer, aí (pausa), Professor não ganha dinheiro, você é professo.

T- Mas foi logo depois do infarto que aconteceu aquela situação com sua filha, que o Senhor esqueceu?

CRAVO Naaão (pausa). Foi há muitos anos, eu andava com táxi, eu andava de carro.

T- O Senhor tinha quantos anos quando começou a esquecer?

CRAVO Uns quarenta e cinco nessa época. Foi em noventa. Eu tô com cinquenta e nove anos já. Já faz uns três anos que eu tive esse problema, entendeu? Por isso eu tô com a fone. A doutora não trabalha meu esquecimento, como posso fazer as coisas se não lembro. Assim, dependo dos outros.

T- Isso que está acontecendo com o Senhor, querer falar as coisas e não conseguir falar; que o Senhor quer cantar e não consegue, o que o Senhora sente?

CRAVO Dói muito, principalmente, aí meu Deus, ai, eu nem, nem posso dizer pra você, porque eu não, eu gostava de muito de cantar, ler as músicas, de ficar mais à vontade de dizer as coisas, no final de ano, entende? Quando eu tava afastado da minha, da minha esposa, entende? Eu, eu quando tava afastado dela entende? No final de ano, assim, eu ia pra casa do meu irmão mais velho e meu, meu, meu sobrinho pegava o violão e chegava aquela mão,

aquela na mão, da mão de Deus, aquela. Toda música gostava, ficar olhando, todo mundo, era muita gente e eu cantava pra ele, ele tocava e eu cantava pra todos eles, eu cantava. Então isso me dói (choro) eu gostava muito dessa música. Eu tenho num cartão do meu colégio eu tenho um caderno que tem essa música, mas eu não tem jeito pra, pra continuar, não é nem cantar, é ler. Eu leio, leio, mas não sei o que eu tô dizendo, a música, Roberto Carlos assim.

T- Quais são as dificuldades que o Senhor percebe depois que o Senhor passou a ter esses esquecimentos, depois desses problemas?

CRAVO Não, não, não não, eu, não, não. Eu não tive, esse negócio, como é que você falou?

T- As dificuldades que o Senhor percebe.

CRAVO Eu sei tudo, digo tudo, me lembro de tudo, mas assim, logo no começo, não sabia nem a hora, como é que pode? Imagine, entende? Esses trabalhos em grupo posso manifestar os meus valores, aprendo com o colega e sinto que isso vai me melhorando.

T- Mas o Senhor percebe dificuldades em agora ter que se adaptar em viver dessa forma, porque antes o Senhor lembrava de tudo, o Senhor cantava, lia, sabia a hora, e hoje está convivendo, como o Senhor vê as dificuldades de que era antes e agora, o que o Senhor vive?

CRAVO Antes, eu já falei pra você, antes, entendeu, eu cheguei ao ponto que não sabia nem o tempo, o que era de manhã e o que era à tarde; hora, também, essas coisas, minuto, não sabia hora, nada, entende? Então, fruta, não dizia nem as frutas, não sabia nem as frutas, não sabia. Pra botar num caderno, uma conta. Aí fui melhorando com a fone, fui melhorando, quase seis meses, devia ir lá, mas às vezes não podia, ficava doente, também a outra pessoa, mas, mas. Mas hoje continua esse, que eu disse a você, estou bem melhor, eu dizendo que tô bem melhor. Porque antes, tô sem me lembrar de tudo. Escrever é a única forma de ser compreendido. A gente fala.... é , fala é não se compreende. Sabe é como se nós não existíssemos. Dói muito..... (pausa). Ainda bem que eu tenho minha família, só resto eles (choro).

T- O Senhor consegue conviver melhor?

CRAVO- Justamente. Entendeu? Entendeu? Minha, minha irmã confia em mim, sabe pra onde eu vou, entendeu, essas coisas, isso tudo que eu também penso, né?

T- O Senhor sai sozinho, não tem problema nenhum?

CRAVO- Não, não, mas eu que não gosto de estar sozinho, somente.

T- Por quê?

CRAVO Porque eu tenho medo de, porque antes, antigamente, eu sou da Polícia, como civil, eu sou administração, em administração, relações públicas, né, e eu pegava um livro, e quando chegava as, as pra formar os militares, tudo isso, uma festa que tinha no dia principal,

aí, aí o governador vinha. Então, com o tempo, eu já pego, no outro dia, eu já fazia o livro e dizia tudo o que aconteceu, eu dizia tudinho. Eu tinha um livro, his, his, um livro, história...

T- História?

CRAVO – Não, um livro histórica, histórico, um livro. Um livro que era pra essa, pra, pra dizer onde de tinha as coisas, entendeu? Que tinha uma festa dos militares, dia, dia, dia, da aeronáutica, dia 20, o 20, eu não sei, o 20 da aeronáutica; o dia, do dia da aeronáutica, tem, é o dia 20, agora eu não sei qual o mês, entendeu? O tempo. Então eu sabia de tudo, não é que eu esteja... é pelo tempo que eu já saí da aeronáutica, de noventa pra cá. Faz muito tempo, entende? Aí, aí me lembro às vezes, “danalátê” os colegas de aeronáutica já saíram também da aeronáutica, são aposentados, já saíram, entende? Aí, aí, às vezes falo com eles, mas nem o nome, nem, nem o nome deles, de alguns deles. Não, não, que eu não conheça todos eles.

T- Todos eles o Senhor sabe, não esqueceu ninguém?

CRAVO – Puxa, eu conheço todos eles, justamente.

T- Nome também, o Senhor sabe?

CRAVO– É, alguns eu sabe o nome, eu me lembro deles, que eu quando, que tão ain, da, da, ainda, tão na a ativa, entendeu? mas doutor, esqueço o nome dos meus melhores amigos, das pessoas que (pausa), acho feio quando falo fica parecendo estrangeiro e a grática não é correta. O trabalho no grupo tem me ajudado mucho. Às vezes, tem coisas boas que eu sei, mas tem, quando eu quero, não sai nada, quando eu quero. Mas quando não quero, sai. Se você conversar comigo, pode até sair até coisas boas, pode até dizer que eu nem disse, nem falou, nunca disse isso, né? O grupo tem me ajudado. Então tem hora que, que na saem as coisas. Você pensa que eu, tá acontecendo assim, que isso, isso aí é coisa boa e coisas que me doem, coisas que me doem. Isso é muito ruim pra mim. Tenho pena de mim e o meu futuro. Vou more como? Gostaria de ser independente, realizar minhas coisas sozinho, ser alguém que tivesse o direito de ser livre.

T- Muito obrigado

Entrevista 2 - Flor

T- A Senhora mora com quem, com sua família?

FLOR – É. Mamãe está no exterior, sozinho , menino. Aqui, mora a outra irmã e dois meninos; ainda tem dois meninos que já são casados. Eu moro com minha irmã, meus sobrinho, são lindos como você. São casados.

T- a Senhora gosta de fazer o que no seu lazer?

FLOR – Eu não era, eu era crente. Oh! Eu era católica e espírita também. Aí, mas eu vi que não era bom espírito não. Adoro apreender com os outros, participando da ileja, melho minha fala, mina cabeça, gosto de participar em grupo, aprendoo mais. Hoje não tenho amigos, as pessoa têm medo de mim. Gostaria de ter amigos, sair de casa, passar.

T- Teologia?

FLOR – Sim, menino! (risos) Ela chega foi assim, óo, foi menino! Mas toda, eu fiquei assim ó, assim óo, zeria, ôoo. Esse negócio deixa a gente assim toda...

T - Sem poder falar?

FLOR – Isso. Só é melhor uma coisa só. É como eu tô assim, menino, eu tô assim. Gosto de ler a bíblia.

T- Então quer dizer que a Senhora gosta de ler, de ler a bíblia?

FLOR – Isso. Estudar. Aliás, esse, esse curso que eu tava, teologia, era, é bom, mas ele, têm pessoas que lá onde eu estudei, tinha pessoas que eu ficava assim, sabe, porque parece doido, sei lá, ficava assim. Apesar que eu estudava também, não era? Você vê que você vê um pouquinho de (pausa)

T- A Senhora trabalhava ou trabalha?

FLOR – Não. Eu trabalho. Ôo, não, eu era B (banco onde trabalhava). Antes eu era Cilpe, depois fui outro lá, outro negócio ali, eu não consigo; outro. Depois eu fiquei telefonista, aí es, esse, como é como é, B., menina! Eu passei quase, eu ficava, fiquei uns cinco anos, sabe, cinco, cinco, cinco e quaaase ia ficar outro assim, aí eu ficou só o sentado, sabe? O que me dar desgosto esse bando de médico, ficam me tralhando como um imben....sei lá, é médicum para isso, entra numa porta, saí noutra. Ninguém aguenta. Quem sou euuu.(choro). Não tenho nada, perdi tudo, faloo feito doido. Ningém me respeita.não tenhooo valor nenhum, o que será do meu futuro. Estou acabada(pausa), estou feia, sem trabalho.

T- Quando foi que aconteceu seu AVC?

FLOR– Ó, menino, foi uma viagem porque eu fui à Jerusalém quatro vezes. O último, a, a menina, ée, é mulher de Pi, João Pessoa. Ela pegou todo mundo, roubou, até (pausa) Eu paguei dinheiro e quando eu vi o cartão, outro, outro, outro, ne, outro. Aí, até o pastores que já tinham, já tinham ido lá, quando eles viram, tava o, o grande, a conta. Olhe, foi aqui, foi em João Pessoa, Paraíba, não, outro lugar aí, e também outros lugares aqui, mas tirou mesmo, até Jerusalém, pegou também e disse que ela está, como é, parecero (pausa)

T– Desapareceu.

FLOR – Sim, menino. Engraçado, que ela, el, ela é irmã de um pastor também, lá em João Pessoa. Ela é e, e, e aconteceu isso, menina. Eles me vêem como uma desgralhada, incapaz .

T- E quando aconteceu seu AVC? Foi nessa época

FLOR – Foi, menino. O que, eu não sei porque eu fui isso, deixasse pra lá, deixa coisar, pagar, deixa assim, né? Aí eu fui lá no, como é, que tem, um menino lá que foi, que é até atrevogado.

T – Advogado?

FLOR – Sim. Aí eu fui lá, nós fomos, fomos, aí, aí foi lá. Ele já tava. Um de agosto, parece mentira menino, sabe? Um de agosto, de manhãzinha quando xixi, quando eu acordei, eu senti.

P - A Senhora estava em casa?

FLOR – Sim. Xixi, quando aconteceu isso. Aí, aí eu fui, aí ele, aí ele conversou pra mim, com, contou o dinheiro todinho, aí pagou tudo, mas ele, aí era, foi um outro, outro, outro, como é. Aí veio outra pessoa de lá de São Paulo, vindo duas pessoas que é resvale, como é? Foi roubado.

T – Roubado?

FLOR – Sim, aí elas, aí veio, pagou disse que não, que não ia, que ela não pode, ela tá, sabe, tá vencido. Aí não pode mais fazer nada.

T - Quando a Senhora teve o AVC, a Senhora estava sozinha, alguém lhe socorreu?

FLOR – Tinha, tinha a minha irmã. Alíás, eu tava sozinho, eu tava sozinha, aí quando, aí eu fui, era dois banheiro, um tava doa, a, o meu irmão banhando, e e, e e tinha o outro tava eeee, já pra trabalho, e a outra, ela, minha irmã, tava lá dentro de casa, mas tava cachorro na rua. Aí eu peguei, saí toda, eu já tava mais assim, aí saí, saí na sala, eu deitei. Quando minha irmã viu: “menina, o que é isso?!” Minha boca vinha aqui menina, aí eu não conseguia nada, sabe, menina, aí, aí chamou, cha, cha, o táxi, aí, levou pra, lá na. Esse menino, A., meu irmão é, trabalha lá também. Hospital da Res, [--

T – A Senhora passou muito tempo no hospital?

FLOR – Não. Não. Não chegou não. Mas é horrível lá, viu, menino? É cada coisa horrível lá na, na [---]. Depois, aí depois veio pra casa e tudo e ficou aqui com, aqui água aqui ó.

T- No cérebro?

FLOR – Sim. Aí veio a (pausa).

T – Uma cirurgia?

FLOR – Sim. Tem uma coisa aqui ó, válvula até o xixi, e muita gente tem esse negócio depois que dá esse negócio, AVC e aí fica assim eternamente até morrer. Não sei falar, o que será de mim? (choro). Meu mundo desabou, ninguém me entende. Pergunto quem sou eu? Um bicho aleijado, que fala uma língua esquesita.Olha, mas às vezes me entendem,é, é, é, me

entendem. Outra vez falo e eles entendem outra coisa. Eu falo colher eles entendem fome. Visse.

T- Fora a fono, a Senhora faz fioterapia, TO, faz o quê?

FLOR- É, faz aqui, sousé...É tudo mugto novo. Tenho que aprender a hala,hala. É tudo mugto novo. Dói, é uma barra.Tenho que começa.

T – Fisioterapia, fonoaudiologia?

FLOR – É. E a, a, outra (pausa).

P - Fisioterapia ou TO? A terapeuta?

FLOR – É. E faz também essa outra menina que foi. Fisioterapia.

T- A Senhora acha que está lhe ajudando, está melhorando?

FLOR - Ôxe menino, ôxe, antes eu era cadeira de rodas, viu, menino?

T – A Senhora faz mais o quê?

FLOR - Ah, e como é o nome daquele lugar? B. ali, tem outro, assim, é água quente.

T - Hidroterapia?

FLOR – É, é, é muito lindo. Ôxe, melhor muito já. Esse, esse, ele ta agora, agora, antes eu passei três, cinco anos em outro lugar e não era, não era nada!! Só comendo o dinheiro e tudo, e nada, minha filha. Ê, ê, ês, esse médico até, nem sequer não era não era mais coisa, menina. O, a,ss, chegava lá na cas, no olha pra gente...

T- A Senhora gosta daqui?

FLOR – Uma bênção!! É uma pena que só tem uma, duas vezes só. É uma vez só por semana aqui, viu? Aqui me sinto cidadã do mundo, sou escuta compreendida. Doutor e ruim não se entendida, gosto de interagir com as pessoas(pausa). Olhe, tem momento que fico rindo dos colegas, nos falamos feio, parece gringo.Comemos as palavras.(risos).O grupo tem ajuda a minha fala. Aqui não tenho medo de errar. Lá fora as pessoas acham que a gente é Bicho. Tem pena da gente, acha a gente um pobre coitado.

T- E depois que aconteceu o AVC com a Senhora, o que a Senhora sente?

FLOR – (pausa) Como assim?

T – Se a Senhora fica triste, se a Senhora...

FLOR – Não. Eu, eu, quando eu escuto que aconteceu isso, eu, aí eu digo, olhe, já que aconteceu, aí eu, eu, eu só, Deus ajuda, sabe, né, antes de eu, Jesus, Deus primeiramente e Jesus, e a, aí eu converso, converso, tudo pra a-nimar, sabe? Eu não sou, eu não vou entristecer pra ficar triste, que eu já sei, eu a, animar, eu, eu, de dentro de mim. Eu, animada, eu sozinho em casa, mas eu, eu, a, eu converso mesmo, comigo mesmo, só.

T- E sua família, lhe dá apoio, lhe ajuda?

FLOR – É. Minha irmã, a, ad, ade, ela vai, dá o dinheiro, é, as compras, sabe? Ela, a, tudo, aaa. Essa menina ajuda pra tudo, a comida, lavar os pratos... Apesar que eu ajudo, assim, lavar as pratos, arrumar a mesa, a, a cama, sabe? Eu vou, eu fico, óo. (risos)

T- E as pessoa de fora, amigos, vizinhos, a Senhora tem amizades, gosta de conversar?

FLOR- Tudo. A igreja

T – Na Igreja.

FLOR – Nã, na igreja, sim, a gente conversa, mas lá na u, na rua não, hoje é tudo trancado, menina, assim só “oi”, “oi”, assim, quando a gente vai assim, “oi, como é que vai?” Mas é tudo assim, den, cada uma com a casa, sabe, menino?! Quero vota a falar, tenho vergonha, ficoo incabulacha , quando vou falar com os outros.

T- Mas a Senhora gosta de conversar?

FLOR – Gostucho, às mais , é sempre conversar , é bom, gostucho, Nossa não(pausa).

T - É bem comunicativa?

FLOR – Gosto, menino, muito mesmo de conversar, mas as pessoas não querem conversar comigo, sabe, menino? Tem outra pessoa lá bem pertinho que ela é AVC também e ta, ela, ontem, anteontem ele veio aqui. Ele era, é policial, bichinho, ele tá de cadeira de rodas mesmo, sabe? Ela ta, ela dá, ela conversa. A única só que conversa comigo, sabe? Aí ajudas, noto, parece que fica tudo com medo. (risos).

T- E a Senhora acha que mudou muito de antes o que a Senhora para hoje?

FLOR – É, ta, eu, as, assim, no trabalho, a gente cada coisa, assim a gente, cada coisa que a gente, são as pessoas, sabe. Mas lá, agora, eu tô mais ou, mais hoje. Aqui mesmo, na, (pausa) aqui, a gente, eu converso, a gente olho assim, eu vejo aquela pessoa tá muito triste, aí eu vou conversar, aí eu noto que essa pessoa... mais as vezes eu noto que ninguém que falar comigo, não presto para nada. As pessoas têm medo de mim.(choro)

T– Fica bem, porque a Senhora dá apoio (pausa) que tá passando pela mesma situação que a Senhora

FLOR – É, menino! A gente olha assim, cada uma que tá com um problema horrível. É, menina, aí a gente vai, conversa e diz: olhe eu tava de cadeira de rodas e fiquei melhor, já tá melhor e fica assim, e eu (pausa).sente bem

T – Sente-se bem.

FLOR – É, menino. Tem um menino aí, que ele tá todo assim triste, e eu digo, menino, deixa de, não vai assim, não faz desse jeito não, conversa, vai (pausa), aí eu noto que ele, ele nota que eu assim fico melhor. (pausa)

T - A Senhora mostra para as pessoas que está se esforçando e chega a onde a Senhora chegou, e tá aí tão bem, animada com sua recuperação.

FLOR – Isso, menino! Muitas vezes ninguém me entende o que falo. Acho bom escutar e serr...escutchada.Ouvir no gupo me ajudar muito, sinto que melhora.

T- A Senhora consegue entender o que a gente fala, direitinho? A Senhora tem dificuldade pra se comunicar?

FLOR – Fala! Agora eu, ess, essa, eu, com essas pessoas, vocês, aí, se eu falo, falo, mas não consigo, o que é que tá falendo, assim? (pausa). Ó, casa, eu já sei que é casa; feliz, é, eu quero falar uma coisa: é, hoje é o dia lindo. Eu não sei, assim, o .. Poxa, sou mesmo uma pobre coitachada, não, não, sirvo para nadaaaa.

T– Escrever?

FLOR – Sim; não sei.

T- Mas a Senhora tem dificuldade em ler?

FLOR- Ler. Tenho tem que me ajudar.

T – A Senhora tem dificuldade em ler e em escrever também?

FLOR – É.

Entrevista 3 - Bromélia

T-A Senhora pode falar um pouquinho sobre o que aconteceu?

BROMÉLIA-Essa doença horrível, horrorosa, atrapalha a vida da gente, a (pausa) deixa a gente toda atrofiada, toda encaramunada, desse jeito, eu tenho o maior desgosto da vida. Eu sou uma pessoa boa, mas hoje em dia (pausa e choro). Antigamente, é calada, não é, calada. Falo uma coisa, os outros entendem uma outra coisa. Prefiro ficar calada, é melhor. Um dia falei para a Doutora que estava pensativa, e ela me perguntou porque pensar, não adianta ficar pensado, ora não posso pensar. Ela entendeu que eu estava pensando coisa ruim, não era. Pensamento Doutora é coisa boa.(pausa).Eu fui internada, passei três anos, vai fazer três anos, passada da depressão, toda, toda entubada, cheia, cheia de aparelho. Quando eu saí, vim pra casa, do hospital, que eu tava naquele hospital grande, como é o nome dele? É um grande que tem, minha filha, o E., lembrei eu na cama com o médico, abrindo minha cabeça, o lençol tudinho, lembro de tudo e eu sem falar, eu com aquela borracha bem na garganta, tão horrorosa, o cabelo, meu cabelo era grande, cortaram, ficou curtinho, como estupim, como um cabelo pichaim. São um monte de gente querendo tratar a gente, uns diz uma coisa , outro diz

outa, um fala que o outro da errado, em que a gente deve confiar. Pareço uma boneca na mão de vocês. Vocês ficam brincando com a gente.

Eu acho que eu tô levando, hoje em dia eu tô bem, à vista do que tive, tô levando. Mas a perna, não domino a perna é morta, e o braço, também, é morto. Minha filha, pra pessoa se acostumar a fazer tudo e pra todo, ir pra todo canto, e fazer tudo o quanto quer, ter que se ver num canto assim, só esperando pelos outros, é horroroso, é horroroso, mesmo. Eu tenho muito desgosto na minha vida, muito (pausa). Não tenho amigos, ninguém que saber de mim. Gostaria de ter amigas. Você que ser meu amigu?

T - E sua família, como é com a Senhora?

BROMÉLIA – A minha família? Eu só tenho a minha filha, só conto com a minha filha e só.

P - E ela está sempre com a Senhora?

BROMÉLIA – Éee. Têm cariño. É, é, talvez a mim, não deixa eu, talvez de mão não, faz tudo por mim, elas.

T- E com as pessoas de fora, a Senhora tem uma boa relação?

BROMÉLIA- Tenho, assim, vai na minha casa, vai saber de mim, conversa comigo, dá esperança, aí se vão embora pra casa. Tem as visitas, tenho a visita de gente estranha tombem, que tudo fico, que me dão aquela força, aquela esperança, também, e eu tô aqui, fazendo todo o possível pra ver se eu volto o que era, mas eu acho que não, minha filha. Sabe Doutor o ruim interagir com os outros, mas sou metida falo mesmo, vejo que falando melhora minha fala. A falaaa melhora quando dialogou coooo os amigos.

T- Mas a Senhora não pode perder a esperança, não.

BROMÉLIA – Eu, eu, quando eu ganhei ps, a perna, eu ps, eu penso assim, se eu botar um aparelho nessa perna, mesmo do joelho pra baixo, eu, eu, eu penso que eu melhora. Eu vejo gente com perna morta que bota e depois volta a andar com aquele aparelho, mas o, o braço foi dado, foi dado mesmo que morreu, que, que o, o (pausa). Maço naum sou ninguém. Me sinto alejada, infeliz.(Choro).

T- E a Senhora trabalhava antes?

BROMÉLIA –Eu era Professora. Aí que tristeza. Essa palavra me lembra muita coisa boa em minha vida. (Choro). Eu era Professora. Professora Sinifica ser justa, honesta, é bom saber ensina,o,o,o, outro. Adoro vir ao gru..gru..Aqui só aceita,me sinto bem aprendo as coisas, só cidadã.

T- A Senhora está se esforça para voltar a ser o que era?

BROMÉLIA- Ah, , muito, muito mermo, as vei eu perco a esperança quando eu vejo minha perna assim, eu saio arrastando ela. Eu, pra mim, não volto mais a ser o que era não. Porque eu percuro ela o M. (pausa).

T- A Senhora se comunica bem com as pessoas, se relaciona bem com as pessoas?

BROMÉLIA – Eu entendo, entendo, agora eu entendo tudo.

P - Mas a Senhora antes, não entendia?

BROMÉLIA – Não, não falava nem nada. Quando tinha aqueles aparelhos, que um na, na, no estômago, vinha pela garganta pro estômago. Tinha outro aqui a, a, até atrás também, isso tudo foi tirado depois de dois anos.

T- A Senhora não falava por conta do aparelho ou porque não conseguia falar?

BROMÉLIA - Não conseguia falar, aí quando bo, botaram o aparelho, mas eu botava pouquinho, eu conseguia pouquinho, falava pouquinho. Todo mundo sumiu... parece que não só ninguém. Falo feio, engulo as palavras, é horrível. Como afásico fala feio, parece bicho. As pessoas tem pena de mim, me acham uma pobre coitada, uma aleijada.

T- A senhora ler e escreve?

BROMÉLIA – É, é, agora eu leio um pouco e tento escrever, os discursos das festas, faço escrito, e alguém ler(risos).Se eu for falar(pausa), ninguém vai agüentar ,três horas. Olha (pausa), sou incapaz, não faço nada.(Choro).

T- Então a relação com a sua família não mudou em nada?

BROMÉLIA - Não mudou em nada. Ficaram mais carente ainda. Meu dinheiro, é a mais velha que recebe, faz as compras pra dentro de casa. Me dão um pedacinho pra eu ficar na minha mão e o resto ela compra as coisas tudinho, o que falta. Tudo lá é por minha conta: água, luz, a casa, é o, o [---]; tudo é pago com o meu dinheiro, as minhas netas, tudinho vive tudo às custas do meu dinheiro; a casada também, que mora com três filhos.

T- Eu queria que a Senhora falasse um pouquinho do seu sentimento sobre tudo o que está acontecendo na sua vida?

BROMÉLIA - (longa pausa) O que é que eu sinto? Eu sinto o quê? Gostaria de voltar a falar direito (pausa), gostaria de ser independente. Participar de novos encontros. Fico com vergonha e medo de falar para o outro. Sinto falta da minha vida, antes da doença, lembro da minha infância boa, alegre, das brincadeiras de roda, das amigas, asolência, do meu cabelo, da minha vida.

T – O que a Senhora sente diante de tudo o que aconteceu?

BROMÉLIA - Muito desgosto, meu filho, eu tenho muito desgosto, de ser uma pessoa sadia e agora tudo o quando eu quero tenho que pedir aos outros, tudo na mão. Logo, perdi logo o

braço direito, fiquei com o esquerdo, tem hora, tem hora que eu pego as coisas e tem hora que cai da minha mão e é assim. Também tem hora que eu uso minhas jóias, aí tem hora que eu joga pra lá. Ninguém me entende, gosto de interagir, o que tem me ajudado é esse grupo de anjos que são vocês e os outros pacientes. Quando chego.. (risos), sou escutada, aprendo com a fala dos outros. Vejo que tem gente pior do que eu.

BROMÉLIA- Doutor não quero mais falar.

T - Ok, muito obrigado...

II - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - CNS 196/96

Convido o (a) Sr.(^a)_____ a participar do trabalho de pesquisa **O USO DA COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA E/OU SUPLEMENTAR NA AFASIA: UMA AÇÃO INTERDISCIPLINAR NA REABILITAÇÃO COGNITIVA**, cujo objetivo geral é verificar a contribuição da comunicação alternativa e/ou suplementar na reabilitação cognitiva (linguagem) na afasia; como objetivos específicos: analisar a importância da terapia ocupacional na reabilitação cognitiva (linguagem) dos sujeitos afásicos; a importância da prática interdisciplinar na intervenção terapêutica com sujeitos afásicos

A gravação dos nossos encontros só acontecerá quando autorizada por mim, Nesse caso, o conteúdo das fitas poderá ser transcrito pelo pesquisador, desde que sejam mantidos o sigilo e o anonimato.

Estou ciente de que os benefícios que terei decorrentes de minha participação não serão financeiros, mas pessoais. Da mesma maneira, compreendo que não terei qualquer ônus.

Minha participação nesse trabalho é voluntária e fui informado de que a qualquer momento poderei interrompê-la, se assim o desejar.

1. Concordo em participar do estudo sim não

2. Concordo com a gravação dos nossos encontros em fitas magnéticas, desde que seja mantido o sigilo e anonimato sim não

3. Concordo que se façam anotações sobre nossos encontros. Sim não

Assino esse termo de consentimento, após ter discutido a proposta de trabalho e conhecido os passos que serão seguidos, sendo esclarecidas minhas dúvidas.

Recife,.....dede 2007.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)